

Público



Eleições antecipadas Reino Unido vai a votos para limpar caminho do “Brexit”

Theresa May aposta nas sondagens para negociar nos seus termos com a UE

Anúncio-surpresa deixa Labour em pânico com possível derrota histórica

Destaque, 2/3 e Editorial

Governo aperta vigilância a negócios de políticos e familiares

Proposta de lei obriga empresas a vigiarem transacções de clientes que tenham desempenhado altos cargos públicos nos últimos 12 meses. Juízes, familiares e sócios também serão abrangidos **Política, 6/7**

Duplicam os médicos sem vaga na especialidade

Este ano há 1719 vagas para 2466 candidatos. Médicos formados lá fora tiram lugar aos que estudam cá **p12**



O dia em que Marcelo foi conhecer os seus mestres

Presidente da República reuniu-se à porta fechada com 14 intelectuais. Falaram sobre crises e democracia **p4**

Escolas têm de reportar casos de alunos não vacinados

Nem todas as escolas exigem o boletim de vacinas. E nenhuma pode impedir os alunos de se inscrever **p9**

Açores Portugal quer construir base espacial em Santa Maria **p24**

PAULO PIMENTA



Auditor repete alerta sobre valor excessivo do Montepio

Entidade liderada por Tomás Correia avalia participação no banco em dois mil milhões de euros. KPMG repete avisos que já tinha feito sobre contas de 2015 **p18**



HOJE A Guerra
Vol. 8 *Moçambique*,
prefácio de Cláudia
Castelo
Livro+DVD



Por +
9,90€

DESTAQUE

REINO UNIDO

May antecipa eleições para negociar “Brexit” nos seus termos

Grande vantagem dos conservadores nas sondagens tornou-se demasiado tentadora para a primeira-ministra britânica. Europeus esperam que eleições tragam “maior clareza às negociações” do “Brexit”

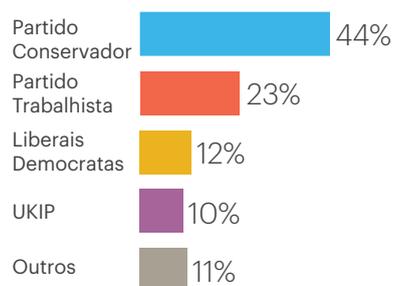
Ana Fonseca Pereira

Theresa May tornou-se especialista em jogadas de antecipação que surpreendem os adversários com factos consumados e lhes reduzem a margem de manobra. Mas nem mesmo os mais avisados esperavam que, sem aviso prévio, a primeira-ministra britânica viesse ontem à porta de Downing Street anunciar aquilo que sempre disse que não iria fazer – propor eleições antecipadas para 8 de Junho, a fim de garantir que tem um mandato para concretizar o “Brexit” segundo os seus próprios termos. As sondagens – as mesmas que falharam nas últimas legislativas – acenam-lhe com uma vitória retumbante sobre a oposição trabalhista, liderada por um impopular Jeremy Corbyn.

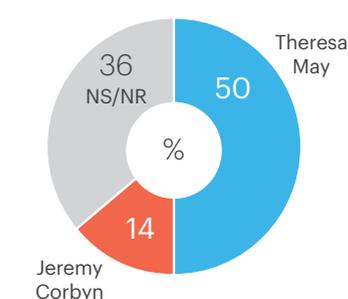
Não fosse este recuo e May, que tomou o lugar de David Cameron após a derrota no referendo à permanência na União Europeia, tornar-se-ia em 2020 (o ano em que terminaria a actual legislatura) a chefe de Governo mais tempo em funções sem ter sido eleita desde que Winston Churchill liderou o Reino Unido durante a II Guerra Mundial, notou o *Financial Times*. E essa falta de mandato po-

Conservadores partem com larga vantagem

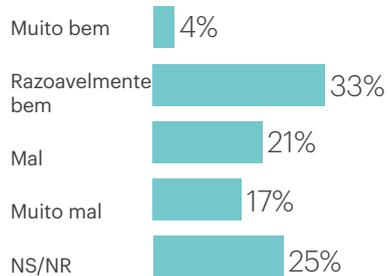
Se houvesse eleições amanhã, em que partido votaria?



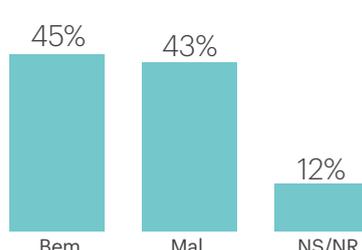
E quem seria o melhor primeiro-ministro?



Como avalia a forma como o Governo está a negociar o “Brexit”?



Em retrospectiva, o Reino Unido fez bem ou mal ao votar a saída da UE?



Nota: Sondagem feita a 12 e 13 de Abril pela empresa de estudos de mercado YouGov junto de 2069 eleitores britânicos

Fonte: YouGov.co.uk

PÚBLICO

pular era um dos argumentos mais vezes usados pelos que criticam os seus planos para um “hard Brexit”, como se tornou conhecida a opção por uma saída total de todos os mecanismos ligados à União Europeia, incluindo o mercado único europeu.

Mas desde que chegou a Downing Street a líder conservadora assegurou que pretendia cumprir a legislatura até ao fim – mesmo que com uma maioria de deputados contra o “Brexit” e um programa de Governo proposto pelo seu antecessor – dizendo que o país precisava de estabilidade e que a sua missão era cumprir o desejo expresso pela maioria no referendo de Junho.

Na declaração ao país, anunciada apenas com uma hora de antecedência, May não escondeu que mudou de opinião, mas culpou os partidos da oposição por esta viragem “recente” e “relutante”, acusando-os, juntamente com “os membros não eleitos da Câmara dos Lordes”, de não terem desistido de barrar o caminho ao “Brexit” e, com isso, enfraquecerem a posição do Governo nas negociações com Bruxelas. “Neste momento de enorme significado nacional deveria haver unidade em Westminster, mas em vez disso há divisão. O país está a unir-se, mas Westminster não”, afirmou.

Na declaração, a primeira-ministra não mencionou as sondagens que tornaram demasiado tentador o cenário de legislativas antecipadas. Mas deixou claro que o seu objectivo é aumentar a maioria conservadora no Parlamento, onde dispõe de apenas mais 17 deputados do que a oposição – uma diferença que a deixava exposta a revoltas tanto dos eurocépticos como da ala pró-europeia, dificultando-lhe os compromissos a que será obrigada a fazer para chegar a acordo com a União Europeia.

“Cada voto nos conservadores dificultará a vida dos políticos da oposição que querem impedir-me de fazer o que é preciso”, afirmou, dizendo que os britânicos terão de escolher “entre uma liderança forte e estável” ou “uma coligação fraca e instável liderada por Jeremy Corbyn” – uma alfinetada nada subtil ao descalabro do Labour nas sondagens.

As últimas sondagens atribuem aos conservadores uma vantagem a rondar os 20%, comparável à que Margaret Thatcher gozava antes da vitória esmagadora nas legislativas de 1983, sublinhou a BBC. Corbyn, reeleito em Setembro depois de uma revolta da maioria dos deputados, obtém ainda pior avaliação do que o partido – um estudo do YouGov indicava que só 14% dos britânicos o





ANDY RAIN/EPA

Theresa May anunciou ontem, à porta de Downing Street, aquilo que sempre disse que não ia fazer mas as sondagens tornaram as eleições demasiado tentadoras

Labour tenta conter pânico perante sondagens negativas

João Ruela Ribeiro

A marcação de eleições gerais antecipadas é uma das notícias que o Partido Trabalhista menos queria ouvir. As sondagens apontam para uma derrota estrondosa que minará ainda mais a liderança de Jeremy Corbyn.

Assim que Theresa May anunciou a decisão de propor novas eleições gerais a 8 de Junho, a liderança dos trabalhistas esforçou-se por passar uma mensagem de tranquilidade. “Queremos mostrar como o Labour irá defender o povo do Reino Unido”, declarou Corbyn, confirmando que irá dar instruções à sua bancada para votar a favor da proposta que é levada hoje à Câmara dos Comuns. O ex-assessor de Corbyn, Matt Zarb-Cousin, garantiu que o partido está a trabalhar nos preparativos para eleições antecipadas desde que May sucedeu a David Cameron.

A deputada trabalhista Diane Abbott – muito próxima de Corbyn – negou qualquer cenário de pânico entre as hostes do partido, descrevendo um “ambiente calmo”. “Estivemos a planear para esta eventualidade, temos pessoas e planos preparados e acreditamos que o partido como um todo quer que os deputados se unam no apoio à liderança e na luta pela vitória nas eleições”,



Jeremy Corbyn arrisca-se a levar o Labour a uma derrota histórica

afirmou Abbott em entrevista à BBC.

Mas as declarações oficiais dos líderes trabalhistas pareciam não passar de simples desejos com pouca relação com a realidade. O Labour atravessa uma das fases mais difíceis da sua história recente, com derrotas eleitorais sucessivas e uma liderança pouco popular junto do eleitorado.

A sete semanas das eleições, as sondagens pintam um cenário negro, com os trabalhistas a recolherem pouco mais de 20% das intenções de voto. Caso se confirmem estes cenários, o Labour arrisca obter o pior resultado eleitoral do pós-guerra. As casas de apostas já dão a eleição como garantida para os conservadores e atribuem uma probabilidade de um em dez de o Labour ser o partido mais votado.

Mais do que contra os conservadores, é dentro do próprio partido que a grande batalha da campanha eleitoral se vai travar. Muitos deputados trabalhistas demonstraram reticências em recandidatar-se nos seus círculos eleitorais, temendo uma derrota pesada, e, segundo a imprensa britânica, alguns apelaram mesmo a Corbyn para que reconsidere o apoio parlamentar à decisão de May de marcar as eleições. Uma ex-ministra-sombra descreveu ao *Guardian* um ambiente de “pânico louco” no partido. Já dois deputados anunciaram que não irão recandidatar-se, Alan Johnson e Tom Blenkinsop, tendo este falado em “diferenças irreconciliáveis” com a liderança.

Praticamente desde que Corbyn chegou à liderança do partido, em 2015 com forte apoio dos militantes de base e dos sindicatos, que o Labour vive em ambiente de guerra civil. A vitória do “Brexit” veio aprofundar ainda mais as divergências no partido, com muitos deputados europeístas a criticar a postura ambígua que Corbyn adoptou durante a campanha do referendo e a forma como a liderança forçou a bancada parlamentar a aprovar a invocação do Artigo 50.º do Tratado de Lisboa.



A primeira-ministra conseguirá a enorme maioria que lhe permitirá gerir as negociações como bem entende

Anne Perkins

Colunista do *The Guardian*

prefeririam como chefe do Governo.

“Theresa May virou a democracia contra si própria”, escreveu a colunista do *The Guardian* Anne Perkins, dando como “quase certo” que a primeira-ministra “conseguirá a enorme maioria que lhe permitirá gerir as negociações como bem entende”, sem ter de prestar contas aos 48% que votaram contra o “Brexit”. John Curtice, especialista em comportamento eleitoral, é menos taxativo, sublinhando que, ao centrar a campanha na sua visão do “Brexit”,

May arrisca-se a alienar os eleitores conservadores descontentes com os seus planos para a saída do mercado único a qualquer preço. Ainda assim, diz, “a oposição está mais dividida sobre o assunto e ela está provavelmente a apostar que, enquanto o ‘Brexit’ for o assunto central, o Labour não seja capaz de se apresentar como alternativa credível”.

A oposição denunciou a viragem “cínica e oportunista” da líder conservadora. “Esta eleição é o resultado do total fracasso de Theresa May para construir um consenso nacional”, afirmou Keith Starmer, porta-voz do Labour para o “Brexit”, assegurando que “o país está mais dividido do que nunca”. Nicola Sturgeon, líder do governo autónomo escocês, acusou May de “ter posto de novo o interesse do seu partido à frente do país” e avisou que os nacionalistas escoceses querem “reforçar o mandato democrático” para realizar um segundo referendo à independência.

Ambos anunciaram, porém, que vão aprovar a antecipação das eleições na votação prevista para hoje (desde 2010 que a legislatura só pode ser encurtada mediante o apoio de dois terços dos deputados). E os liberais-democratas, que, depois de terem sido esmagados em 2015, querem tornar-se a formação dos

48% que votaram contra o “Brexit”, anunciaram que nas horas seguintes ao anúncio de May ganharam 2500 novos militantes.

Na UE, as reacções foram prudentes, com Bruxelas a garantir que “nada muda” no calendário das negociações, que se previa começarem no início de Junho, e a convicção é a de que, liberta da pressão eleitoral, May terá mais margem de manobra para negociar quer a saída, quer um acordo de transição. “Esperamos que as novas eleições possam contribuir para uma maior clareza e responsabilidade nas negociações com a UE”, disse o ministro dos Negócios Estrangeiros alemão, Sigmar Gabriel.

Uma vitória dos conservadores na linha do que prevêem as sondagens “matará a ideia de um segundo referendo e encerrará a discussão sobre se os eleitores deram ou não o seu consentimento à saída do mercado único”, escreveu Matthew d’Ancona no *Guardian*, para quem a primeira-ministra fez a “escolha inteligente”. As eleições, acrescenta o comentarista, “serão um veredicto sobre May, sobre a sua versão do ‘Brexit’ e sobre a sua visão para o país”. “Nunca pensei ter pena de Jeremy Corbyn, mas hoje tenho.”

apereira@publico.pt

joao.ruela@publico.pt

POLÍTICA

Marcelo: “Sou o aluno que veio conhecer os mestres”

Numa pausa da sua agenda, o Presidente da República encontrou-se com Alain Touraine e Fernando Henrique Cardoso na Fundação Champalimaud, à porta fechada. Falaram sobre crises e democracia

MIGUEL FIGUEIREDO LOPES

Grupo de reflexão Paulo Pena

Marcelo Rebelo de Sousa entrou em passo rápido, apenas acompanhado pelo seu assessor militar, e cumprimentou um a um os 14 membros do *think tank* “As crises e a transformação da democracia”, reunidos à volta de uma mesa oval, na Sala dos Curadores da Fundação Champalimaud. Uma enorme janela, enquadrada por uma moldura de madeira dourada, mostra o Tejo, a Torre de Belém e o Cristo-Rei, numa perspectiva incomum. Quando se sentou num dos topos da mesa, o Presidente tinha à sua frente Fernando Henrique Cardoso, ex-Presidente do Brasil, e à sua direita um dos intelectuais mais influentes do último século, o sociólogo francês Alain Touraine, de 91 anos.

“Sou o aluno que veio conhecer os mestres”, gracejou Marcelo, olhando em volta, para um grupo selecto de intelectuais, quase todos da área das ciências sociais, em que se incluem o francês Michel Wieviorka, especialista em terrorismo, o espanhol Juan Luis Cebrián, que dirige o grupo de *media* Prisa, e a turca Nilüfer Göle, autora de referência sobre o papel das mulheres no islão. Durante cerca de uma hora, o Presidente falou em tom solto, sobre a crise da democracia, a emergência do populismo, o “simplismo” dos *media* e o “desaparecimento das classes médias”.

O debate que se iniciou anteontem, organizado pela Fundação Champalimaud, centra-se nesses temas. “A democracia está na defensiva”, explica-nos, minutos antes da entrada do Presidente, o diplomata brasileiro Miguel Darcy de Oliveira. “Há três ameaças à democracia: o populismo, a extrema-direita na Europa e o islamismo radical”, continua. Mais do que identificar as causas da crise, este grupo de intelectuais pretende “lançar um projecto” que sirva de contrapeso ao actual clima político.

Além das “inquietações concretas”, que Fernando Henrique Cardoso diz serem comuns, Alain Touraine identifica “um vazio no pensamento social e político”. “Estamos em choque pela ruptura nas nossas demo-



O Presidente da República reuniu-se com 14 intelectuais, entre eles Fernando Henrique Cardoso e Alain Touraine

Patrocínio ao livre pensamento

João Silveira Botelho, da Fundação Champalimaud, explica que este *think tank* nasceu da necessidade de pensar além da ciência: “O modelo político não acompanhou a transformação científica e social.” E como “não se pode parar o vento com as mãos”, a fundação decidiu patrocinar esta reflexão sobre política. Para já, o que está decidido é publicar um resumo dos dois dias de reunião.

cracias. Diziam-nos para pensarmos global, mas não soubemos como. É preciso reinventar a política.”

Marcelo, que falou em francês, concordou. A democracia, afirmou, tem “um problema de fundo”, que o Presidente da República divide em duas coordenadas: “tempo e espaço”. O tempo da política passou a ser “mais acelerado”, em parte porque “os *media* hoje são simplistas” e “criam disrupções permanentes, sem qualquer responsabilidade”. Ao mesmo tempo, adiantou, “uma das características do populismo é prometer um regresso a um passado que não volta”. E isso torna-se sedutor quando as instituições não acompanham o novo ritmo. Marcelo, que fez várias incursões bem-humoradas

pela política interna, cuidando não ter jornalistas na sala, deu um exemplo: a queda da avioneta em Tires. “O poder político tem de estar pronto a responder a situações como esta.”

Porque é do “vazio” que se alimenta o populismo, continuou, justificando a sua “sobre-exposição” mediática (“É uma sobre-exposição? É... Mas é a única maneira de reagir. Sou alguém que viveu nos *media* e agora sou criticado nos *media*...”). Antes de falar, Marcelo ouvira Leonor Beza apresentá-lo como alguém que “está a mudar a relação entre os eleitos e os eleitores, através de uma política de proximidade”.

O outro problema, prosseguiu o Presidente, o do “espaço”, é o que quase retirou aos países qualquer

dimensão de “soberania”. Também aqui, defendeu, não se pode regressar ao passado. “Temos de convencer os países poderosos a aceitar que existam instituições internacionais que funcionem”, e que regulem a informação na Internet e os mercados financeiros, exemplificou.

Mais do que isso: “As democracias precisam de classes médias fortes e elas estão a desaparecer.” O que fazer?, perguntou imitando Lenine. “Refazer as classes médias.”

Ao fim de uma hora de conversa solta, e gestos largos, Marcelo acabou convidando o grupo “para um almoço ou jantar em Belém – é aqui ao lado... Agora quero ouvir-vos”.

paulo.pena@publico.pt

EXIJA MAIS ESTRADA.

NOVO BMW SÉRIE 4 COUPÉ.



Pelo prazer
de conduzir

Consumo combinado de 4 a 7,7 l/100 km. Emissões de CO₂ de 106 a 179 g/km.

POLÍTICA

Governo aperta vigilância a negócios de políticos

Empresas vão ter de reforçar os meios de controlo quando os negócios envolvem um cliente que tenha desempenhado cargos políticos e altos cargos públicos

Corrupção Liliana Valente

Os negócios financeiros e de imobiliário de clientes que tenham desempenhado, nos últimos 12 meses, um cargo político ou um alto cargo público vão ter regras mais apertadas. O Governo entregou uma proposta de lei no Parlamento que obriga empresas financeiras e um vasto leque de não financeiras a vigiarem desde o início transacções em que uma das partes seja considerada uma “pessoa politicamente exposta” (PPE), o que inclui políticos, ex-políticos, juizes de tribunais superiores, familiares e sócios (ver caixa).

O documento ainda vai sofrer alterações, mas a proposta do executivo – que transpõe as recomendações do Grupo de Acção Financeira Internacional e da directiva europeia – obriga empresas a identificarem situações de risco dos seus clientes e a comunicarem às autoridades sempre que se depararem com operações suspeitas, e permite-lhes pôr travão a essas transacções.

Os deveres serão alargados a mais entidades, além das financeiras, incluindo instituições do sector imobiliário e dos jogos, mas também empresas que tenham ligações a esses ramos, como sociedades de advogados, auditores, contabilistas ou notários, agentes desportivos, negociadores de diamantes em bruto ou empresas que transaccionem em numerário acima de dez mil euros (até aqui o limite era de 15 mil).

“Este sistema baseia-se na ideia de que há um conjunto de entidades que intervêm em operações com acções que têm riscos de branqueamento, que são tipicamente as instituições financeiras, imobiliárias e de jogo”, explica ao PÚBLICO o secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, Rocha Andrade (na foto).

O governante admite que a legislação é “ambiciosa” e não é de “simplificação”, mas que deriva de uma obrigação europeia e de reco-

mendações internacionais que estão a ser seguidas por vários países. Na prática, a proposta de lei aprofunda os deveres das empresas de reportarem às autoridades situações de risco. “O que esta proposta de lei faz é um alargamento do âmbito destes reportes, como um alargamento do tipo de operações abrangidas e ainda em termos de valor ou das entidades envolvidas”, acrescenta.

Assim, a responsabilidade pela prevenção de casos de branqueamento de capitais começará logo nas empresas. Mariana Ferreira Martins, da Telles de Abreu Advogados, lembra que com esta proposta, “ainda embrionária”, a lei passa a abranger um leque “muito mais alargado de entidades”, além de se estender também a definição de PPE. Um alargamento que levanta “dúvidas”. Para a advogada, a legislação “serve para as empresas avaliarem operações suspeitas”, terem a obrigação de as reportar e, se algo acontecer, “não poderem alegar desconhecimento”.

Como funciona o sistema?

Assim que um cliente se dirigir a uma empresa abrangida por estas regras, terá de preencher um formulário respondendo a várias perguntas sobre o seu trabalho e currículo, no qual poderá ser possível identificar se é considerado PPE e se está ou não abrangido pelas regras mais apertadas de vigilância.

Depois, caberá à “directão de topo” das empresas decidir sobre a relação com o cliente, criando assim uma responsabilização na hierarquia das empresas. Mas os deveres não ficam por aqui. As empresas têm de tomar “as medidas necessárias para conhecer e comprovar a origem do património” dos clientes, bem como de todos os “fundos envolvidos nas relações de negócio, nas transacções ocasionais ou nas operações em geral” quando são PPE que estão envolvidas, lê-se na proposta de lei.



Governo acredita que nova lei vai ajudar investigações judiciais futuras em casos de corrupção e não só

Conceito de pessoa politicamente exposta

O termo jurídico “pessoa politicamente exposta” já existe há 12 anos e surgiu numa das primeiras directivas europeias que apertava as regras ao crime de branqueamento de capital. Em Portugal, a primeira vez que chegou à legislação foi no ano de 2008, numa lei que será agora alterada.

O conceito de “pessoa politicamente exposta” inclui todos os indivíduos que desempenham ou desempenharam, nos últimos 12 meses, cargos políticos ou altos cargos na estrutura

do Estado, mas estende-se a membros da família ou “pessoas que reconhecidamente tenham com elas estreitas relações de natureza societária ou comercial”, que pela natureza do cargo que desempenharam estão sujeitas a um maior risco de corrupção. Na longa lista de cargos abrangidos, além de chefes de Estado, ministros, secretários e subsecretários de Estado e deputados, estão também juizes de tribunais superiores, dirigentes de empresas públicas ou altas patentes das Forças Armadas. E, claro, os seus parceiros de negócio e familiares mais próximos.

Até agora, a legislação não era clara sobre os deveres e a possibilidade de controlo dos negócios que envolvem pessoas politicamente expostas. A lei em vigor (de 2008) apenas faz referência a PPE que residam fora do país. Contudo, desde 2013, os bancos e instituições de crédito têm de identificar estes clientes e monitorizar os riscos nas suas transacções financeiras, por imposição do Banco de Portugal.

Se esta nova proposta for aprovada tal como está, passam a ser abrangidos os PPE residentes e não residentes em Portugal, abrangendo por exemplo “membros de governos de outros países”, explica o secretário de Estado, e deixam de ser apenas as instituições financeiras a ter estes deveres de controlo.

O governante acredita que estas mudanças na lei permitirão ajudar ou mesmo encetar investigações judiciais sobre crimes de índole fi-



POLÍTICA

12

Os meses que alguém que tenha exercido altos cargos públicos terá de esperar antes de poder fazer negócios que não sejam sujeitos a este novo escrutínio

DANIEL ROCHA

Treze funcionários do fisco acusados de corrupção

O Ministério Público (MP) acusou 45 arguidos, 13 deles funcionários da Autoridade Tributária, por corrupção, falsidade informática, acesso ilegítimo, abuso de poder, tráfico de influência, fraude fiscal, falsas declarações e detenção de arma proibida, informou ontem o MP.

Segundo adiantou a Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa (PGDL), entre os arguidos, estão ainda técnicos oficiais de contas, contabilistas, advogados, gestores de empresas, empresários e uma pessoa colectiva, tendo o MP pedido uma indemnização civil em representação do Estado português no valor de 57.465 euros.

De acordo com a acusação, ficou indiciado que, entre o segundo semestre de 2011 e 17 Abril de 2016, os arguidos funcionários da AT, a troco de dinheiro e de bens patrimoniais e não patrimoniais, praticaram actos que beneficiaram particulares junto da administração fiscal.

Em causa está o fornecimento de informação fiscal, bancária ou patrimonial de terceiro, consultoria e aconselhamento fiscal, eliminação de dívidas, cessações de actividade de contribuintes em sede de IVA e IRC com efeitos retroactivos (com subsequente extinção de processos de execução fiscal e de contra-ordenação) e emissão de certidões de não dívida de sociedades que não correspondiam à realidade.

A acusação indica ainda que os funcionários da AT agora acusados introduziram no sistema informáti-

co da Autoridade Tributária dados forjados que geraram dados fiscais que não correspondiam à realidade, em benefício dos seus titulares, repartindo, depois, entre si as contrapartidas recebidas dos “clientes” consoante o grau de intervenção do funcionário.

“Para tal, os funcionários da AT acederam a dados pessoais de contribuintes contidos em sistema informático de uso exclusivo da AT e cobertos por segredos, violando as responsabilidades e deveres funcionais a que se encontravam vinculados pelo exercício de funções públicas, sempre visando obter para si e para terceiros benefício económico indevido à custa da defraudação da Fazenda Nacional”, sustenta a acusação do MP.

Os 45 arguidos encontram-se sujeitos às medidas de coacção de termo de identidade e residência e proibição de contactos, estando um deles em prisão domiciliária com pulseira electrónica.

O MP requereu a aplicação da pena acessória de proibição do exercício de função aos arguidos funcionários da AT e que fossem declaradas perdidas a favor do Estado as vantagens auferidas pelos mesmos pela prática dos crimes imputados.

O inquérito foi dirigido pela 9.ª secção do Departamento de Investigação e Acção Penal de Lisboa, com a coadjuvação da Unidade Nacional de Combate à Corrupção da Polícia Judiciária. **Lusa**



SARA MATOS

Ao todo, há 45 arguidos, 13 deles funcionários das Finanças

FAZER O IRS NÃO CUSTA NADA.
E AJUDAR CUSTA AINDA MENOS.



11 CONSIGNAÇÃO DE 0,5% DO IRS		
ENTIDADES BENEFICIÁRIAS	NIPC	IRS
Instituições Religiosas (art. 32.º n.º 4) <input type="checkbox"/>		
Instituições Particulares de Solidariedade Social ou Pessoas Colectivas de Utilidade Pública (art. 32.º, n.º 6) <input checked="" type="checkbox"/>	501 917 705	<input checked="" type="checkbox"/>



LEIGOS PARA O DESENVOLVIMENTO

fazeroirsnaocustanada.pt

BANCO BPI, S.A.

Sociedade Aberta
Sede: Rua Tenente Valadim, 284, Porto
Capital Social € 1.293.063.324,98
Matriculada na Conservatória do Registo Comercial do Porto
sob o número único de matrícula e pessoa colectiva 501 214 534

ANÚNCIO

Lista de Accionistas do Banco BPI, S.A. cujas participações¹, à data de 31 de Março de 2017, excedem 2% do capital social, publicada nos termos e para os efeitos do artigo 110º do Regime Geral das Instituições de Crédito e Sociedades Financeiras aprovado pelo Decreto-Lei n.º 298/92, de 31 de Dezembro:

Nome	Quantidade	% Capital
CaixaBank, S.A.	1.231.250.696	84,51
Allianz Europe, Ltd.	120.553.986	8,27

Porto, 19 de Abril de 2017

1) A informação constante do quadro junto corresponde à informação que resulta das comunicações recebidas, nos termos da lei, dos accionistas em causa. A informação em apreço não foi elaborada com o objectivo de reflectir a aplicação das regras relativas ao cômputo de participações qualificadas previstas no Regime Geral das Instituições de Crédito e Sociedades Financeiras e no Código dos Valores Mobiliários, nem da regra prevista no artigo 483º n.º 2 do Código das Sociedades Comerciais.

BANCO BPI, S.A.



nanceira, como o braqueamento de capitais ou a corrupção. Como as empresas terão de comunicar as suas suspeitas, estas serão “fundamentais para iniciar investigações”.

Até porque aliadas a estas mudanças há um reforço dos poderes de investigação dos departamentos judiciais. Lembra o governante que muitas vezes há queixas de falta de cooperação, quando o que se passa é a inexistência de informação que possa ser cedida às autoridades. “Com a conservação de elementos por parte destas empresas, quando há uma investigação, é possível solicitar os elementos relativos a cada operação. Torna a investigação mais simples”, defende.

Além disso, como é uma legislação europeia que irá ser adoptada por vários países, haverá uma troca de informações mais facilitada.

liliana.valente@publico.pt

POLÍTICA

Passos e Rajoy na Escola da Europa

Formação política

Cerca de 20 jovens portugueses e 30 espanhóis vão receber formação sobre política europeia

O presidente do PSD, Pedro Passos Coelho, participa no sábado, dia 22, em Aranjuez, nos arredores de Madrid, ao lado do presidente do Partido Popular e chefe do Governo espanhol, Mariano Rajoy, numa Escola Europa com mais de 50 jovens sub-25 de ambos os países.

As “aulas” começam amanhã e terminam no domingo, e juntarão cerca de 20 candidatos portugueses e 30 espanhóis que vão receber formação sobre política europeia, numa espécie de Universidade de Verão, mas à escala ibérica.

Segundo os organizadores do Partido Popular Europeu (PPE), que integra o PSD português e o PP espanhol, pretende-se “aproximar os jovens da realidade europeia, dar a conhecer as políticas da União Europeia e as suas instituições (com destaque para o Parlamento Europeu) através de conferências, mesas-redondas e debates com os participantes”.

Os três temas em destaque serão: “Valores e políticas da União Europeia”; “Economia, competitividade e desenvolvimento sustentável”; e “Modelo social europeu”. Os jovens e oradores discutirão, por exemplo, questões relacionadas com migrações, bem como mudanças climáticas, emprego, educação, igualdade, saúde e demografia.

A “conferência principal” decorrerá no final da tarde de sábado, com uma intervenção de Pedro Passos Coelho e de Mariano Rajoy. Os eurodeputados sociais-democratas Paulo Rangel e Carlos Coelho, presenças assíduas nas Universidades de Verão do PSD (o segundo é, aliás, seu director), são dois dos professores-formadores. Do lado espanhol, María Dolores de Cospedal (ministra da Defesa de Espanha) ou Soraya Saez de Santamaría (vice-presidente do Governo de Espanha) também darão aulas na Escola Europa.

As inscrições decorreram até ao mês de Fevereiro e estiveram abertas a jovens portugueses e espanhóis com menos de 25 anos. **PÚBLICO/Lusa**



Primeiro jantar do grupo de centristas vai realizar-se em Esposende

Corrente no CDS denuncia pressões junto de militantes

Tendência Sofia Rodrigues

Esperança em Movimento volta a trazer para um jantar Manuel Monteiro e José Ribeiro e Castro

A nova tendência interna do CDS-PP Esperança em Movimento denuncia a existência de pressões por parte de responsáveis do partido para que os militantes não participem no primeiro jantar da corrente centrista que está marcado para 6 de Maio.

Abel Matos Santos, um dos promotores da tendência, afirma terem existido alguns telefonemas de dirigentes para dissuadir militantes de participar no jantar que já tem confirmados os ex-líderes Manuel Monteiro e José Ribeiro e Castro.

Sem querer apontar nomes, Abel Matos Santos diz que existem “algumas pessoas com tiques totalitários que não querem a diversidade no partido” e condena estas atitudes. “Seguramente que Assunção Cristas é uma líder plural e não vai aceitar isto”, afirma ao PÚBLICO, referindo que também convidou a presidente do CDS para o jantar, que se realizará em Esposende.

“É o primeiro jantar da TEM [Tendência Esperança em Movimento] onde queremos que os militantes estejam connosco, e para mostrar que o partido tem uma doutrina”, afirma, assegurando que a tendência está “empenhada” nos bons resultados do CDS e da sua líder.

A TEM volta a tentar juntar os três ex-líderes do partido – o convite também seguiu para Adriano Moreira – um mês depois de os ter reunido numa conferência sobre a democracia-cristã e em que Assunção Cristas não compareceu.

Assumindo-se como um “movimento das bases”, a TEM sublinha que quer reforçar os valores democratas-cristãos no partido, mas o certo é que o reaparecimento de Manuel Monteiro em iniciativas com militantes tem causado algum incómodo interno. O antigo líder do CDS (1992-1998) já participou num jantar de aniversário da Juventude Popular, em Novembro, e foi orador na última conferência da Esperança em Movimento sobre a democracia-cristã.

Abel Matos Santos garante já ter o número de assinaturas necessárias para poder formalizar a tendência. Essa proposta terá, no entanto, de ser votada na comissão política. A existência da corrente interna Alternativa e Responsabilidade – que é a origem de alguns dos promotores da TEM – nunca foi formalizada. O seu porta-voz, Filipe Anacoreta Correia, defende que não era necessário oficializar já que “a democracia-cristã faz parte da matriz do partido”.

Como a corrente decidiu apoiar a direcção de Cristas, Anacoreta Correia considera que “não faz sentido a demarcação de um espaço próprio” e por isso o movimento já não existe enquanto tal. O actual deputado faz parte da comissão executiva do partido e há mais membros que pertencem a outros órgãos do CDS.

sofia.rodrigues@publico.pt

PS-Porto homenageia Soares, “o grande paladino da liberdade”

Homenagem Margarida Gomes

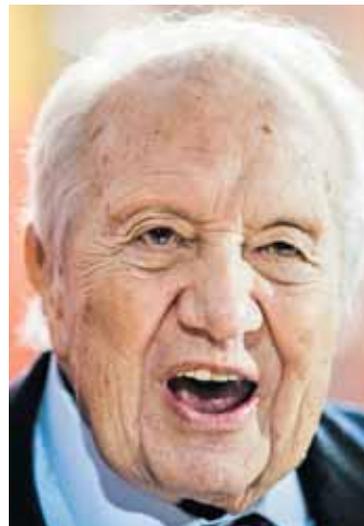
António Costa, secretário-geral do partido, e os filhos do antigo Presidente da República marcam presença na cerimónia

Em vésperas do 43.º aniversário da Revolução dos Cravos, o Partido Socialista escolhe o Porto para homenagear o fundador do partido, Mário Soares, numa sessão pública para a qual foram convidadas algumas das mais altas personalidades socialistas da cidade e da vida pública e política.

“Trata-se de uma cerimónia muito simples de evocação que pretende acentuar o percurso do fundador do PS como grande paladino da liberdade no nosso país”, declarou o presidente da distrital do PS-Porto, Manuel Pizarro, que integra a Comissão de Honra da homenagem.

O primeiro-ministro e secretário-geral do PS, António Costa, e os dois filhos do antigo Presidente da República, Isabel e João Soares, estarão na primeira fila do Teatro Municipal do Porto (Rivoli) para assistir à homenagem “Mário Soares – Uma vida pela liberdade”, que decorrerá na tarde de domingo.

O presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, Artur Santos Silva, amigo pessoal de Soares, e o presidente da Câmara do Porto, Rui Moreira, vão discursar na cerimónia,



Três meses depois da sua morte, PS-Porto recorda Soares

em que participam outros membros da Comissão de Honra como Alexandre Quintanilha, Elisa Ferreira, Fernando Gomes, Francisco Assis, Luísa Salgueiro, Luís Portela, Carlos Lage, Isabel Santos, Hugo Carvalho, entre outros. Rosa Mota e o professor e investigador Manuel Sobrinho Simões, que integram a Comissão de Honra, estarão ausentes.

“O principal legado que Mário Soares deixa ao país é o esforço imenso que ele fez toda a sua vida com enorme coragem pessoal, com imensa determinação, contra uma repressão duríssima – esteve preso 11 vezes e foi exilado duas vezes – e, apesar de tudo, manteve sempre uma enorme firmeza nos ideais e uma enorme tolerância em relação aos adversários, que é isso que caracteriza os adversários”, declarou ao PÚBLICO Manuel Pizarro.

O dirigente socialista fala da “forte ligação forte que o fundador do PS tinha ao Porto que ia para além das fronteiras” partidárias. “Mário Soares tinha uma profunda ligação com algumas figuras republicanas do Porto como António Macedo, Beatriz e Mário Cal Brandão, Coelho dos Santos (já desaparecidos) e Artur Santos Silva (pai do presidente da Fundação Calouste Gulbenkian) e que tiveram um papel decisivo na resistência ao fascismo e na campanha de Humberto Delgado para a Presidência da República”, acentua.

Porto outro lado, Pizarro recorda que “na campanha presidencial de 1985, houve, no Porto, um vasto conjunto de personalidades fora do quadrante do PS, como Miguel Veiga, Rui Rio, Artur Santos Silva, Valentim Loureiro e Rui Moreira que o apoiaram e que contribuíram decisivamente para a sua vitória”.

Três meses após a sua morte, o PS-Porto decide homenageá-lo numa sessão que terá dois momentos musicais: *Rock da liberdade*, na voz do músico português Rui David, e *Grândola, vila morena*, tocada pela pianista Sofia Lourenço. A iniciativa será pontuada pela leitura de alguns excertos de obras do homenageado, bem como de alguns poemas que considerou serem poemas da sua vida. As leituras ficarão a cargo da actriz Adriana Faria e do poeta Renato Filipe Cardoso.

margarida.gomes@publico.pt

SOCIEDADE

Escolas têm de comunicar casos de alunos sem vacinas em dia

Apesar de ser prática das escolas pedirem o boletim de vacinas, nenhum aluno pode ser impedido de se inscrever. Mesmo se estiver em falta, garante o Ministério da Educação

Sarampo
Joana Gorjão Henriques

As escolas públicas estão obrigadas a comunicar ao centro de saúde da sua zona as falhas nos boletins de vacinas dos alunos, informa o gabinete de comunicação do Ministério da Educação (ME). Mas, apesar de na hora das matrículas ser prática os estabelecimentos de ensino pedirem o boletim de vacinas em dia, nenhum aluno pode ser impedido de se inscrever se não o tiver, garante o ministério.

O período de matrículas para o próximo ano lectivo começou ontem. E as práticas quanto à exigência do boletim de vacinas em dia variam consoante o agrupamento ou a direcção escolar. No entanto, nenhuma das escolas ou associações contactadas pelo PÚBLICO se deparou com o incumprimento deliberado da vacinação.

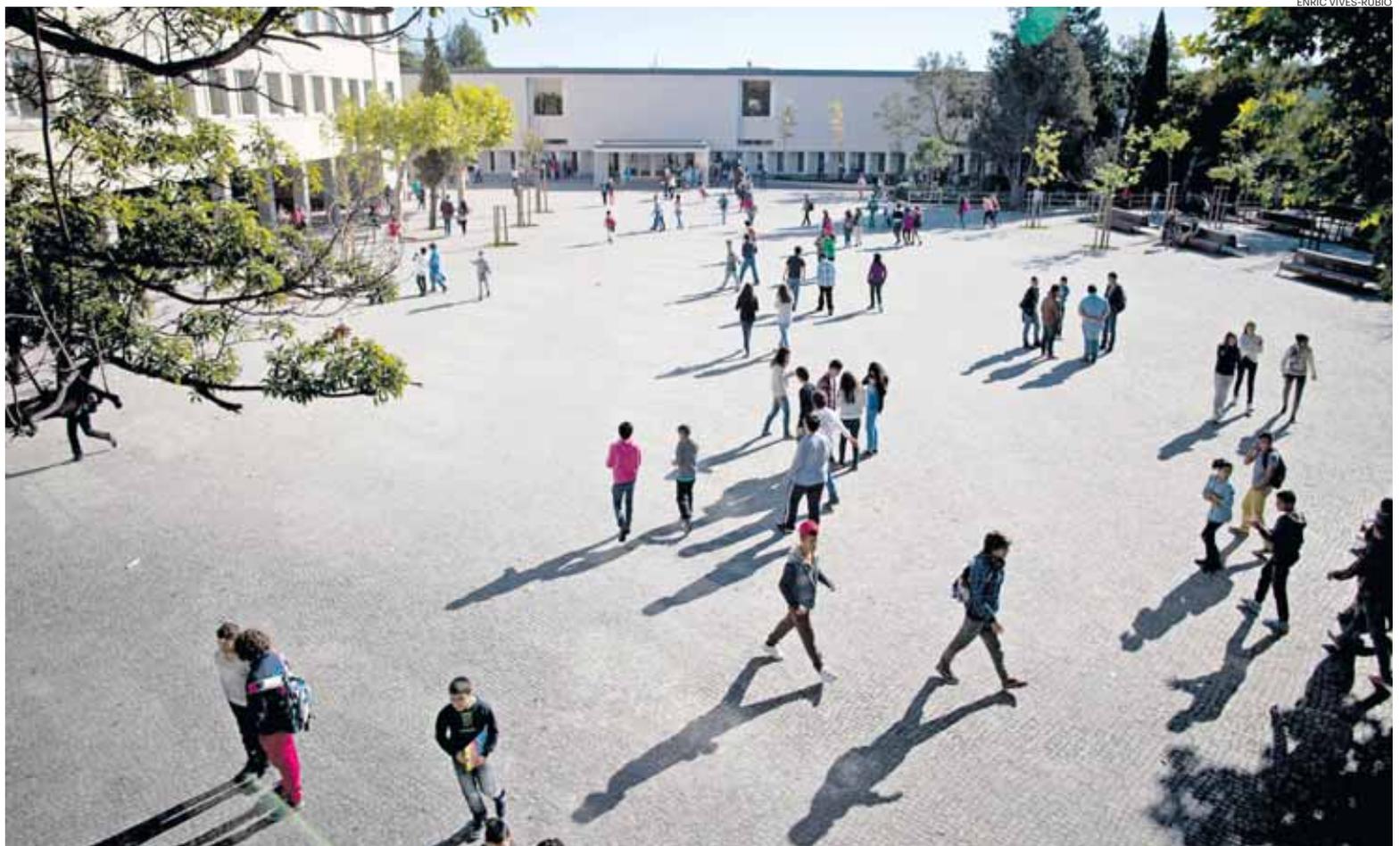
O tema foi levantado recentemente por causa do surto de sarampo: desde Janeiro foram confirmados 21 casos, um ano depois de a doença ter sido considerada eliminada em Portugal. Uma adolescente de 17 anos está internada no Hospital de Dona Estefânia, em Lisboa, em estado grave, depois de ter sido infectada por um bebé de 13 meses, não vacinado.

O director do agrupamento de escolas de Carcavelos, Adelino Calado, diz que ali os alunos que não tenham as vacinas em dia ficam com a matrícula “condicionada” até que as regularizem. Mas nunca se deparou com um caso em que a sugestão da escola, às famílias, para vacinarem as crianças não tenha sido cumprida.

Seja como for, o director deste agrupamento de sete escolas admite desconhecer indicações “sobre que procedimento tomar no caso de alguém dizer que não quer vacinar o filhos”.

Já em outras escolas a regra seguida é não impedir a matrícula, sem condicionamentos. “Não se recusa a inscrição, mas pedimos às pessoas para se irem vacinar”, diz o presidente da Associação Nacional de Dirigentes Escolares, Manuel Pereira.

Este é o procedimento também relatado pela Associação Nacio-



ENRIC VIVES-RUBIO

Ministério da Educação e Direcção-Geral da Saúde deviam dar indicações sobre procedimentos nas escolas, defende Filinto Lima

Pais com pena suspensa de prisão

Acreditavam que as vacinas faziam pior do que as doenças e não vacinaram os filhos contra o pólio, o tétano e a difteria. O caso aconteceu em França e foi a tribunal: em 2016, aos juízes ditaram aos pais uma pena suspensa de dois meses de prisão. Num relatório da revista científica *Eurosurveillance*, as consequências legais da não-vacinação variam. Podem traduzir-se em multas, dificuldade de inscrição em escolas públicas ou processos em tribunal. A Organização Mundial de Saúde disse

ao PÚBLICO que 12 dos 53 Estados-membros pediram o boletim de vacinas nas matrículas (dados de 2015). Mas não sabe em quantos destes países, que incluem a França, Bielorrússia, Chipre e Grécia, as crianças não-vacinadas ficam impedidas de ir à escola. O estudo da revista referia que, em 27 países da União Europeia (mais a Noruega e a Islândia), 14 tinham pelo menos uma vacina obrigatória: contra o pólio era obrigatória em 12 países, contra a difteria e tétano em 11 e contra a hepatite B em 10. **J.G.H.**

nal de Directores de Agrupamentos e Escolas Públicas. O seu presidente, Filinto Lima, diz que, apesar disso, “a Direcção-Geral de Saúde e o Ministério da Educação deviam esclarecer as escolas”.

Já na Escola Secundária Rainha D. Amélia, em Lisboa, a directora Isabel le Guê diz que, face ao recente surto de sarampo, pondera contactar o centro de saúde para “saber se há recomendações”. O tema deverá ser discutido amanhã na próxima reunião da Confederação Nacional das Associações de Pais, segundo o presidente do organismo, Jorge Ascensão.

O director executivo da Associação dos Estabelecimentos de Ensino Particular e Cooperativo, Rodrigo Queirós e Melo, que representa cerca de 500 instituições, diz que nunca os associados pediram consulta jurídica sobre algum aluno que não tivesse as

vacinas em dia e não quisesse fazê-lo.

O que fazer, então, no caso de alguém não querer mesmo vacinar os filhos? O jurista André Dias Pereira, presidente do Centro de Direito Biomédico, diz que o artigo do Código Penal que prevê a punição em caso de propagação de doença dificilmente se aplica à não-vacinação porque “exige dolo” e, no caso do sarampo, o que existiria seria “negligência”. O jurista sugere a via da educação ou, quando muito, um sistema de obrigações indirectas.

Sobre a obrigatoriedade da vacinação, o constitucionalista Paulo Otero defende, em declarações à Lusa, que “não há nada na Constituição” que a proíba. “É a saúde pública que está em primeiro lugar” em situações de “contágio alargado da doença”.

jgh@publico.pt

SOCIEDADE

Apelos na Internet para doar medula óssea? Deixe-se disso

Ministério da Saúde diz que apelos podem ser contraproducentes e número de dadores que se deslocam aos serviços é impossível de controlar. País já tem um dos maiores registos do mundo de potenciais dadores

Saúde
Ana Cristina Pereira

Na próxima vez que estiver nas redes sociais e esbarrar num apelo para doar medula óssea, pense duas vezes antes de correr para o Instituto Português do Sangue e da Transplantação. Pode ser contraproducente, alerta o Ministério da Saúde.

O grupo parlamentar do PCP levantou, no início de Abril, a questão dos meios disponíveis para responder à afluência de potenciais dadores. Paula Maia Fernandes, chefe de gabinete do ministro da Saúde, respondeu que “os problemas com a inscrição de potenciais dadores de células progenitoras hematopoéticas estão identificados”. “São mais de índole externa”, assegura, dando o exemplo de “apelos que levam à mobilização de um grande número de pessoas num curto espaço de tempo”.

Na nota enviada ao gabinete do secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares, Paula Maia Fernandes lembra que há países que proíbem a exposição pública de pacientes e mesmo estas formas de recrutamento de potenciais dadores. E que o instituto “é manifestamente contrário ao desenvolvimento de apelos para doentes”. É que, afirma, estas formas de mobilização podem ser “contraproducentes”.

O número de dadores que se deslocam aos serviços a reboque destas campanhas é impossível de



CLAUDIA ANDRADE

Ministério da Saúde defende o fim das campanhas que visam obter dadores para doentes específicos

A decisão de inscrição pode partir ‘da noção falsa de que uma pessoa pode inscrever-se para ser dadora de determinado doente’

controlar. Fase à pressão que exercem, aumenta o risco de não lhes ser fornecida toda a informação necessária. Nem todos percebem o que ser dador implica. A decisão de inscrição pode ser uma resposta emocional, não ponderada, ao apelo e até partir “da noção falsa de que uma pessoa pode inscrever-se para ser dadora de um determinado doente”. E quem assim age “mais facilmente pode desistir”.

Não é só essa falsa ideia de que uma pessoa pode inscrever-se para doar medula a um doente concreto, que viu no Facebook ou no Twitter. Há apelos feitos antes dos doentes terem sido propostos para transplante, apelos feitos para doente com dador reservado, apelos para doentes já com data marcada para fazer o transplante.

Tudo isto será, afinal, desnecessário. “Portugal tem um dos maiores

registos de potenciais dadores de medula do mundo”, sublinha Paula Maia Fernandes, na referida nota.

400 mil dadores

“O registo português tem crescido de forma sustentada nos últimos anos, estando prestes a atingir os 400 mil dadores”, prossegue. Há uma década o registo somava quase 107 mil. Neste momento, já cobre quase toda a diversidade genética da população portuguesa. E o país pode recorrer à rede mundial que soma mais de 28 milhões de dadores. “Muitos dadores que se inscrevem são geneticamente iguais a outros já inscritos por terem no seu genoma os genes mais representados na população”, refere ainda.

Mais do que aumentar o número de pessoas ou o material disponível para responder a estes aflusos suscitados por campanhas, parece-lhe que “há que esclarecer o público em geral, mantendo a inscrição serena e consciente de novos dadores”. O Ministério da Saúde defende mesmo que se deve desmobilizar “este tipo de exposição mediática dos doentes”.

“Deve caber ao Cedace [Centro Nacional de Dadores de Células Estaminais de Medula Óssea de Sangue Periférico ou de Cordão Umbilical] escolher onde e como deve recrutar esses novos dadores no sentido de aumentar a diversidade genética e assim melhor poder ajudar os doentes”, conclui.

acpereira@publico.pt

PERGUNTAS & RESPOSTAS

O que é a medula óssea?

A medula óssea é um tecido mole que preenche o interior dos ossos longos e as cavidades esponjosas dos ossos, informa o site do Serviço Nacional de Saúde (SNS). Nesse tecido há células progenitoras, isto é, com capacidade para se diferenciarem e para darem origem a qualquer célula do sangue periférico. Estas células renovam-se.

Há mesmo transplante de medula?

Embora se fale em transplantação, o que se faz mesmo é uma reinfusão ou transfusão. As células saudáveis substituem as células doentes e são responsáveis pela formação de novas células saudáveis.

Que tipos de células são utilizados para transplantação de medula?

Três: as células progenitoras colhidas do interior dos ossos pélvicos, as células progenitoras de sangue periférico, as células do cordão umbilical.

Qual a probabilidade de se encontrar um dador compatível para um doente?

Cerca de 80% de todos os doentes têm, pelo menos, um potencial dador compatível, refere ainda o SNS.

Só se pode dar medula óssea uma vez?

Não. A medula é um tecido que se regenera num instante. Quer isto dizer que é possível fazer mais do que uma dádiva.

Pode um dador desistir do processo?

Pode, mesmo depois de saber que é compatível com um doente. Mas a decisão tardia pode ser fatal para um doente.

Quem paga o processo da doação?

Todos os procedimentos médicos que envolvem a doação são cobertos pelo subsistema de saúde do doente, bem como as viagens e outros custos não médicos. O dador só tem de despende do tempo necessário ao processo de doação, lê-se no site do Instituto Português do Sangue e da Transplantação.

Beneficiários já não terão de renovar pedido de RSI

Apoios sociais
Ana Cristina Pereira

A proposta, anunciada ontem, já está na Presidência do Conselho de Ministros a aguardar a sua aprovação

Os beneficiários de Rendimento Social de Inserção (RSI) vão deixar de ter de entregar um novo requerimento todos os anos. Os serviços da Segurança Social deverão fazer uma reavaliação oficiosa e renovar – ou não – a prestação. A proposta já está na Presidência do Conselho de Ministros a aguardar aprovação.

A medida já constava do Orçamento do Estado de 2016. Figura no relatório do Grupo de Trabalho de Segurança Social que juntou membros do PS, do BE e alguns independentes. E foi anunciada pela secretária de Estado da Segurança Social, Cláudia Joaquim, no debate de ontem à tarde, na Assembleia da República, sobre a avaliação da velha Estratégia Nacional para a Integração das Pessoas Sem-Abrigo (2009-2015) e a preparação da nova (2017 e 2023).



A secretária de Estado da Segurança Social salientou que podem ainda vir a ser feitos mais ajustes

O RSI, que nasceu Rendimento Mínimo Garantido, tem uma lógica de atribuição anual renovável. A renovação tornou-se automática no tempo de António Guterres (PS), deixou de ser no Governo de Durão Barroso (PSD/PP), tornou a sê-lo no período de José Sócrates (PS) e deixou de o ser no de Passos Coelho (PSD/PP). Esta mudança, disse a secretária de Estado numa conversa telefónica com o PÚBLICO, faz-se sem prejuízo de reajustes que podem ocorrer em qualquer altura. Os beneficiários têm de comunicar de imediato qualquer alteração que ocorra no agregado ou no rendimento. Mediante essa informação, o valor da prestação pode baixar, subir ou mesmo sumir-se.

ana.cristina.pereira@publico.pt



FERNANDO VELUDO/NFACTOS

Em todo o país, existem 44 viaturas de emergência médica

INEM substitui viaturas com mais de 300 mil km

Saúde
Alexandra Campos

Passam a ser os hospitais a comprar directamente as viaturas para acelerar o processo de renovação da frota

Para acelerar a renovação da frota de viaturas do Instituto Nacional de Emergência Médica (INEM), o Ministério da Saúde decidiu mudar o paradigma de aquisição de veículos. Mais de metade das Viaturas Médicas de Emergência e Reanimação (VMER) colocadas nos hospitais, e que têm uma idade média de quase nove anos e mais de 300 mil quilómetros, vão ser substituídas este ano através de um processo mais rápido do que os habituais concursos públicos, segundo um despacho da tutela a que o PÚBLICO teve acesso.

Em 2016, foram substituídas duas dezenas das VMER do instituto, num processo que demorou quase dois anos desde o lançamento do concurso. Agora, serão substituídas as 24 viaturas de emergência que faltam (a frota total ascende a 44 VMER). “Esta frota de veículos apresenta um desgaste elevado, sendo que a média de idade dos veículos é de 8, 9 anos (42% com mais de 12 anos), com uma média de quilometragem superior a 300.000 km”, refere o despacho.

Para que os hospitais (que são entidades públicas empresárias) possam renovar as viaturas em tempo útil, serão as unidades de saúde a

efectuar directamente a aquisição, assegurando também a sua gestão e manutenção. Caberá ao INEM subsidiar a compra e aos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde assegurar a tramitação dos procedimentos de aquisição, centralizando o processo em nome dos hospitais, explicou ao PÚBLICO o presidente do INEM, Luís Meira. “O INEM subsidia cada um dos hospitais, que pedirão em conjunto a aquisição”, precisa o médico, notando que este processo será muito mais célere do que o anterior.

A propriedade das VMER passa a ser dos hospitais, que deverão assegurar a sua manutenção e estado de operacionalidade permanente, incluindo a contratação de seguros. A aquisição será realizada no prazo máximo de 60 dias úteis a contar da data de publicação do despacho, que é assinado pelos secretários de Estado da Saúde.

Esta nova “arquitetura na aquisição e gestão da frota” de VMER visa “imprimir maior dinamismo, flexibilidade e eficiência a este sistema”, de maneira a evitar “situações graves de inoperacionalidade” desta que é a viatura de emergência mais diferenciada, sublinham os secretários de Estado da Saúde. Actualmente, a rede de viaturas de emergência médica está “estabilizada” em todo o território nacional, com 44 veículos em funcionamento: 14 na área de influência do Norte, 10, no Centro, 20 no Sul (17 na região de Lisboa e Vale do Tejo e Alentejo e três no Algarve).

acampos@publico.pt

Ser imigrante não é factor de risco para o VIH, ser-se pobre e excluído sim

Estudo
Natália Faria

Investigadora fez testes de VIH a imigrantes da África subsariana e registou taxa de infecção de 5%. Há barreiras no acesso à saúde

As condições de exclusão e vulnerabilidade social são o maior factor de risco de exposição ao VIH entre os imigrantes. O estudo *Imigrantes VIH/sida* que é hoje apresentado em Lisboa, no 4.º Congresso Nacional de Medicina Tropical, indicou uma “relativamente preocupante” taxa de infecção por VIH de 5% entre um grupo de 790 imigrantes da África subsariana fixados no distrito de Lisboa e aponta dois desafios: derrubar as barreiras que estes imigrantes encontram no acesso aos cuidados de saúde e combater o estigma associado à doença e que afugenta os seus portadores dos testes de despistagem.

“É preciso encontrar estratégias para alargar a cobertura do teste rápido para o VIH, principalmente junto dos grupos de maior risco, e depois garantir que as pessoas têm o acompanhamento necessário por parte dos serviços de saúde”, enfatiza Sónia Dias, coordenadora do estudo desenvolvido pelo Instituto de Higiene e Medicina Tropical. Além do tradicional questionário, os 790 imigrantes maioritariamente oriundos da Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola e São Tomé e Príncipe – 458 homens e 332 mulheres, com uma média de idades de 38 anos – receberam um

kit com um teste rápido para o VIH. No final, 5,4% obtiveram um resultado reactivo no teste.

“É uma taxa acima da população em geral, mas estamos a falar de uma epidemia concentrada nalguns grupos prioritários, como os homens que fazem sexo com outros homens e os toxicodependentes”, contextualiza Sónia Dias, para insistir que, mais do que o estatuto de imigrante, o que pesa nesta taxa de infecção são factores como a pobreza, a falta de protecção social e a exclusão.

Entre os inquiridos, 77% declararam rendimento familiar insuficiente e 48% estavam desempregados. E, apesar de a grande maioria residir em Portugal há mais de cinco anos, cerca de 77% dos homens nunca tinham utilizado um serviço/consulta na área da saúde sexual. Quando questionados sobre se sabiam onde realizar o teste para o VIH, 54% declararam não saber. Do total de inquiridos, 51% nunca tinham feito o teste. Mesmo entre os que admitiram que a última relação sexual tinha sido desprotegida, a maioria não se considerou em risco de contrair VIH.

“Algumas das barreiras existentes decorrem do desconhecimento, por parte desta população, do direito que têm a aceder aos serviços de saúde. E o facto de percentagens consideráveis dos imigrantes nunca terem realizado um teste antes e outros desconhecem que eram portadores da infecção, mostra-nos a urgência de aumentar a cobertura do teste e depois garantir o necessário acompanhamento dos serviços de saúde”, insiste a coordenadora do estudo, para quem há que garantir que “as questões ligadas ao VIH e a outras infecções sexualmente transmissíveis sejam integradas nos cuidados de saúde primários de forma mais global”.

Em Portugal, os imigrantes foram responsáveis por 17,1% dos novos casos de infecção em 2014, segundo o Programa Nacional para a Infecção VIH/Sida, cujo último relatório reclamava já uma “estratégia nacional específica para a questão da infecção por VIH nas populações migrantes”. Os dados mais recentes do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre o VIH/sida mostram que a doença está a crescer ao ritmo de 5700 infecções por dia, calculando-se em 37 milhões o número de infectados por VIH.

natalia.faria@publico.pt



Estudo *Imigrantes VIH/sida* é hoje apresentado em Lisboa

SOCIEDADE

Entre 200 e 300 médicos não terão vaga para especialidade, calcula bastonário

Os que ficarão sem vaga serão quase o dobro dos do ano passado, e quase 400 formados no estrangeiro candidataram-se à especialidade em Portugal este ano. Ordem identificou 1719 vagas para 2466 candidatos

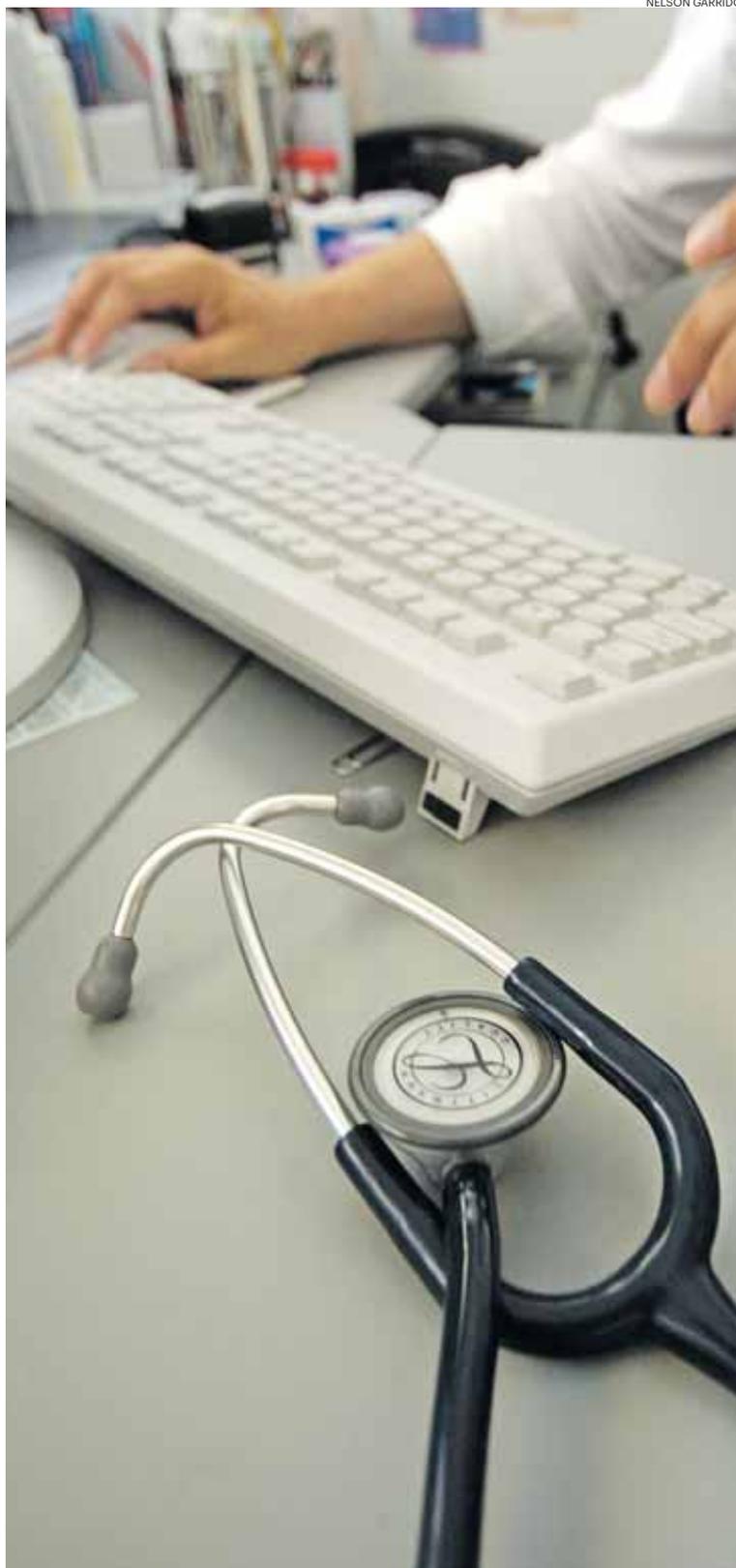
Saúde
Alexandra Campos

O contingente de médicos sem especialidade está a aumentar de ano para ano. Pelo terceiro ano consecutivo, um número substancial de jovens médicos não vai ter vaga para fazer a formação específica, depois de terminar o curso de Medicina e completar o ano comum. Apesar de o total de capacidades formativas identificadas pela Ordem dos Médicos ser o maior de sempre (1719, mais 39 do que no ano passado, de acordo com o mapa provisório a que o PÚBLICO teve acesso), tudo indica que o número de jovens médicos sem acesso a vaga para a formação complementar vai superar em muito o dos dois últimos anos.

Os números são reveladores: foram 2466 os jovens médicos formados em Portugal e no estrangeiro que fizeram a prova nacional de seriação (que serve para ordenar os candidatos à formação especializada); ficam, assim, 747 de fora. E é cada vez maior o número de médicos formados no estrangeiro que se candidatam a fazer a especialidade em Portugal. Foram 392 este ano, a maior parte dos quais são portugueses que fizeram o curso de Medicina em países como a República Checa e Espanha.

Mas estas contas não são lineares. Como todos os anos muitos desistem, preferindo aguardar mais um ano para melhorar a nota, ou optam por emigrar para fazer a especialidade fora do país, o bastonário da Ordem dos Médicos, Miguel Guimarães, calcula que, se as desistências e saídas se mantiverem ao mesmo ritmo, entre 200 e 300 jovens médicos vão juntar-se ao cada vez maior contingente de médicos ditos “indiferenciados”.

Foi em 2015 que, pela primeira vez, ficaram 114 jovens de fora do concurso de acesso a uma vaga para a formação específica, enquanto no ano passado foram já 158. Este ano o número poderá quase duplicar, portanto. “Isto não é bom para o país nem para os doentes. Estamos a gastar milhões a formar médicos e depois eles não têm hipótese” de se especializar,



NELSON GARRIDO



Isto não é bom para o país nem para os doentes. Estamos a gastar milhões a formar médicos e depois eles não têm hipótese [de se especializar]

Miguel Guimarães
Bastonário da Ordem dos Médicos

Outras saídas profissionais

O Conselho Regional do Norte da Ordem dos Médicos (OM) está a procurar, este ano, apresentar cenários alternativos para os jovens médicos que eventualmente não consigam aceder a uma especialidade. Na semana em que arrancou, no Porto, a Mostra de Especialidades Médicas, organizada pelo Conselho Nacional do Médico Interno para ajudar no processo de escolha de especialidade, António Araújo, presidente do Conselho Regional do Norte da OM, decidiu organizar uma palestra sobre “Outras saídas profissionais para além da especialidade”. Entre estas alternativas, exemplificou António Araújo, estão o trabalho na área de investigação científica e na indústria farmacêutica. A mostra de especialidades decorre durante esta semana no Porto e também em Lisboa. Em Coimbra, realiza-se no próximo mês.

lamentava Miguel Guimarães, que vai aproveitar o encontro marcado para hoje com o ministro da Saúde para voltar a discutir com este problema.

A ordem está a cumprir o que prometeu, nota o bastonário. O mapa provisório de capacidades formativas por especialidade foi enviado no prazo estipulado, no sábado, à Administração Central do Sistema de Saúde (ACSS). Da leitura do mapa, conclui-se que em 17 especialidades o número de capacidades formativas aumentou (as vagas são mais tarde definidas pela ACSS), em 15 especialidades diminuiu e em 16 manteve-se igual ao ano anterior. A medicina interna é a especialidade com o maior crescimento (mais 32 vagas), seguida da cirurgia geral (dez) e da pediatria (nove). A medicina geral e familiar, com 462 vagas, continua a ser naturalmente a especialidade com mais capacidades formativas, mas desceu ligeiramente.

A questão do *numerus clausus* do curso de Medicina volta a colocar-se. “É urgente que os ministérios do Ensino Superior e da Saúde repensem e limitem os *numerus clausus* de acesso”, sublinha o bastonário. Entre 1995 e 2014, o *numerus clausus* aumentou 396%, entrando desde 2010 cerca de 1800 novos estudantes de medicina por ano.

Mas este não é o único factor a ter em conta nesta equação, frisa. De ano para ano, está a crescer o número de médicos formados no estrangeiro que vêm candidatar-se a fazer a especialidade em Portugal, lembra, notando que estes jovens vêm legitimamente concorrer com os formados em Portugal, e que a tendência será para este fenómeno continuar a aumentar.

Miguel Guimarães frisa que é necessário planeamento a médio e longo prazo, acentuando que há países, como Espanha e Itália, onde o problema de falta de vagas para especialidade se faz sentir com mais acuidade, mas há outros, como a Alemanha e o Reino Unido, que apenas formam os médicos de que necessitam e até contratam estrangeiros para suprir as suas necessidades.

É cada vez maior o contingente de médicos indiferenciados

alexandra.campos@publico.pt



O ministro do Ambiente anunciou ontem caudais mínimos para as duas barragens do Tejo, para haver mais água no rio no Verão



Breves

Educação

ME corrige condições para concurso de docentes

As dúvidas de professores que se estão a candidatar às escolas públicas foram muitas, e a Direcção-Geral da Administração Escolar acabou por esclarecer: os docentes dos colégios com contratos de associação não precisam de estar este ano a dar aulas para ter um lugar no concurso que está a decorrer.



Nova portaria

Fármacos para artrite reumatóide passam a ser gratuitos

Os medicamentos para as artrites reumatóide, idiopática juvenil, psoriática e as espondiloartrites passam a ser gratuitos para os doentes, uma vez que o Serviço Nacional de Saúde vai comparticipá-los a 100%, segundo uma portaria publicada ontem. Até agora eram comparticipados a 69%.

Tires

Investigação a queda de avioneta divulga relatório em 30 dias

O Gabinete de Prevenção e Investigação de Acidentes com Aeronaves publica dentro de 30 dias o relatório sobre a queda de uma avioneta em Tires, que resultou na morte de cinco pessoas. Os trabalhos de limpeza e a recolha de indícios pelos investigadores no local prosseguem ontem.

Protesto Reformas e horários levaram professores à rua



Um cordão humano, de 1500 professores nas contas da agência Lusa, desfilou ontem do Ministério da Educação até

São Bento. À passagem pelo Parlamento, foi recebido com palmas pelas deputadas do PCP Ana Mesquita e Ana Virgínia. O

protesto da Fenprof acabou com a entrega na residência oficial do primeiro-ministro de um documento a pedir um regime

de aposentação ao fim de 36 anos de serviço, uma revisão dos horários e uma gestão das escolas mais democrática.

Anúncio feito no Porto

Galiza quer introduzir língua portuguesa no ensino secundário

O presidente da Junta da Galiza, Alberto Nuñez Feijóo, afirmou ontem na cidade do Porto as suas intenções de introduzir gradualmente o conhecimento do português como língua estrangeira no ensino secundário galego. O anúncio foi feito após receber a Medalha Municipal de Honra da Cidade do Porto.

Lisboa

Sindicato denuncia ilegalidades no Hospital de Santa Maria

O Sindicato dos Médicos da Zona Sul (SMZS) acusou o serviço de Otorrinolaringologia (ORL) do Hospital de Santa Maria de viver uma situação de "mecanismos clientelares". Foi nomeado, disse em comunicado, um director de serviço com menos formação que outros médicos. O hospital não comentou o comunicado.



Petição

Críticos da eutanásia são recebidos no Parlamento

Os primeiros subscritores da petição "Toda a Vida Tem Dignidade", que considera que a eutanásia "é sempre um homicídio", serão ouvidos hoje por um grupo de trabalho da Comissão Parlamentar dos Assuntos Constitucionais. A petição tem cerca de 14.400 assinaturas.

LOCAL

“Moreira é um bom vereador da Cultura mas um péssimo gestor”

CDU anuncia que vai votar contra as contas da Câmara do Porto de 2016 por entender que o relatório aponta para uma estratégia exclusivamente de poupança em vez de investimento

Porto
Patrícia Carvalho

A CDU analisou o relatório das contas da Câmara do Porto de 2016 e concluiu que só pode votar contra o documento por este representar “uma estratégia” política que os comunistas rejeitam. Em conferência de imprensa, ontem, o vereador Pedro Carvalho criticou o documento que mostra, para os comunistas, que o presidente Rui Moreira e o seu executivo não fizeram mais nada senão poupar.

“Se manter as contas equilibradas faz sentido, a política pública não foi feita para gerar ‘lucros’, uma vez que o pressuposto da receita cobrada é ser traduzida em benefícios das populações e do desenvolvimento local”, disse. Ora, no entender dos comunistas, Rui Moreira só se limitou a poupar, o que levou o deputado municipal Honório Novo a afirmar: “Rui Moreira é um bom vereador da Cultura, mas um péssimo gestor de uma câmara municipal com a dimensão da do Porto.”

A suportar esta posição estão os números expressos no relatório das contas do ano passado e, também, dos anos anteriores. Pedro Carvalho lembrou que, em 2014, a Câmara do Porto teve um excedente de “45,3 milhões de euros”, verba que subiu para “49,2 milhões” em 2015 e que chegou aos “66 milhões de euros” em 2016. E o problema, referiu o vereador da CDU, é que este excedente “não foi utilizado nos últimos anos para alavancar o investimento municipal”.

Artur Ribeiro, deputado municipal da CDU, recordou que Rui Moreira justificara a baixa execução orçamental de 2014, e a acumulação de excedente, com “a demora nos vistos do Tribunal de Contas, dizendo que até dava jeito, porque assim sobrava verba para reabilitar o Mercado do Bolhão”. “Mas não reabilitou o Bolhão e em 2015 sobraram 50 milhões. Este ano, são 66. Porque é que não os gasta?”, questionou o deputado comunista, ironizando que o autarca até lhe fazia lembrar o Tio Patinhas, da Walt Disney. “O



DIÓGO BAPTISTA

O vereador Pedro Carvalho criticou Rui Moreira por não usar o excedente orçamental para investir na resolução de problemas da cidade



O homem só vive para poupar. Qual foi a obra que fez? Temos as obras encaminhadas, mas feitas, tirando a animação, não se vê

Artur Ribeiro, deputado municipal da CDU

homem só vive para poupar. Qual foi a obra que fez? Temos as obras mais ou menos encaminhadas, mas feitas mesmo, tirando a animação da cidade, não se vê. E é por a cidade não ter dinheiro? Não. É o que mais há, a câmara está cheia de dinheiro. Não percebo que explicação é que ele vai dar desta vez”, afirmou Artur Ribeiro.

O comunista não precisou de esperar muito pela resposta, que lhe seria dada pelo colega de bancada, Honório Novo: “A resposta é fácil: incompetência e incapacidade, porque os meios financeiros existem em larga escala.”

Referindo-se à mensagem do presidente da Câmara do Porto que, pela primeira vez, acompanha o relatório de contas, Honório Novo classificou-a

como “a primeira peça de campanha eleitoral de Rui Moreira”, mas criticou o autarca por ter errado no tom. “Devia ser um pedido de desculpas aos cidadãos e, infelizmente, não o é. E um pedido de desculpas porque durante quatro anos não concretizou nenhuma, mas nenhuma das grandes obras que tinha anunciado na campanha eleitoral de 2013.”

Na mensagem que acompanha o relatório, Rui Moreira, que já anunciou a recandidatura à presidência da câmara, disse estar “orgulhoso” do modelo de governação da cidade, argumentando que “seria impossível”, no próximo ciclo autárquico, não executar os grandes projectos como a reabilitação do Mercado do Bolhão ou do Matadouro de Campanhã, “sejam quais forem os protago-

nistas políticos”.

Palavras que não impressionaram os eleitos da CDU na cidade que, além de acusarem o autarca de carregar a responsabilidade de ter, em 2016, potenciado “um investimento (...) ao nível de 2012 e insuficiente para dar resposta às necessidades existentes”, criticaram ainda o facto de o actual relatório “em nome da facilidade comunicativa”, dificultar “cabalmente” o acesso à informação. Também aqui, Pedro Carvalho comparou o documento com o do ano anterior, mostrando que, no deste ano, desapareceram, por exemplo, das despesas referentes ao pessoal, itens como a verba gasta em horas extraordinárias ou em avenças.

patricia.carvalho@publico.pt

Especialistas pedem uma estratégia pública de reabilitação urbana

Centro histórico
Margarida David Cardoso

Sociólogo João Queirós diz que o Porto deve “restituir a complexidade na discussão e nas políticas” de reabilitação urbana

Um dos painéis da conferência “Lisboa: Que Futuro?”, realizada ontem no Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE), reuniu o consenso de especialistas de quatro cidades europeias em torno da massificação do turismo e da galopante mudança das cidades: “Há uma imperiosa necessidade de políticas públicas novas”. O resumo é feito por João Seixas, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e moderador do painel sobre as aprendizagens das cidades da Europa do Sul, que juntou aos testemunhos de Milão, Barcelona, Paris e Porto.

A falar da cidade portuguesa estava João Queirós, investigador do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. O sociólogo considera necessário um reforço das políticas municipais e estatais na regulação das actividades turísticas e imobiliárias. Apoiar programas de renda controlada. Defende a reabilitação de prédios camarários para habitação e medidas de protecção do património. Capacitar quem responde aos desafios dos grupos excluídos não deve ser uma questão secundária na requalificação dos centros envelhecidos das cidades. Há, nesta matéria, “margem de manobra para os políticos, que

não deve ser recusada”, acredita.

O sociólogo fez um balanço das políticas de reabilitação urbana na cidade: depois de uma requalificação pensada na “identidade e do perfil urbano local” da habitação na Baixa, iniciada em 1974, a política passou, nos anos 90, a ser mais orientada para o espaço público. Preparava-se o centro do Porto para a classificação como Património Mundial da Humanidade, lançava-se o repto para a Capital Europeia da Cultura de 2001.

Desde então, houve “um deslizamento para um pólo neoliberal das políticas” de reabilitação urbana. Em 2004, foi criada a Porto Vivo – Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa Portuense (SRU) e o percurso seguido pela cidade alinhou com a “tendência dos agentes no campo das políticas de habitação”: reduzir a participação municipal, facilitar os licenciamentos, entrar no campo do neoliberalismo, resume João Queirós. Os 92 estabelecimentos hoteleiros no centro da cidade em 2009 passaram a ser 160 cinco anos depois. A aceleração dos alvarás tornou-se evidente. O número de licenciamentos na Baixa duplicou entre 2011 e 2016. Foram 36 entre 2006 e 2010.

Para João Queirós importa agora “restituir a complexidade na discussão e nas políticas”. Uma vez que o fenómeno é mais recente que em Lisboa e nas cidades europeias do painel, o Porto tem “condições e tempo para dar a complexidade a estas políticas de cidade e dar resposta aos desafios complexos”. Reduzir a questão ao turismo é um erro, acredita.

margarida.cardoso@publico.pt



Reduzir a questão ao turismo é um erro, acredita o sociólogo do Porto



Naquele terreno têm sido montados os carrosséis da festa

Santa Casa quer cobrar por terreno onde se realiza Senhor de Matosinhos

Romaria
André Vieira

Autarquia diz que não cede a “chantagem”. Instituição diz querer rentabilizar os activos num período financeiro “menos bom”

Metade das receitas é o que a Santa Casa da Misericórdia de Matosinhos pede, pela primeira vez, pela cedência de um terreno do qual é proprietária onde nos últimos anos são montados os carrosséis de maior dimensão da festa do Senhor de Matosinhos, que começa no início de Maio. A Câmara Municipal de Matosinhos (CMM) diz que não vai ceder ao que apelida de “chantagem” e garante que não vai pagar qualquer contrapartida financeira, nem que tenha que abdicar daquele sector. A Santa Casa afirma não existir qualquer chantagem, mas sim a necessidade de rentabilizar os activos da instituição, que diz estar a passar por um período financeiro menos bom.

De acordo com a CMM, o valor da receita angariado naquele sector da romaria ronda os 60 mil euros, a parte mais lucrativa de toda a festa, por ser onde são montados os diver-

timentos de maior dimensão e que por sua vez ocupam mais espaço. Parte desse valor é canalizado para despesas infra-estruturais associadas à utilização do espaço, como esgotos, limpeza, policiamento ou electricidade, que são pagos pela ANCIMA – Associação para a Animação da Cidade de Matosinhos, responsável pela organização da festa. Esta é presidida a título individual por Fernando Rocha, que é actualmente vereador da cultura e vice-presidente do município que, com a União de Freguesias de Matosinhos e Leça da Palmeira e com a Santa Casa da Misericórdia local, formam a direcção da associação.

O presidente da autarquia, Eduardo Pinheiro, quando ontem se votava um ponto da agenda da reunião do executivo da câmara relativo à festa da cidade, deu a conhecer a vontade a Santa Casa cobrar uma contrapartida financeira para a cedência do terreno situado na Rua da Misericórdia, algo que diz nunca ter acontecido. Segundo o autarca, só na quinta-feira da semana passada é que a instituição fez chegar esta informação à sede da ANCIMA, a “poucas semanas” de ser montada a festa. Esta posição, afirma, poderá “inviabilizar” a romaria. Por isso mesmo, diz que não cederá “à chantagem” e garante que a

autarquia não pagará qualquer valor, decisão que afirma ser irredutível. Para isso, falará com o provedor para que “seja sensível a esta situação”. Caso não aconteça, serão encontradas “outras alternativas”. De resto, está agendada para hoje uma reunião na sede da ANCIMA, que vai contar com todos os membros da direcção, na qual será discutida a questão.

Fernando Rocha, afirma que o motivo desta decisão prende-se com a recente mudança da mesa de administração da Santa Casa de Matosinhos, que tem actualmente como provedor Luís Branco, que assumiu funções em Dezembro do ano passado, depois de renunciar ao lugar de deputado municipal eleito pelo PSD, onde esteve durante os últimos dois mandatos até à altura que assumiu funções na instituição.

Contactado pelo PÚBLICO, Luís Branco afirma que o facto de “sempre se ter mostrado crítico” em relação ao executivo que lidera a autarquia nada influencia na posição da instituição. O actual provedor, que durante 15 anos fez parte do conselho fiscal da Santa Casa, diz tratar-se apenas de uma questão pela qual tem lutado desde há alguns anos, que é “rentabilizar os activos da instituição que passa por um período financeiro menos bom”.

ECONOMIA

O mais difícil de um programa de estabilidade é a sua aplicação

Resultado do défice em 2016 é o principal argumento do Governo para convencer os mais cépticos de que, ao contrário do passado, este Programa de Estabilidade é para cumprir

Finanças públicas Sérgio Anibal

É uma história que se repete desde 1999: os planos traçados pelo Governo para a evolução da economia e das finanças públicas para os quatro anos seguintes apontam para uma melhoria progressiva e generalizada dos principais indicadores, mas acabam quase sempre por ser revistos de forma muito significativa de um ano para o outro, e na maioria das vezes para pior.

Este ano, o Programa de Estabilidade (PE) aprovado pelo Governo e que será discutido esta quarta-feira no Parlamento volta a traçar um cenário optimista para Portugal até 2021. Tendo em conta o historial dos últimos 18 anos e a falta de pormenores quanto à forma como as metas orçamentais de médio prazo poderão vir a ser atingidas, restam o cumprimento do objectivo do défice de 2016 e o regresso do PIB ao cenário anteriormente traçado como os argumentos mais fortes do Governo para mostrar que, desta vez, a história pode vir a ser diferente.

Analisando todos os programas apresentados pelos sucessivos governos desde a entrada de Portugal na zona euro (o que inclui 12 Programas de Estabilidade e Crescimento, três Documentos de Enquadramento Orçamental e três Programas de Estabilidade) é muito fácil identificar um padrão. A generalidade dos documentos apontam para uma aceleração progressiva do ritmo de crescimento da economia ao longo do período de previsão, combinada com uma redução do défice público (que no último ano resulta na sua anulação ou mesmo passagem a excedente) e uma trajectória descendente do rácio da dívida pública.

O problema é que, quase sempre, no ano a seguir, embora as previsões sejam outra vez optimistas em relação ao futuro, se verifica que as projecções do ano anterior falharam e,

por isso, o ponto de partida é pior. Nos 18 anos desde 1999, os programas apresentam cenários geralmente mais desfavoráveis ao do ano anterior em 10 casos ao nível do PIB, 11 casos no défice público e 15 casos na dívida pública. As falhas de previsão estão espalhadas ao longo de todo o período, quase não se registando em qualquer um destes três indicadores anos consecutivos de acerto das projecções.

Não seguir esta regra é o grande desafio que o Programa de Estabilidade para o período de 2017 a 2021 agora enfrenta. O Governo está a projectar um cenário em que a economia começa por acelerar para uma taxa de variação do PIB de 1,8% este ano e depois vai crescendo cada vez mais rápido até aos 2,2% de 2021. Nas finanças públicas, melhora o saldo orçamental 2,9 pontos percentuais entre 2016 e 2021 e corta o rácio da dívida pública no PIB em 21 pontos. E, em simultâneo, apresenta uma trajectória de redução do défice estrutural, colocando-o no nível exigido pelas regras europeias precisamente a partir de 2021.

Como medidas para atingir estes objectivos, o Governo apresenta, ao nível económico, a estratégia de reforço da produtividade e competitividade delineada no Plano Nacional de Reformas. E no que diz respeito às metas orçamentais, para além do efeito positivo trazido pela aceleração da economia, apresenta medidas que incluem o prolongamento dos impostos extraordinários sobre os sectores bancário e energético, um crescimento mais lento dos consumos intermédios na Administração Pública e uma poupança na despesa com juros.

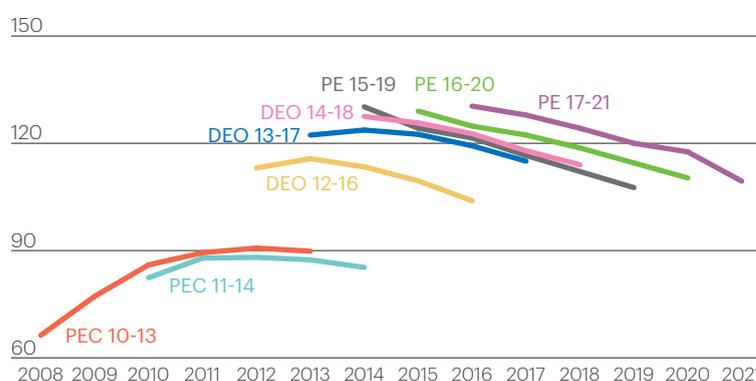
Estas medidas compensam outras que fazem aumentar a despesa (como o descongelamento das progressões na função pública), mas não parecem conseguir explicar toda a redução do défice estrutural que é planeada no documento. O *Jornal de Negócios* avançava na sua edição de ontem



Perante as dúvidas, o argumento mais forte do Governo são os resultados de 2016

Os falhanços dos Programas de Estabilidade

Dívida pública, em % do PIB



Fonte: Programas de Estabilidade

PÚBLICO

que o Programa de Estabilidade era omissivo sobre 40% das medidas necessárias para cumprir a redução do défice estrutural prevista.

Para além disso, outro grande risco para o cumprimento do programa está, como no passado, na possibilidade de a economia não evoluir da forma que está prevista no PE. E já há quem aponte para a possibilidade de as projecções de crescimento do executivo poderem ser demasiado optimistas. É verdade que, em relação à estimativa deste ano, os 1,8% previstos pelo Governo estão em linha com a generalidade das projecções apresentadas por outras instituições. Mas, para o médio prazo, entidades como o FMI e o Conselho



A política é importante para saber quem está com quem

Assunção Cristas
Líder do CDS-PP

O PEV não se identifica minimamente com o que esse partido defende

Heloísa Apolónia
Dirigente d'Os Verdes



Conselho das Finanças Públicas

A concretização das metas para a economia traçadas pelo Governo é provável, mas persistem dúvidas e riscos em relação ao padrão e à sustentabilidade do crescimento estimado para os anos seguintes, defendeu esta terça-feira o Conselho das Finanças Públicas (CFP).

Na sua análise às previsões macroeconómicas presentes no Programa de Estabilidade aprovado na semana passada em Conselho de Ministros, a entidade liderada por Teodora Cardoso começa por se pronunciar sobre as expectativas para este ano e conclui que “as previsões efectuadas para 2017 afiguram-se como prováveis, tendo em conta a informação disponível, podendo mesmo a previsão oficial para o consumo privado ser considerada prudente”.

Na análise é destacado o facto

de a previsão de crescimento de 1,8% apresentada pelo Governo cair dentro do intervalo de projecções de outras entidades. Ainda assim, há dois indicadores para os quais são apresentadas dúvidas relativamente a 2017: as importações e o consumo público.

No caso das importações, o Governo projecta um abrandamento para este ano, em linha com a moderação do consumo privado. No entanto, o CFP alerta que a aceleração do investimento pode conduzir a um maior crescimento das importações, afectando negativamente o PIB.

Em relação ao consumo público, o CFP afirma que o Governo parte do princípio de que se assistirá à redução planeada de efectivos na função pública e recorda que, em 2016, essa redução não se concretizou. **S.A.**

Fundo Monetário Internacional

Depois de não ter conseguido antecipar a aceleração da economia portuguesa na segunda metade do ano passado, o Fundo Monetário Internacional (FMI) viu-se agora forçado a rever em alta as suas projecções de crescimento para este ano. No entanto, continua ligeiramente mais pessimista que o Governo para o curto prazo e mantém um enorme cepticismo em relação à capacidade de o país vir a conseguir assegurar taxas de crescimento mais elevadas no médio prazo.

Nas previsões de Primavera publicadas ontem, o FMI aponta para uma taxa de variação do PIB este ano em Portugal de 1,7%. Este número representa uma revisão acentuada em alta, face aos 1,1% que eram projectados pelo Fundo em Outubro. A nova estimativa

mais optimista é o reflexo da aceleração da economia portuguesa a partir da segunda metade do ano passado e que os técnicos do FMI não conseguiram antecipar há seis meses, quando publicaram as últimas previsões. Aliás, nessa altura, esperavam que o crescimento de 2016 se ficasse por 1%, quando foi de 1,4%.

O FMI aproxima-se assim de outras previsões feitas para 2017, nomeadamente pelo Banco de Portugal e Governo.

No entanto, ficam por aqui as semelhanças das previsões do FMI com as do Governo. Isto porque o Fundo vê a aceleração da economia portuguesa em 2017 como um fenómeno passageiro. E aposta que nos anos seguintes se irá assistir a um regresso a taxas de crescimento baixas e claramente abaixo da média europeia. **S.A.**

“Não haverá instabilidade política”, afirma Marcelo

Depois de ouvir todos os partidos com assento parlamentar, o Presidente da República estava ontem tranquilo. Afinal, os projectos de resolução que o CDS apresentou no Parlamento para rejeitar o Programa de Estabilidade e o Plano Nacional de Reformas terão o voto contra de toda a esquerda. “Não haverá instabilidade política, não será por aí que os documentos não vão chegar a Bruxelas”, afirmou ao fim da tarde Marcelo Rebelo de Sousa.

O CDS-PP foi o último partido a ser ouvido pelo Chefe de Estado, mas chegou a Belém num momento em que todos os partidos da esquerda já tinham garantido o voto contra aquela pretensão. E era isso mesmo que o partido liderado por Assunção Cristas pretendia. “A política é importante para saber quem está com quem. Os partidos das esquerdas não podem fingir uns dias que são Governo e outros que são oposição, eles são os responsáveis por esta governação, com o que tem de bom e com o que tem de mau”, afirmou.

Antes, tanto o líder do PCP como a dirigente d'Os Verdes tinham apontado o dedo à iniciativa centrista. Jerónimo de Sousa chamou-lhe “chicana política” e Heloísa Apolónia desprezou-a dizendo que o PEV “não se identifica minimamente com o que esse partido defende”. O Bloco também já dissera que “não

cria problemas desnecessários” ao Governo.

Foi com essa tranquilidade que Marcelo Rebelo de Sousa considerou a iniciativa centrista como natural – “o CDS cumpre a sua missão, é bom ter uma oposição aguerrida” –, mesmo sendo sua preocupação “não haver qualquer tipo de gesto que possa criar instabilidade política”.

A líder do CDS-PP justificou a iniciativa, não apenas com a clarificação política em relação ao “Governo das esquerdas”, mas também porque não concorda com as políticas que estão a ser seguidas. “O défice não é tudo, não vale tudo” para atingir esse objectivo, disse, criticando o facto de as metas do Tratado Orçamental estarem a ser atingidas “à conta de austeridade”.

A antiga ministra do Governo PSD/CDS-PP que aplicou o plano de austeridade acordado com a *troika* de credores internacionais aponta agora o dedo ao Executivo PS para dizer que o défice tem sido alcançado através de “impostos indirectos e do corte brutal no investimento público que penaliza a qualidade dos serviços públicos”. “A austeridade é alcançada com cativações cegas” que têm prejudicado, afirma, os serviços de educação, saúde e transportes. Essas metas têm de ser alcançadas com “o crescimento sustentado da economia portuguesa”. **Leonete Botelho**

das Finanças Públicas apontam para a possibilidade de a economia poder, numa conjuntura também difícil a nível internacional, voltar a fraquejar a partir de 2018.

Perante as dúvidas, o argumento mais forte que o Governo tem para apresentar são os resultados obtidos em 2016, o primeiro ano em funções. Apesar de o crescimento de 1,4% desse ano ter ficado abaixo dos 1,8% que eram projectados no PE apresentado em Abril de 2016, a verdade é que, para os anos seguintes, o Governo consegue agora manter a trajectória que tinha sido planeada, incluindo o crescimento de 1,8% em 2017.

sergio.anibal@publico.pt



CDS-PP quer levar PE a votos, mas “Governo das esquerdas” rejeita

ECONOMIA

KPMG alerta para valor do Montepio nas contas da Associação Mutualista

Banca
Cristina Ferreira
e Vítor Costa

Entidade liderada por Tomás Correia avalia participação no banco presidido por Félix Morgado em 2 mil milhões

O auditor externo da Associação Mutualista Montepio Geral (AMMG), a KPMG, deixou um novo alerta às contas de 2016 da Associação devido ao valor pelo qual esta contabiliza a posição que tem na Caixa Económica Montepio Geral (CEMG).

A ênfase feita pela KPMG está inscrita no relatório e contas da Associação referente a 2016 e resulta dos critérios usados no cálculo de eventuais imparidades a registar pelas várias participações financeiras que detém, destacando-se o valor da CEMG, onde a associação revela uma participação que avalia por 2,016 mil milhões de euros, e a *holding* Montepio Seguros (Real Seguros, Lusitania), cujo valor registado é de 256 milhões de euros.

Sem questionar as contas de 2016, a KPMG salienta que na base dos números reportados, relacionados com as duas subsidiárias, podem estar pressupostos subjectivos, quer em termos do plano de negócios, quer das condições de mercado e dos critérios macroeconómicos.

Tal como já havia feito em 2015, a KPMG volta a chamar à atenção para os investimentos financeiros da AMMG, “nomeadamente, sobre o registo de imparidades”. Segundo o auditor externo, “os testes efectuados” pela AMMG “relativamente à determinação do valor recuperável das suas participações financeiras tiveram por base pressupostos cuja influência da actual conjuntura económico-financeira e condições gerais do mercado são determinantes”. A KPMG salienta, que tal como referido numa nota do relatório e contas de 2016 da AMMG, “a verificação dos pressupostos utilizados nos respectivos testes e evolução das condições macroeconómicas e do mercado em geral poderão traduzir-se na alteração desses mesmos pressupostos e, conseqüentemente, no valor recuperável determinado das suas participações financeiras”.



Tomás Correia lidera a Associação Mutualista dona da Caixa Económica Montepio Geral

A AMMG, liderada por António Tomás Correia, avalia a Caixa Económica (ao valor nominal) em 2,016 mil milhões, um valor que resulta da soma do capital social de 1,770 mil milhões de euros com 246,1 milhões de investimento em unidades de participação (UP) do Fundo de Participação da Caixa Económica Montepio Geral (CEMG). Face à imparidade constituída em 2015 – e que não sofreu alteração em 2016 – o valor líquido da AMMG na Caixa Económica é de 1666 milhões de euros.

A 31 de Dezembro, a Associação Mutualista tinha 300 milhões de UP, sendo que 200 milhões destes títulos estavam reportados no balanço ao valor nominal de um euro. Mas ao contrário das acções, que representam capital social e não são cotadas, as UP negociam-se em bolsa e transaccionam-se a 0,42 cêntimos. Uma conta simples tendo por base a cotação das UP avaliaria a CEMG em cerca de 850 milhões.

O relatório e contas de 2016 permite ver ainda que o conselho fiscal da instituição, liderado por Manuel Caseirão, apresenta salvaguardas e considerações idênticas às feitas pela KPMG. Uma situação que se repete face ao registado também em 2015 quando deixou sublinhado que con-

cordava com os alertas da KPMG.

O conselho fiscal nota que “o valor bruto do investimento no capital da Caixa Económica” ascende “a 2,016 mil milhões”, e que os testes de imparidades realizados ao longo do ano passado mantiveram, sem alteração, a desvalorização da participação em 350 milhões de euros. “Sem colocar minimamente em causa a adequação de todas as premissas

480

De acordo com os resultados relativos a 2016, as receitas associativas da Associação mantiveram-se constantes em 480 milhões de euros

utilizadas e a correcção dos cálculos matemáticos subjacentes, importa ter presente que, variações, ainda que mínimas, na ordem dos 0,5% podem provocar oscilações significativas no valor das imparidades”, lê-se no parecer do conselho fiscal, onde se adianta que “o simples aumento de 0,5% implicaria um reforço de 134 milhões de euros de imparidades, mas, por outro lado, a redução de 0,5% permitiria libertar 138

milhões de euros de imparidades”.

Em termos consolidados, a AMMG só divulgou os números de 2015, onde apresenta “um capital próprio negativo atribuível aos associados no montante de 107.529 milhares de euros”. Em 2016, a Caixa Económica registou prejuízos de 86,5 milhões de euros, o que representa uma recuperação face às perdas de 243,4 milhões apuradas no ano anterior.

O governador do Banco de Portugal, Carlos Costa, defende a abertura do capital da Caixa Económica, mas qualquer investidor irá reavaliar a instituição financeira. E pode chegar a um valor inferior aos 2,016 mil milhões, o que obrigará a AMMG a assumir o custo da diferença entre o que o investidor estará disponível a aplicar (a preços de mercado) e o que foi reportado no balanço.

Entretanto, no seu parecer às contas, o conselho fiscal salienta que entre 2015 e 2016, a AMMG perdeu apenas 454 associados, para um total de 632.477 mutualistas. Já os reembolsos antecipados e os capitais pagos aos associados tiveram uma melhoria significativa, ao baixarem de 1,066 mil milhões de euros para 606 milhões.

cristina.ferreira@publico.pt

Primeiro voo entre China e Portugal a 26 de Julho

Aviação

Ligação a cargo da Beijing Capital Airlines, do grupo HNA, terá três frequências semanais. Preço ronda os 870 euros

O primeiro voo directo entre a China e Portugal vai realizar-se no dia 26 de Julho, de acordo com a companhia aérea Beijing Capital Airlines, do grupo HNA. O voo terá três frequências por semana – quarta-feira, sexta-feira e domingo – entre a cidade de Hangzhou, na costa leste da China, e Lisboa, com paragem em Pequim, de acordo com o departamento de marketing da empresa.

A Ctrip, o principal motor chinês de pesquisa de viagens, já incluía ontem a ligação nos resultados, com o preço de ida e volta fixado em 6400 yuan (870 euros). O voo será feito pelo modelo 330-200 da Airbus, uma das maiores aeronaves, com capacidade para 475 passageiros.

A Beijing Capital pertence ao grupo chinês HNA, accionista da companhia brasileira Azul de David Neeleman, sócio de Humberto Pedrosa na TAP, e que ficou com grande parte das obrigações emitidas no ano passado pela companhia portuguesa.

O anúncio do dia (já era conhecido o mês) surge quando a secretária de Estado do Turismo, Ana Mendes Godinho, termina uma visita oficial à China. Os chineses que chegam a Portugal “são sempre canalizados através de outra porta na Europa, nomeadamente através de Espanha (...), o que leva a que passem poucas noites em Portugal”, afirmou a governante, acrescentando que o objectivo do Governo é “inverter essa tendência”.

Durante a visita foi inaugurado um centro de emissão de vistos em Hangzhou – numa altura em que o crescimento de turistas chineses em Portugal tem sido uma constante. No ano passado, segundo dados do Turismo de Portugal, o número de turistas provenientes deste país asiático chegou aos 183 mil, mais 19% face ao ano anterior. Em 2013, o número não ia além dos 76 mil.

PÚBLICO/Lusa



Breves

Fisco

Finanças já começaram a pagar reembolsos de IRS

Os primeiros três mil reembolsos relativos ao IRS automático começaram a chegar às contas bancárias dos contribuintes a partir de quarta-feira da semana passada, após terem sido processados no dia 11. De acordo com um comunicado do Ministério das Finanças, treze dias depois do início da chamada “Campanha do IRS” havia 130 mil reembolsos que tinham sido processados. “Tal como antecipado pelo Governo, verifica-se uma redução do prazo médio de reembolso face às campanhas de anos anteriores, que foi de 36 dias, em 2016, e de 30 dias, em 2015”, sublinham as Finanças.

Empresas

Parcaixa insiste em receber dividendos da Inapa de 2014

A CGD, que no âmbito do seu aumento de capital é desde Janeiro detentora de 100% do capital da Parcaixa — contra os 51% que detinha antes, quando dividia o capital com a Parpública —, ainda não desistiu de receber dividendos da Inapa. Do exercício de 2014. Em comunicado ao mercado, emitido ontem, após o fim da sessão, a Inapa – Investimentos, Participações e Gestão, controlada pela CGD e BCP, faz saber que a Parcaixa apresentou a proposta que 1,97 milhões de euros sejam distribuídos em dividendos prioritários às ações preferenciais, relativos ainda ao exercício de 2014. Dona de 148.888.866 títulos preferenciais, a CGD poderá vir a receber 976,6 mil euros caso seja aprovada a proposta.

BNI lança crédito para clientes com mais de 65 anos e casa paga

Banca Rosa Soares

O cliente não precisa de pagar juros nem amortizar capital, mas como os juros são altos, no final a dívida mais do que duplica

O Banco BNI Europa, instituição de capitais angolanos a operar em Portugal desde 2014, acaba de lançar uma solução de crédito, denominada Cereja, destinada a clientes com mais de 65 anos que tenham uma casa paga, para dar como garantia (hipoteca) do empréstimo. O produto é apresentado como um crédito inverso, ou seja, é a casa que dá crédito ao seu proprietário, mas apresenta riscos muito elevados, designadamente a venda forçada da habitação.

O prazo inicial do empréstimo pode ir até 15 anos, com possibilidade de renovações sucessivas por períodos de três anos, mas a taxa de juro é muito elevada – tendo em conta a existência de uma garantia real – o que faz disparar o custo total do empréstimo. A linha de crédito está ancorada numa taxa anual nominal (TAN) entre 6% e 8%. Trata-se de uma taxa fixa, ou seja, não sofre alterações durante o prazo do empréstimo. A taxa anual efectiva (TAE), que já inclui os encargos do empréstimo, ficará acima dos 7%, podendo atingir valores bem mais elevados.

De acordo com uma simulação disponibilizada no site do BNI, um empréstimo padrão de 50 mil euros, a 15 anos, com carência de capital até ao final do prazo e financiamento de juros, para um titular com 75 anos de idade, tem uma TAE de 7,143%. Esta simulação tem por base um rácio de financiamento/garantia de 25%, ou seja, o imóvel valerá 200 mil euros.

Dependendo da finalidade, há crédito ao consumo, sem hipoteca de imóvel ou prestação de outras garantias, com taxas de juro mais acessíveis.

Durante o período do empréstimo, o cliente, que continua a residir na habitação, pode pagar apenas os juros e os encargos mensais do empréstimo. Pode suportar os juros e amortizar capital, como acontece habitualmente nos empréstimos, ou não pagar absolutamente nada. Pagar juros, encargos e amortizar capital



NUNO FERREIRA SANTOS

Clientes com mais de 65 anos são o alvo da campanha do BNI

Casa parcial ou totalmente paga

Vantagens de um crédito adicional

A casa, mesmo que apenas parcialmente paga ao banco, pode servir de garantia para empréstimos adicionais, a taxas de juro bem mais baixas que as praticadas no crédito ao consumo. Pode ser uma solução em situações de divórcio, em que um dos membros do casal precisa de compensar o outro pelo valor já pago, assumindo a titularidade única do imóvel. Mas o crédito pode destinar-se a outras despesas, especialmente se o cliente tiver necessidade de o pagar num prazo alargado.

Este crédito, oferecido pela generalidade dos bancos, implica custos relativos a nova avaliação do imóvel, ao registo de uma segunda escritura/hipoteca, e vai certamente implicar o pagamento de um *spread*, ou margem comercial do banco, mais elevado do que aquele que está na base do empréstimo. Mesmo assim, esta solução pode compensar, face a outras soluções de crédito, especialmente se já foi amortizada uma fatia importante do crédito à habitação.

corresponde a uma prestação mensal elevada. Não pagar nada, mais do que duplica o valor do empréstimo, que terá de ser pago numa só prestação, o que pode ser inoportuno, obrigando à venda do imóvel.

O que acontece no fim?

Uma simulação simples, realizada pelo PÚBLICO, utilizando a TAN de 6,75%, para um montante de 50 mil euros, a 15 anos, com pagamento de juros e capital, corresponderá a uma prestação mensal de 442 euros. Nestas condições, o custo total do financiamento sobe para cerca de 75 mil euros. Na mesma simulação, mas com pagamento apenas de juros, a prestação mensal cai para 281 euros, mas o custo total do empréstimo duplica, para cerca de 101 mil euros. Não foi possível fazer uma simulação para o custo total do empréstimo em que não são pagos nem juros nem capital, mas o custo, dependendo da forma como são calculados os juros sobre juros não pagos, disparará.

Se o cliente não pagar juros, nem amortizar capital, no final dos 15 anos é-lhe pedido o pagamento do custo total do empréstimo e respectivos encargos. E nessa altura, ou paga o valor total, ou pede o adiamento do prazo por períodos de três anos, sujeitos a aprovação do banco. Se o adiamento não for autorizado, o cliente terá de colocar o imóvel à venda. Em caso de morte, o encargo do empréstimo é transferido para os herdeiros.

Neste crédito “dado” pela casa, o BNI, que tem um balcão em Lisboa, mas está a alargar este crédito (por telefone) às regiões do Porto e do Algarve, não pergunta qual é a finalidade, e até sugere que pode ser para ajudar outras pessoas. O montante do empréstimo pode ser recebido de uma só vez, ou em tranches mensais ou anuais.

O pedido de empréstimo tem custos associados, como o de avaliação do imóvel (200 euros mais IVA), e despesas com serviços de solicitadora, actos notariais, de registo e outros encargos. Não é exigido seguro de vida, mas é necessário um seguro multirrisco da habitação completo, e a exigência de pagamento do imposto municipal sobre imóveis (IMI) e a manutenção do imóvel em bom estado de conservação.

rosa.soares@publico.pt

MUNDO

Na Venezuela, hoje é dia da “mãe de todas as manifestações”

Oposição convoca grande manifestação em Caracas contra decisões do Supremo Tribunal. Partido de Maduro marca contramanifestação e o Presidente acena com a “lealdade” do Exército

Perguntas e Respostas Alexandre Martins

Qual é o motivo dos protestos da oposição venezuelana?

Milhares de pessoas têm-se manifestado nas ruas de Caracas desde o início do mês contra decisões do Supremo Tribunal de Justiça que deixaram a Assembleia Nacional (o Parlamento, com maioria da oposição) sem competências legislativas.

Que decisões foram essas?

O caso remonta a Dezembro de 2015, quando candidatos do Partido Unido Socialista da Venezuela (PSUV), de Maduro, pediram ao Supremo a impugnação de oito resultados favoráveis a candidatos da oposição nas eleições legislativas, sob a acusação de coacção e fraude eleitoral. O Supremo suspendeu de forma preventiva a posse dos candidatos, entre os quais, três do estado venezuelano do Amazonas – mas, apesar dessa decisão, a maioria da oposição decidiu avançar com a nomeação desses deputados em Janeiro de 2016. Nessa altura, o Supremo anunciou que os actos aprovados pela Assembleia seriam nulos, e sete meses depois, em Agosto do ano passado, a câmara foi colocada em situação de “desrespeito”, quando decidiu integrar os três candidatos do estado do Amazonas. O último corte entre o Supremo e a Assembleia Nacional aconteceu há duas semanas, a 30 de Março, quando o tribunal despiu a câmara das suas competências e chamou para si as tarefas legislativas, por considerar que se mantinha a situação de “desrespeito”. Dois dias depois, no dia 1 de Abril, o Supremo anulou a sua decisão e devolveu os poderes legislativos à Assembleia Nacional, sob pressão internacional e também por parte de alguns sectores do chavismo,

mas a oposição manteve as críticas: “Não podemos, de maneira alguma, aceitar convites nos quais quem deu o golpe de Estado aparece a querer a resolver a crise que criou”, disse o presidente da Assembleia, Julio Borges.

Que peso têm os três deputados em causa?

Para além de ter perdido pela primeira vez a maioria na Assembleia Nacional desde a entrada em cena de Hugo Chávez, o PSUV viu-se submetido, desde Janeiro do ano passado, a uma maioria de dois terços por parte dos partidos da oposição. Segundo a Constituição, uma maioria de dois terços dá à Assembleia Nacional o poder para alterar a Constituição, apontar e destituir altos cargos e aprovar leis orgânicas. Por outras palavras: o poder de dismantelar o controlo do regime bolivariano sobre a máquina de Estado. Mas para exercer essa maioria de dois terços a oposição precisava dos votos dos três candidatos do Amazonas.

O que está em causa na guerra entre Supremo e Assembleia?

Já depois das eleições legislativas de Dezembro de 2015, mas ainda antes de a nova Assembleia Nacional ter entrado em funções, os deputados do PSUV nomearam 13 juizes efectivos e 21 suplentes para o Supremo, todos eles leais ao Governo de Nicolás Maduro. Esta decisão foi entendida pela oposição como uma tentativa de neutralizar a maioria de dois terços na Assembleia Nacional, já que a câmara não pode anular decisões do Supremo. Foi esse novo Supremo que suspendeu a tomada de posse de candidatos da oposição, entre os quais os três do estado do Amazonas que davam a maioria de dois terços. Com as decisões que foram sendo tomadas pelo Supremo – como a que permite ao Governo de Nicolás Maduro constituir empresas mistas



1 milhão de venezuelanos armados é o objectivo do Presidente Maduro para reforçar a Milícia Nacional Bolivariana, criada por Chávez. A ideia foi criticada pela ONU

sem autorização da Assembleia –, a oposição viu-se, na prática, incapaz de legislar, porque o tribunal anulava todas as suas decisões. O grande objectivo da oposição é provocar a queda de Nicolás Maduro antes das eleições presidenciais de Dezembro de 2018 e convocar eleições antecipadas. Quem são os principais rostos da oposição? O mais influente é Henrique Capriles, que foi proibido de exercer actividades políticas durante os próximos 15 anos; o mais carismático é Leopoldo

Lopez, que está preso. Capriles é advogado de formação, tem 44 anos e é actualmente governador do estado de Miranda – foi “desqualificado” pela Inspeccção-Geral de Finanças no dia 8 de Abril, sob a acusação de uso indevido de fundos públicos, mas continua a exercer o cargo em desafio dessa ordem. Concorreu contra Hugo Chávez nas presidenciais de 2012 e perdeu por uma diferença de 11 pontos; voltou a concorrer em 2013 contra Nicolás Maduro, após a morte de Chávez, e ficou a apenas 1,5 pontos de diferença do actual



MIGUEL GUTIERREZ/EPA

Presidente. Era um candidato certo às eleições do próximo ano, mas a proibição do exercício de cargos políticos durante 15 anos é também vista pela oposição como uma manobra para o impedir de concorrer. A outra face da oposição é Leopoldo López, um economista de 45 anos que passou a juventude nos Estados Unidos da América – fez o ensino secundário em Nova Jérsea e a universidade no Ohio. Em 1992, com apenas 20 anos, fundou a associação Primero Justicia juntamente com Henrique Capriles – um grupo activista que viria a

tornar-se um partido de centro-direita no ano 2000. No início do ano, o Supremo confirmou a condenação de Leopoldo López a 14 anos de prisão, acusado de ter incitado os violentos protestos de 2014, que fizeram 43 mortos. López e Capriles tiveram um início de carreira política semelhante – ambos foram eleitos presidentes de câmara em 2000, o primeiro de Chacao e o segundo de Baruta. Dois anos mais tarde, em 2002, ambos participaram no golpe de Estado falhado contra o então Presidente, Hugo Chávez. São

ambos da área do centro-direita, mas López é mais radical e assume uma posição de maior confronto com o poder instituído.

Quais são os principais riscos da manifestação de hoje?

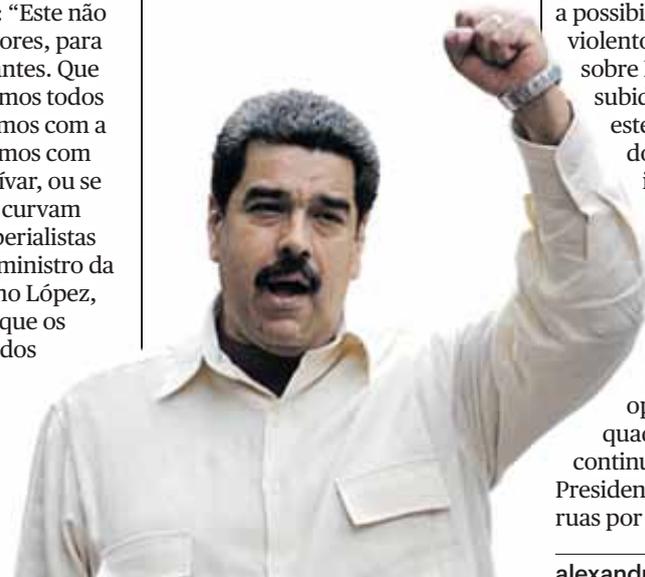
O grande receio é que a Venezuela volte a ser palco de protestos violentos, à imagem do que aconteceu em 2014, quando morreram 43 pessoas de ambos os lados. Desta vez, Maduro voltou a responder à convocação de uma manifestação contra o Governo com a marcação de uma manifestação em seu apoio. Mas o Presidente venezuelano deu também outros dois passos que aumentam o risco de o protesto marcado para Caracas se tornar violento: por um lado, pôs o Exército a marchar nas ruas da capital, na segunda-feira, esperando enviar o sinal de que os militares estão com ele até ao fim; por outro lado, anunciou a intenção de expandir as milícias armadas criadas por Hugo Chávez de algumas centenas de milhares de civis para um milhão. Este anúncio de Maduro já foi criticado pelo Alto-Comissariado da ONU para os Direitos Humanos, através do porta-voz Rupert Colville: “O que é preciso neste contexto de conflito é que se apazigüe a tensão, e não que ela seja agravada, e quantas mais armas houver nas ruas mais possibilidades há de poderem ser usadas.” Segunda-feira, durante as comemorações do 7.º aniversário da criação da Milícia Nacional Bolivariana, Maduro deixou o aviso: “Este não é o tempo para os traidores, para a traição, para os vacilantes. Que cada um decida se estamos todos com a pátria ou se estamos com a traição à pátria; se estamos com o histórico povo de Bolívar, ou se estamos com os que se curvam perante os factores imperialistas do poder.” E coube ao ministro da Defesa, Vladimir Padrino López, passar a mensagem de que os militares estão preparados para intervir: “A Força Armada Nacional Bolivariana mantém a sua unidade monolítica, granítica e ratifica a sua lealdade incondicional ao senhor Presidente.”



O objectivo da oposição é provocar a queda de Nicolás Maduro e convocar eleições presidenciais antecipadas

O receio é que Caracas volte a ser palco de violentos confrontos, tal como aconteceu em 2014, quando morreram 43 pessoas

A crise agravou-se em 2013, com a morte de Hugo Chávez e com a queda dos preços do petróleo



Face a esta pressão, Maduro tem condições para ficar no poder até 2018?

As próximas eleições presidenciais na Venezuela estão marcadas para Dezembro de 2018, mas até lá tudo pode acontecer no país. Os principais partidos da Mesa da Unidade Democrática já indicaram os nomes dos candidatos às primárias desta grande coligação anti-Maduro: apesar de um estar impedido de exercer actividade política e de outro estar preso, Henrique Capriles e Leopoldo López vão disputar esse lugar com Henry Ramos Allup, do centrista Acção Democrática. Dessas primárias sairá o nome do candidato que deverá concorrer contra Nicolás Maduro em 2018. Mas a situação na Venezuela tem-se degradado tanto nos últimos anos – principalmente desde a morte de Hugo Chávez, em 2013 – que ninguém sabe o que poderá acontecer nos próximos dias, quanto mais nos próximos 20 meses. A crise mais recente no país agravou-se com a morte de Chávez, mas para isso também contribuiu a queda do preço do petróleo e a deterioração da tecnologia para a sua extracção – um pesadelo para a economia venezuelana, pouco diversificada e dependente do petróleo. A falta de dinheiro e a crise política juntaram-se e criaram um pesadelo na sociedade venezuelana, com a falta ou a escassez de alimentos e medicamentos a desestabilizarem ainda mais o país e a aumentarem a possibilidade de confrontos violentos. A pressão internacional sobre Nicolás Maduro tem subido de tom, mas chegados a este ponto é difícil que algum dos lados ceda – Maduro insistirá na legitimidade para governar e continuará a acusar os seus opositores de quererem protagonizar um golpe ao serviço de interesses económicos internacionais, e a oposição de vários quadrantes políticos continuará a exigir a saída do Presidente e a manifestar-se nas ruas por uma mudança de regime.

alexandre.martins@publico.pt

MUNDO

Eleições para governador de Jacarta entraram na série *X-Men*

O artista Ardian Syaf incluiu as suas crenças religiosas e políticas num episódio da série *Gold* – mensagens ofensivas para os cristãos e judeus. Foi dispensado pela Marvel. “A minha carreira acabou”, diz

Indonésia
Cleve R. Wootson Jr.

Não se contentando apenas com salvar o mundo de déspotas divinos, da limpeza genética e da aniquilação global, os X-Men passaram o último meio século a lidar com um grande conjunto de problemas sociais.

Iceman, um dos X-Men originais, é uma das várias personagens que se assumiram como homossexuais. Um dos filmes da série *X-Men* centrava-se na ética biomédica. E Magneto disse uma vez que pretendia fazer a guerra entre humanos e mutantes usando “todos os meios necessários”. Esta frase é uma referência a outro revolucionário que também gostava da letra X e que teve a sua ascensão durante a época dos direitos civis nos Estados Unidos – Malcolm X.

No entanto, a última polémica relacionada com os X-Men não resulta de uma decisão da Marvel. Envolve uma tentativa dissimulada de um muçulmano indonésio que cria banda desenhada há vários anos.

Ardian Syaf, um artista da série de banda desenhada *X-Men Gold*, inseriu duas referências ao que os críticos chamam iconografia “anticristã” e “antijudaica”, enquanto as tensões religiosas se intensificam no seu país de origem.

De acordo com a Associated Press, as referências fazem alusões à controvérsia que rodeia o governador de Jacarta, Basuki “Ahok” Tjahaja Purnama, um líder cristão num país de maioria muçulmana – hoje realiza-se a segunda volta das eleições e Purnama está empatado nas sondagens com Anies Baswedan, ex-ministro da Educação e muçulmano.

Purnama foi acusado de blasfémia depois da divulgação de um discurso em que declarou que o Corão não exige aos muçulmanos que votem só em líderes muçulmanos. Disse que os seus críticos, os líderes muçulmanos que defendiam o contrário, estavam a mentir.

Mais tarde, Purnama pediu desculpa. O seu julgamento foi adiado para depois das eleições. No entanto, a controvérsia desencadeou meses de manifestações no quarto país mais



A palavra *jew* (judeu) junto à cabeça de Kitty Pryde, e Colossus com a T-shirt alusiva ao versículo do Corão QS 5:51

populoso do mundo, incluindo uma em que Syaf disse ter participado.

Agora, a disputa infiltrou-se num dos *franchises* de banda desenhada mais populares da América.

Segundo a revista *Hollywood Reporter*, a primeira alusão aos tumultos na Indonésia em *X-Men Gold* é uma cena em que Kitty Pryde – uma das personagens judias mais prominen-

tes do universo de banda desenhada da Marvel – diz a uma multidão que é a nova líder dos X-Men. A sua cabeça tapa o letreiro de uma loja de jóias (*jewelry store*), de maneira que a palavra *jew* (judeu) aparece junto a ela. Outro letreiro exhibe o número 212 – referência a 2 de Dezembro de 2016, a data de uma grande manifestação em Jacarta.

A segunda referência acontece numa cena com um jogo de basebol entre os X-Men. O mutante russo Colossus aparece a dar uma tacada numa bola de basebol e os seus músculos gigantes estão cobertos por uma *T-shirt* que diz “QS 5:51”.

Este versículo do Corão ordena aos fiéis: “Não tomeis por aliados os judeus nem os cristãos. Eles são aliados entre si.”

Em comunicado, um porta-voz da Marvel disse na semana passada que a empresa não tinha conhecimento do significado que estava por trás das referências, que estavam ocultadas mas à vista de todos.

“Estas referências implícitas não reflectem as opiniões do argumentista, dos editores ou de mais ninguém

na Marvel e opõem-se directamente ao espírito inclusivo da Marvel Comics e àquilo que os X-Men representam desde a sua criação”, lia-se no comunicado. “A ilustração vai ser retirada das próximas edições, versões digitais e edições encadernadas, e estão a ser tomadas medidas disciplinares.”

A Marvel pôs fim à colaboração com Syaf. A companhia não fez comentários sobre se acredita que existam outros *easter eggs* (referências escondidas) noutras bandas desenhadas da autoria de Syaf.

Syaf não respondeu a pedidos para prestar declarações, mas contou ao *Jakarta Post* que tinha decidido incluir as mensagens depois de participar na manifestação. “O QS 5:51 é o versículo que está a ser ridicularizado”, disse ele. “Isto é muito especial para mim. Quero incluir isto no meu trabalho. Desenhei aquela página depois de voltar de um protesto.”

Syaf também contou ao jornal que acredita que é aceitável ser amigo de judeus e de cristãos. “Mas escolher alguém que não é muçulmano como líder é proibido. É isso que diz o versículo. O que é que eu posso fazer, enquanto muçulmano? Se trabalhasse em Washington, podia colocar [as mensagens] numa banda desenhada do Super-Homem.”

Durante anos, a página de Facebook de Syaf foi uma intersecção entre a sua carreira como artista de banda desenhada, a sua identidade enquanto muçulmano e as suas crenças políticas.

Publicava um desenho elaborado do Batman num dia e, pouco tempo depois, partilhava uma oração para que Alá protegesse o povo da Síria. Por vezes, brincava com fãs ou publicava fotografias e desenhos de si próprio e da sua escrivãzinha.

No entanto, uma actualização no Facebook publicada por Syaf na semana passada reconhecia que a sua decisão de expor publicamente as queixas contra Purnama irão, provavelmente, ter consequências: “Agora, a minha carreira acabou.”

Exclusivo PÚBLICO/The Washington Post



Breves

EUA

Política ajuda negócios de Ivanka Trump

Os negócios de Ivanka Trump estão já a beneficiar da sua presença na Casa Branca, diz a Associated Press. No dia 6 de Abril, conseguiu a aprovação da China para vender jóias, malas e serviços de spa da sua marca no país. Esta chegou horas antes de Ivanka ter jantado com o Presidente da China, Xi Jinping, durante a visita oficial deste aos EUA, no resort do seu pai, o Presidente Donald Trump.

Crime

“Homicida do Facebook” encontrado morto

Steve Stephens, o homem suspeito de matar um idoso em directo no Facebook, foi encontrado morto no seu carro após uma perseguição policial na Pensilvânia (EUA), revelou a polícia estatal. A causa da morte foi suicídio. A polícia perseguiu Stephens, de 37 anos, mas perdeu-o, encontrando-o depois morto. No domingo assassinou Robert Godwin, de 74 anos, dando-lhe um tiro na cabeça.

França

Detidos dois suspeitos de preparar atentado antes das eleições

Dois homens, de 23 e 29 anos, foram ontem detidos em Marselha (França), por suspeita de prepararem um ataque “nos próximos dias”, disse o ministro do Interior francês, Matthias Fekl. Os dois terão sido radicalizados na prisão e as autoridades procuravam-nos activamente desde o final da semana passada.

A história do Holocausto vai ter novas páginas

II Guerra Luís Villalobos

Pastas do arquivo da Comissão de Crimes de Guerra da ONU vão ser abertas esta semana ao público pela primeira vez

Os ficheiros são muitos, e incluem PDF com mais de 2000 páginas. Neles estão contidas informações e detalhes de uma das histórias mais macabras da humanidade, a do Holocausto dos judeus, perpetrado pelos nazis. Até aqui guardados longe do olhar do público, nos armários da Comissão de Crimes de Guerra da Organização das Nações Unidas, vão ser disponibilizados esta semana pela primeira vez através da biblioteca Wiener, em Londres.

“Antecipamos um enorme interesse”, afirmou ao jornal *The Guardian* o responsável pelo arquivo da biblioteca Wiener, Howard Falksohn. “É bem possível que sejam reescritos capítulos cruciais [da História] com a nova documentação disponível”, acrescentou em declarações ao jornal britânico, que avançou ontem com a notícia da abertura do espólio. Segundo as informações disponibilizadas, o catálogo da Comissão de Crimes de Guerra da ONU vai estar online, podendo depois as pessoas consultar o arquivo na biblioteca Wiener, situada no centro da capital londrina.

De acordo com o *The Guardian*, entre a documentação estão provas da existência de campos de concentração como o de Auschwitz e Treblinka (onde morreram milhões de judeus, e também muitos não-judeus), muito antes da chegada dos Aliados, devido a informações que o Governo polaco no exílio conseguiu fazer passar entre as linhas alemãs.

Em declarações ao PÚBLICO, o historiador britânico Antony Beevor, especialista da II Guerra Mundial e autor de obras como *A Queda de Berlim*, considera que o arquivo irá “fornecer vários detalhes”, mas diz que ficaria “surpreendido” se houvesse “a revelação de material que alterasse de forma substancial a nossa perspectiva” actual.

A abertura do arquivo coincide com o Lançamento de *Human Rights after Hitler: The Lost History*



Campo de concentração de Auschwitz

Antony Beevor diz que ficaria “surpreendido” se fosse revelado “material que alterasse de forma substancial a nossa perspectiva”

of Prosecuting Axis War Crimes, obra escrita por Dan Plesch, que acedeu à documentação em causa durante uma década. Até agora, apenas investigadores autorizados podiam consultar o arquivo em Washington, e sem poder tomar notas ou fazer cópias. De acordo com o *The Guardian*, graças a uma iniciativa de Plesch, director do centro de estudos internacionais e diplomacia da SOAS/Universidade de Londres, a ONU permitiu a cópia do arquivo e a sua disponibilização a partir de Londres.

Foi em Outubro de 1943 que foi criada a Comissão de Crimes de Guerra das Nações Unidas, já a pensar no final do conflito e reunindo 17 nações aliadas (a URSS ficou de fo-

ra). A sua missão era reunir as informações necessárias para depois encontrar, prender e julgar as pessoas acusadas de crimes de guerra (além muitas personalidades alemãs, incluía também os seus apoiantes e responsáveis do Japão).

De acordo com dados da ONU, esta comissão teve a sua primeira reunião oficial a 11 de Janeiro de 1944, acabando por ser extinta em Março de 1948 (já com a Guerra Fria a tomar forma). Desses anos ficou uma vasta documentação (38.810 ficheiros), desde listas de criminosos, suspeitos e testemunhas (cerca de 37 mil nomes) até correspondência trocada, passando por transcrições e relatórios.

As raízes da biblioteca Wiener remontam a 1933, ano em que Alfred Wiener, um judeu alemão, começou a coleccionar propaganda anti-semita, e a combater o nazismo. Hoje, a biblioteca que fundou (Wiener conseguiu escapar para Londres) contém o arquivo mais extenso sobre o extermínio dos judeus e o nazismo, tornado agora ainda maior. A abertura da documentação, diz Plesch, é “um enorme recurso para combater a negação do Holocausto”.

luis.villalobos@publico.pt

UE pede investigação a referendo na Turquia

Europa

Conclusões de observadores internacionais e resultado tão próximo motivam preocupação em Bruxelas

A União Europeia pediu ontem às autoridades civis na Turquia para fazer uma investigação transparente ao processo eleitoral de domingo, que resultou numa vitória do “sim” às alterações constitucionais que dão mais poder ao Presidente, que após a próxima eleição passará a concentrar poder legislativo, executivo e judicial.

Um porta-voz do presidente da Comissão Europeia diz que Bruxelas “examinou atentamente” as conclusões de observadores da OSCE – segundo as quais a votação, que terminou com 51,4% para o “sim”, não respeitou os padrões internacionais democráticos.

“Tendo em conta o relatório dos observadores, o resultado próximo e as implicações das alterações constitucionais, pedimos às autoridades turcas para considerar os próximos passos com muito cuidado e procurar o máximo consenso no seguimento do referendo”, disse um porta-voz de Jean-Claude Juncker.

Alemanha e França pediram também a Erdogan diálogo com a oposição, enquanto os EUA “notaram” o relatório da OSCE – mas horas depois o Presidente Donald Trump foi o primeiro líder de um país democrático a telefonar a Erdogan para lhe dar os parabéns pela vitória.

Mas o Presidente turco reagiu à conferência de imprensa da missão de observação da OSCE dizendo que os responsáveis deviam “pôr-se no seu lugar”. Mais tarde repetiu que o referendo foi “a votação mais democrática de sempre”.

Erdogan também mencionou a possibilidade de mais dois referendos, um à pena de morte e outro ao processo de adesão à União Europeia.

A oposição queixou-se de irregularidades e não aceitou o resultado. Entre os vários motivos de queixa está a decisão, pouco antes do encerramento das urnas, de considerar válidos boletins sem o carimbo da comissão eleitoral.

CIÊNCIA

Ilha de Santa Maria a caminho de ter uma base espacial?

Açores vão acolher uma reunião com delegações de 29 países, do Brasil, China e EUA até à Índia e África do Sul. O espaço, os oceanos, o clima e a energia vistos como centrais para criar nos Açores centro internacional

Cooperação científica Teresa Firmino

Ainda é uma proposta em discussão, mas está a ser levada a sério: a ilha de Santa Maria, nos Açores, é apontada num estudo da empresa aeroespacial Airbus como um local para construir uma base espacial de onde partirão foguetões que coloquem em órbita da Terra pequenos satélites – avançaram ontem o ministro da Ciência, Manuel Heitor, e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva, numa conversa em Lisboa com os jornalistas, onde esteve ainda o secretário Regional do Mar, Ciência e Tecnologia, Gui Menezes.

Santa Maria como um futuro “porto espacial” vai ser um dos temas em discussão ao mais alto nível entre governos de vários países, cientistas e a indústria aeroespacial. O tema da reunião, amanhã e depois de amanhã na ilha Terceira, é *Interações atlânticas – Integrando o espaço, clima, oceanos e ciências de dados através da cooperação Norte-Sul/Sul-Norte*. Objectivo: a criação de um centro de investigação, incluindo a base espacial, procurando assim ter uma visão integradora de vários domínios: o espaço; os oceanos, o clima e a atmosfera; e a gestão de dados e sistemas de energia sustentável. Tem já uma designação: Centro Internacional de Investigação dos Açores, ou Azores International Research Center (AIR Center).

Esta reunião resulta de um trabalho nos últimos nove meses, frisou o ministro da Ciência, com *workshops* organizados por Portugal em vários locais, como os EUA, o Brasil e Bruxelas, e de visitas oficiais, como a do primeiro-ministro português, António Costa, à Índia em Janeiro. O resultado desta discussão e diplomacia científica é a vinda agora à Terceira de delegações de 29 países – dos EUA, da China, da Índia, do Brasil, África do Sul, Angola, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Nigéria, Senegal, Espanha, França, Alemanha ou Reino Unido – e, ainda da Comissão Europeia e do Parlamento Europeu. De vários países virão ministros. Na reunião, além de Augusto Santos Silva e de Manuel Heitor, estará Vasco



A ilha de Santa Maria pode vir a tornar-se um local para lançar pequenos satélites para órbitas baixas

Cordeiro, presidente do Governo Regional dos Açores. E da Agência Espacial Europeia (ESA, de que Portugal é membro), vai estar o seu director-geral, Johann-Dietrich Wörner.

É o culminar dessa “fase de preparação”, disse Manuel Heitor, e agora espera que se siga a fase em que os países se comprometam a participar no AIR Center. Juridicamente, a proposta em cima da mesa é a criação de uma organização intergovernamental – ou seja, com países-membros, à semelhança da ESA ou do Laboratório Europeu de Física de Partículas (CERN). “O desafio deste projecto é tão grande que não faz sentido que seja português. Queremos dinamizar a agenda internacional e é importante envolver neste processo vários países, instituições e o sector privado”, disse Manuel Heitor. “Os detalhes da constituição da instituição devem ser prolongados até ao final do ano.”

Por sua vez, Augusto Santos Silva sublinhou que do ponto de vista de política externa a criação do AIR Center tem três objectivos: “usar a componente científica e tecnológica no posicionamento internacional de

Portugal”, “tirar partido da posição privilegiada de Portugal nas interações entre Norte-Sul, em particular Atlântico Norte e Atlântico Sul”, e “valorizar a ciência e tecnologia como área de cooperação estratégica no domínio das relações bilaterais”.

O centro e a base das Lajes

É no ponto das relações bilaterais que se insere a cooperação científica entre Portugal e os EUA, mas também com o Brasil, Cabo Verde, a Índia e agora a China. “[A cooperação científica] será crescentemente mais relevante na relação com a China. Os Açores são um elemento essencial nessa estratégia”, disse Augusto Santos Silva.

Na nova equação de um centro internacional nos Açores, com uma base espacial, em que pé fica então a base aérea das Lajes (na Terceira), de onde a anterior Administração dos EUA queria sair? Santos Silva respondeu que o centro AIR e a base das Lajes “são duas coisas independentes”, dois “carris” diferentes. “Estamos numa etapa em que o processo de decisão norte-americana não está formalmente concluído. O Congresso

colocou questões. O facto de haver uma nova Administração significa uma nova oportunidade para olhar para essa decisão. Se houver alguma alteração na decisão dos EUA em relação ao contingente militar, isso não afecta nem positiva nem negativamente o projecto do AIR Center.”

Só que os EUA olham com desconfiança para o interesse chinês nos Açores. Sem nunca mencionar de forma explícita esta questão, Santos Silva deixou claro que uma coisa é a cooperação militar e outra é a cooperação científica. “No que diz respeito às capacidades de uso militar, elas são usadas no relacionamento bilateral com os nossos aliados, em primeiro lugar com os EUA, ou no quadro multilateral, a NATO e o pilar de Defesa da União Europeia. Ponto parágrafo”, disse. “Na área de cooperação científica, tecnológica e económica, Portugal relaciona-se com todos os países do mundo.” Leia-se: incluindo a China. Uma dessas áreas de possível cooperação com a China é o espaço. Por isso, a delegação chinesa à Terceira tem quatro representantes: além do embaixador em Lisboa, três

elementos do Centro de Engenharia de Microsatélites de Xangai.

Os Açores como um novo porto espacial permitirão “posicionar Portugal numa nova agenda espacial”, considerou Manuel Heitor. “Por que é que o espaço é importante para países como Portugal?”, questionou, referindo que até há dez anos os lançamentos espaciais se concentravam “nos EUA, de onde são lançados grandes satélites, na Guiana Francesa, na Rússia e China e, mais recentemente, na Índia”. O avanço da tecnologia começa a abrir outro mundo de possibilidades às empresas privadas. E que incluem satélites mais pequenos, que ficariam em órbitas baixas. “Cada vez mais se fazem satélites mais pequenos – de dez a 150 quilos ou até 400 quilos. É essa a gama que nos interessa”, explicou o ministro da Ciência. E que fariam observações para uma miríade de aplicações, do cadastro das cidades até à agricultura.

Se o AIR Center for realidade, à paisagem bucólica açoriana juntar-se-ão foguetões a desaparecer céu acima.

teresa.firmino@publico.pt

CULTURA

Continua boa, a conversa das galerias portuguesas com o Brasil

Da *habituée* Filomena Soares aos recém-chegados Francisco Fino e Madragoa, a ida à SP-Arte foi unanimemente bem-sucedida. Há negócios fechados e projectos à vista – apesar da crise



Artes Inês Nadais

A crise está lá, eventualmente para durar, mas parece ter ficado à porta da 13.ª edição da SP-Arte - pelo menos para as cinco galerias portuguesas que estiveram este ano na maior feira de arte da América Latina, a dura realidade da economia brasileira não parece ter atrapalhado demasiado os contactos, ou mesmo os negócios. Bem pelo contrário, são notícias de um país paralelo, estas que nos chegam da ronda de contactos pós-São Paulo: “A feira está com muita força, senti o mercado entusiasmado - e eu não fui preparada para isso, fui preparada para encontrar um mercado quebrado, para encontrar uma São Paulo quebrada. Foi bem surpreendente, porque a crise no Brasil está pesada e a SP-Arte poderia ter sido um fiasco”, diz ao PÚBLICO Andrea Baginski, natural do Rio de Janeiro mas com galeria aberta em Lisboa desde 2009.

O caso de Bruno Cidra - o artista que a Baginski levou ao Solo, o sector especial da feira dedicado a projectos individuais - com o mercado brasileiro ainda é um *work in progress* porque há uma residência no espaço Pivô, também em São Paulo, a decorrer nos próximos três meses e é preciso esperar para ver o que sai daí. “Neste momento o Bruno continua lá a trabalhar com curadores, o trabalho dele ainda está a ser visto, isto ainda não acabou; é preciso mais tempo para termos um *feedback* definitivo desta passagem”, continua aquela que terá sido a primeira galerista estrangeira a ter um stand na SP-Arte, em 2006 (“Deu muito certo, levei a Cecília Costa e foi um sucesso na altura”). Em todo o caso, ressalva Andrea, esta participação individual já foi uma experiência “sensacional para um artista ainda

jovem, apesar de representado em colecções importantes (Serralves, Cisneros, EDP)”.

Tanto por razões pessoais como pelo “posicionamento estratégico da galeria”, a presença na SP-Arte é instrumental para a Baginski, que embora não tendo picado fielmente o ponto todos os anos vem trabalhando de perto com colecionadores brasileiros a partir da feira. O mesmo se passa com a Filomena Soares, outra *habituée*. Apesar da interrupção em 2016 “devido à desvalorização do real”, a edição que terminou no passado dia 9 foi a sétima em que a galeria lisboeta participou - e mais uma vez ficou provado, constata Manuel Santos, que “São Paulo é um ótimo mercado, com grande poder económico”. Dentro do Pavilhão Ciccillo Matarazzo onde a galeria mostrou obras

A *Brief History of Princess X* entrou em colecções do Brasil; em baixo, o galerista João Azinheiro, que abriu escritório em São Paulo

de Dan Graham e Helena Almeida num *stand* do sector Repertório, “nota-se que a economia está em alta”, continua o galerista, e o regime especial de tributação em vigor durante os cinco dias da feira e os dois que se lhe seguem permitiu à Filomena Soares fazer “boas vendas para colecionadores privados brasileiros”.

Também para a kubikgallery, que abriu no Porto em 2009, o Brasil é um filão a explorar - e não apenas durante a semana da SP-Arte. João Azinheiro já é um pouco da casa - foi director de uma galeria paulista, a Baró, com a qual participou duas vezes na feira -, e decidiu mesmo abrir um escritório em São Paulo para poder capitalizar as relações que ali criou com colecionadores e curadores e “dar resposta a um

conjunto de clientes” que já não é residual.

De resto, e porque os negócios se prolongam após o fecho da feira, Azinheiro ainda está em São Paulo “a finalizar algumas vendas” - que “felizmente” foram numerosas, tendo em conta o “forte investimento” que a única galeria portuguesa presente este ano no sector geral da SP-Arte fez para alugar o stand bem espaçoso onde instalou obras de Valter Ventura, Pedro Tudela, Pedro Vaz e Sérgio Fernandes, mas também do inglês Dan Coopey e do eslovaco Juraj Kollár. “Claro que estamos a falar de valores baixos, porque os artistas portugueses ainda são pouco conhecidos no Brasil, e que não paga os dois anos de investimento que fiz, mas ainda assim é muito positivo o saldo, estou extremamente satisfeito”, conta ao PÚBLICO. “Colocámos trabalhos numa das grandes colecionadoras do Brasil, a Cleusa Garfinkel, e conseguimos vender também para o Instituto Figueiredo Ferraz, do actual presi-





3 PERGUNTAS A FERNANDA FEITOSA

Coleccionadora “ávida”, a fundadora e directora da SP-Arte defende — numa entrevista concedida ao PÚBLICO ainda a meio da 13.ª edição — que as feiras têm de se realizar, com ou sem crise à volta. E acredita que, num ecossistema artístico deficitário como o brasileiro, eventos como este favorecem não apenas os negócios de galeristas e coleccionadores privados mas também a *endurance* das colecções públicas: o programa de estímulo à doação que a SP-Arte lançou em 2008 alcançou este ano, aliás, o número-recorde de 23 obras doadas. **Pelo segundo ano consecutivo, a SP-Arte decorre num contexto de declarada crise económica. O mercado da arte brasileiro foi muito afectado?**

Não existe um bom ou um mau momento para se fazer uma feira de arte: a SP-Arte existe, tem uma agenda, e há todo um sistema que orbita ao redor dessa agenda. As feiras de arte no Brasil têm um papel muito importante, porque 30 por cento da facturação anual de muitas galerias ocorre aqui — não podemos dar-nos ao luxo de não fazer, e acho até mais importante fazer nestas alturas, venda-se mais ou venda-se menos. O Brasil sempre passou por muitas crises, e estamos enfrentando mais essa de cabeça erguida. Uma das coisas que mais se falou nesses dias foi que a qualidade dos trabalhos está muito alta; é uma demonstração de que os ânimos não se afundaram. **Mas sentiu-se nestes dois anos uma fragilização do mercado?**

Comparando com os anos em que o optimismo no Brasil ainda era muito grande, houve uma retracção natural, dado o carácter agudo desta crise. Portugal passou o mesmo, e está vivendo agora um ciclo

oposto, com uma pequena recuperação, que deu ar à ArcoLisboa. Mas desde que esta crise se iniciou tem havido uma menor circulação de obras de arte do que nas crises anteriores em que muitas pessoas se desfizeram de peças das suas colecções. Não se repetiu essa tendência.

Os coleccionadores que compram obras nesta feira devem assumir responsabilidades pela sua difusão — nomeadamente quando se trata de obras estrangeiras que as instituições no Brasil têm mais dificuldade em adquirir e fazer circular?

Sem dúvida. Em todo o mundo os coleccionadores têm um papel importante: primeiro porque ajudam a mover as engrenagens do circuito e a escoar a produção artística, e depois assumindo responsabilidades de carácter público. Muitos no Brasil exercem o papel de patronos e ajudam a dirigir os museus, ou participam voluntariamente, *pro bono*, em conselhos deliberativos, entrando na discussão sobre como devem ser geridos neste contexto em que os recursos não são infinitos e o Estado vai-se retirando para priorizar outras políticas públicas. O meu marido [Heitor Martins], por exemplo, já dirigiu a Bienal de São Paulo e dirige agora o MASP nas horas vagas do seu trabalho como director de uma empresa de consultoria [a McKinsey]. Outros têm sido importantes pelas suas doações. Nos últimos nove anos, a SP-Arte vem fomentando um programa que já promoveu mais de cem doações: é uma oportunidade para deixar público um legado, mas é também um lembrete para a comunidade de que os cidadãos são responsáveis pelo que acontece culturalmente no seu país. **Inês Nadais**

30

mil visitantes passaram este ano pela SP-Arte: é um recorde para a feira de arte mais importante da América Latina

dente da Bienal de São Paulo. Mas também fizemos uma venda engraçadíssima do Sérgio Fernandes a um jovem arquitecto que se apaixonou pela obra - faz parte de uma nova geração de coleccionadores que o Brasil tem e que pode ser um mercado interessante.”

No caso da kubik, o movimento é aliás nos dois sentidos: a relação Portugal-Brasil consuma-se com a presença continuada em São Paulo, mas também no próprio programa da galeria aberta no Porto, que em Maio inaugurará uma individual de Felipe Cohen (São Paulo, 1976) e em Setembro outra de Leda Catunda (São Paulo, 1961). Entretanto, e até ao regresso para a ArcoLisboa, João Azinheiro permanecerá do outro lado do Atlântico “a batalhar por

exposições” dos seus artistas.

Por cá, o entusiasmo pelos resultados obtidos nesta edição da SP-Arte estende-se às recém-chegadas Francisco Fino e Madragoa, que se estrearam na feira paulista, respectivamente, com trabalhos de Gabriel Abrantes e Joanna Piotrowska (sector Solo). “Não podia ter corrido melhor”, responde ao PÚBLICO Francisco Fino, notando “o risco” de ter levado “um vídeo”, em princípio mais difícil de vender, para a sua primeira feira internacional. “Foi óptimo em termos de contactos com instituições, curadores e galerias internacionais, de que podem resultar exposições, e conheci imensos coleccionadores brasileiros, muitos deles a viver em Portugal”, explica, acrescentando ter tido

duas reservas para *A Brief History of Princess X* (o vídeo foi lançado numa edição de cinco), uma para uma colecção portuguesa e outra para uma colecção brasileira.

Para Matteo Consonni, da Madragoa, que colocou algumas imagens de Joanna Piotrowska “em boas colecções do Brasil”, este é, definitivamente, “um mercado a construir”: “Tem um grande potencial porque combina duas coisas: colecções com alto nível de pesquisa, o que nos interessa porque o trabalho da Madragoa lida muito com questões conceptuais difíceis para um mercado ‘normal’; e coleccionadores jovens com quem podemos começar uma conversa.”

inadais@publico.pt

PUBLICIDADE

OS DESCONTOS CONTINUAM

ATÉ 30 DE ABRIL NA SUA LOJA ABREU

desde 1840
mundo **abreu**®
FEIRA DE VIAGENS '17

CIRCUITO À DESCOBERTA DA ILHA VERDE

Partidas de Lisboa ou Porto, às 2^{as}-feiras, de 1 mai. a 23 out.'17
4 noites | APA + 8 refeições

Inclui: avião + transfers + Hotel Vip Executive Azores | 4 estrelas + todas as visitas mencionadas no itinerário + taxas de aeroporto, segurança e combustível (€ 26) + Seguro Multiviagens.

Desde

€ **671**
por pessoa em duplo

ATENAS E CRUZEIRO PELAS ILHAS GREGAS

Partidas de Lisboa, aos sábados, de 22 abr. a 21 out.'17
7 noites | APA + 8 refeições

Visitando: Atenas, Piréus, Mykonos, Kusadasi, Patmos, Rhodes, Creta e Santorini
Inclui: avião + transfers + 3 noites em Atenas em hotel de categoria standard + 4 noites de cruzeiro Celestyal Cruises com pacote de bebidas “Azul” + meio dia de visita de Atenas + 3 excursões durante cruzeiro + entrada na Acrópole de Atenas + taxas de aeroporto, segurança e combustível (€ 51) + taxas portuárias (€ 136) + Seguro Multiviagens.

Desde

€ **1.261**
por pessoa em duplo

CULTURA

A enxada salta do campo para a cidade para nos fazer parar (e pensar)

Teatro
Maria João Monteiro

***E-nxada* é a nova criação da Erva Daninha e da Binaural/Nodar que vem falar de ruralidade ao meio urbano**

É um objecto ancestral associado aos trabalhos rudimentares do meio agrícola, por isso não é assim tão comum avistá-la nas cidades. A enxada carrega a árdua e repetitiva rotina das gentes do campo e sobe agora a palco em *E-nxada*, o novo espectáculo de circo contemporâneo da companhia portuense Erva Daninha e da Binaural/Nodar, estrutura artística de São Pedro do Sul.

A peça está em cena entre hoje e domingo no Teatro Carlos Alberto, no Porto, e conta com direcção artística e concepção plástica de Vasco Gomes e Julieta Guimarães. “Tentámos não cair numa coisa muito poética sobre o mundo rural e quisemos manter o ciclo agrícola tal como ele é, com todo o trabalho, a força e o tempo que implicam”, começa por explicar Vasco Gomes, sublinhando a necessidade de olhar para “a questão do tempo, o não estarmos habituados a esperar e de repente precisarmos que as sementes germinem”.

Mais do que um instrumento agrícola, a enxada é aqui um simultâneo ponto de encontro e desencontro entre a aceleração caótica do mundo contemporâneo e o ritmo pa-chorrento das paisagens rurais. O projecto resulta de um desafio da Pegada Cultural – Circus Lab à Erva Daninha para desenvolver um trabalho com um grupo de jovens de uma escola de São Pedro do Sul e junta duas instituições artísticas inseridas em contextos sociais, económicos e políticos distintos para pôr em confronto a ruralidade e o urbanismo e o passado e o presente. “Não fizemos residências para aprender a cavar nem andámos a mexer na terra e isso é propositado – foi mesmo para que tivéssemos uma visão urbana de tudo isto”, justifica Vasco Gomes.

O espectáculo é caracterizado como “uma visão inocente e quase infantil do trabalho rural” e, de facto, é essa a impressão que passa quando assistimos à dança coordena-



A enxada é, neste espectáculo, ponto de encontro e de desencontro

nada dos actores e manipuladores que recriam o fastidioso labor exigido pelas diferentes fases do ciclo agrícola. Vemo-los cavar a terra ininterruptamente, passando as enxadas entre uns e outros como se estas fossem uma extensão dos seus corpos, um testemunho dos calos que nascem da terra e habitam as mãos e as costas dos malabaristas. As sementes são bolas brancas atiradas ao ar em gestos cúmplices que lembram a menineiz e nos levam a um mundo que corre mais devagar. “Aqui [na cidade] compramos tudo feito, as saladas vêm todas empacotadas. Ligamo-nos com a natureza para vir [a um jardim] tomar café, mas não estamos ligados à natureza [e à noção] de que as coisas são semeadas e exigem cuidado”, acrescenta Julieta Guimarães.

Sons verdadeiros

Regressar às origens não significa, no entanto, querer anular a tecnologia. Prova disso é o próprio nome da peça, que remete não só para a enxada como uma tecnologia do seu tempo como para o mundo digital do email, do *e-learning* e das restantes variações de prefixo “e”. O próprio mundo do espectáculo vive da tecnologia e de tudo o que esta pode acrescentar à concepção de uma *performance*. “A tecnologia faz parte da vida e não queremos anulá-la, até porque usamos muitas luzes e muitos aparelhos de som. Não recusamos isso de todo”, reitera a criadora. O som de *E-nxada* é tam-

bém ele fruto do casamento entre o antigo e o moderno, pois resulta de uma investigação profunda feita pela Binaural/Nodar que visou captar sons verdadeiros da actividade rural que pudessem acompanhar os malabarismos.

Os criadores pretendem romper com a ideia romantizada que o espectador possa ter sobre um mundo rural esquecido, pouco habitado e alheio às novas tecnologias. “O mundo rural já é muito contemporâneo, está muito afastado da agricultura e os trabalhos são muito à volta da indústria”, refere Julieta Guimarães, que identifica o processo de criação como “uma grande dose de realidade”. Já Vasco Gomes reconhece que este não é um retrato criterioso da actividade rural, mas antes “uma visão de manipulação e desconstrução do objecto e do próprio trabalho agrícola” que quer pôr a cidade a pensar sobre o campo.

E-nxada é uma peça para todos os públicos que mostra que a distância entre o rural e o urbano não é tão grande quanto se possa pensar. A começar pelo circo contemporâneo, é preciso tempo para conceber os projectos, desenhar as coreografias e seguir metodicamente uma série de passos que, em última instância, darão vida a um espectáculo. Só é preciso trabalho, dedicação e paciência – os mesmos ingredientes necessários para poder colher os frutos das sementes plantadas.

maria.monteiro@publico.pt

Alerta! Vem aí a poesia visceral de Moor Mother

Música
Vitor Belanciano

Sons electrónicos virulentos e uma voz que expele palavras politizadas com raiva, a americana Moor Mother em Portugal

Pensamos na Detroit da editora Motown, dos Stooges, do tecno ou dos White Stripes. Lembramo-nos da Chicago da música house. Ou da Nova Iorque dos Velvet Underground, do punk, do disco ou do hip-hop. E quando se fala de Seattle é o grunge e os Nirvana que são evocados.

Nos Estados Unidos, mostra privilegiada de diversas culturas populares de expressão global, a história de cada cidade parece reflectir diferentes narrativas sónicas. No caso de Filadélfia, a identificação não é tão imediata. No entanto, é uma cidade onde a poesia, a música e a política andaram sempre a par na expressão dos direitos civis dos negros.

Foi ali que músicos como Archie Shepp, Philly Joe Jones e Grover Washington e escritoras e poetisas como Nikka Giovanni, Sonia Sanchez e Toni Morrison reconheceram no jazz a voz mais urgente da negritude. Foi ali também que na alvorada dos anos 1970 o chamado “som de Filadélfia”, cruzamento de soul e disco iria dar que falar. O mesmo sucedendo, no final dos anos 1990, com uma geração de poetisas, cantoras e músicos como Ursula Rucker, King Britt, Jill



Moor Mother: poetisa, cantora, performer, artista visual

Scott, Vikter Duplaix ou Bilal, cruzando hip-hop com soul.

Camae Ayewa, ou seja, Moor Mother, é também uma filha de Filadélfia, estando imersa na vida mais pulsante da cidade através de vários projectos de âmbito artístico ou sociopolítico, como a Community Futures Lab, o The Afrofuturist Affair ou o colectivo Black Quantum Futurism Collective. É essa activista, poetisa, cantora, *performer*, artista visual, professora ou produtora que vem agora a Portugal pela primeira vez, actuando hoje no Porto (Café Au Lait), amanhã em Lisboa (Galeria ZDB) e na sexta em Coimbra (Salão Brazil). O álbum que lançou no ano passado, *Fetish Bones*, deu-lhe uma visibilidade um pouco inesperada, porque a sua música está longe de confortar. Bem pelo contrário, confronta, interpela, provoca, numa mistura de paisagens sonoras electrónicas virulentas, deformadas e disfuncionais, com uma voz potente que expele palavras, rimas e poemas de agonia e raiva, evocando os tempos em que fazia parte da banda punk The Mighty Paradoxs.

Há semanas editou um novo registo, *The Motionless Present*, talvez ainda mais radical que o álbum do ano passado. Mais uma vez, nas suas palavras politizadas, existem influências poéticas de Sonia Sanchez ou Amiri Baraka, sucessão de histórias de resistência e sobrevivência, envolvidas por uma tapeçaria sónica ruidosa onde se intersectam música concreta, jazz do mais livre, cólera punk, electrónicas, improvisação, *samples* de blues ou rap.

É esta mulher que tem documentado o racismo sistémico nos Estados Unidos e que tem ao mesmo tempo uma profunda consciência do seu lugar e do meio que trilha – “Perguntam-me porque não há mais negros nos meus concertos. A pergunta certa seria: Porque não há pessoas de classes baixas? Que cresceram em bairros sociais como eu? Ser artista implica muitas vezes um certo privilégio”, dizia ela o ano passado, em conversa com o PÚBLICO – que vai estar em Portugal por estes dias.

Quem espera que uma *performance* seja apenas um lugar para confirmar o que já se sabe por antecipação irá desiludir-se. Os outros estão avisados.

vbelanciano@publico.pt

Mário Laginha em trio, desafiado a “arriscar mais” no palco da Culturgest

Música
Nuno Pacheco

Com Bernardo Moreira e Alexandre Frazão, o pianista estreia hoje na Culturgest composições novas que podem vir a dar um disco

No seu caminho de despedida como programador da Culturgest, Miguel Lobo Antunes continua a marcar pontos. Agora chegou a vez de Mário Laginha, que hoje, com o seu trio, fará do palco do Grande Auditório (21h30) uma tela em branco para um exercício de pura criatividade. Depois da Carta Branca que lhe foi lançada pelo CCB, em

2016 (e que ele dedicou a uma certa ideia de África, com o cabo-verdiano Tcheka por cúmplice directo), este concerto responde a novo estímulo do programador, o que ali já lhe tinha sucedido antes, com os concertos que depois levaram à gravação dos discos *Canções & Fugas* (2006) e *Terra Seca* (2013). “Um programador que me diz que posso fazer o que quero, mas que me empurra para coisas que me são atraentes.”

Há composições novas, diz Mário Laginha ao PÚBLICO, e apetece-lhe testá-las. Poderão dar um disco, é quase certo, mas o que o motiva agora é mesmo estreá-las em palco. Bernardo Moreira (contrabaixo) e Alexandre Frazão (bateria), que já tocam com ele em diversas formações há trinta anos e no trio há uns



“Vai haver momentos livres, de improvisação total”

quinze, são os seus cúmplices nesta aventura. “As composições são minhas, mas quando as tocamos e elas vão ganhando estrutura, todos dão ideias. E as deles são sempre óptimas. O resultado final é soma do trabalho dos três.” O trio, aliás, é a formação em que Mário Laginha se sente mais à vontade. “O facto de nos conhecermos e entendermos muito bem, musicalmente e humanamente, porque somos muito amigos, torna as coisas muito fáceis. É fácil ensaiar, tocar, falar, e isso é muito bom. E dá um conforto que, curiosamente, nos empurra para arriscar mais.”

O concerto terá uns sete temas novos, aos quais Mário acrescentará outros dois que, não sendo novos, não foram ainda gravados em disco nenhum. Provêm, ambos, do projecto

Biblioteca dos Músicos (CCB, Novembro de 2015, pensado em torno de Fernando Pessoa e José Saramago) e chamam-se *Desassossego* e *Jangada de Pedra*. Os novos temas ainda não tem nome, mas Mário Laginha vai tentar baptizá-los até entrar em palco, “nem que seja com nomes temporários”, para não serem apenas designados por abreviaturas numeradas. O importante, contudo, é o exercício de criar e é esse que o entusiasma, neste como noutros projectos idênticos: “Gosto muito do exercício de ter uma música e, depois, poder decompô-la, destruí-la, mantendo um ponto de partida.” O que sucederá na Culturgest: “Vai haver momentos livres, de improvisação total.”

nuno.pacheco@publico.pt

PUBLICIDADE



PARABÉNS AOS PREMIADOS!



Saiba mais em www.ccdr-n.pt/missaodouro

Vencedor

CENTRO DE ALTO RENDIMENTO DO POCINHO

Autoria do Arquitecto Álvaro Andrade e propriedade do Município de Vila Nova de Foz Côa

Menções Honrosas

ESPAÇO MIGUEL TORGA

Autoria do Arquitecto Eduardo Souto de Moura e propriedade do Município de Sabrosa

ADEGA ALVES DE SOUSA

Autoria do Arquitecto António Belém Lima e propriedade de Domingos Alves de Sousa.

Organização:



Colaboração:



TURISMO DO PORTO E NORTE DE PORTUGAL



Cofinanciamento:



CLASSIFICADOS

Pç. Coronel Pacheco, 2
4050-453 Porto
lojaporto@publico.pt

Tel. 22 615 10 00
De seg a sex das 09H às 18H

Mensagens

Novidades-Venha experimentar um momento único c/novas sensações Terapia tântrica, massag. relax e mais...
TIm - 911022006

EMPREGO
PESQUISE EMPREGO AQUI | **INSCREVA-SE EM EMPREGO.PUBLICO.PT**
EM PARCERIA COM **trabalhando.pt**


União de Freguesias de Safara e Santo Aleixo da Restauração
ANÚNCIO

Informam-se todos os interessados que, entre 18/04/2017 e 03/05/2017, se encontra aberto procedimento concursal comum, para preenchimento dos postos de trabalho abaixo indicados, na modalidade de relação jurídica de emprego público por tempo indeterminado, conforme caracterização do mapa de pessoal.

Ref. A - 1 Assistente Técnico (Área Administrativa);
Ref. B - 1 Assistente Operacional (Área Administrativa);
Ref. C - 1 Assistente Operacional (Área de Condução de Veículos);
Ref. D - 1 Assistente Operacional (Área de Cemitério);
Ref. E - 1 Assistente Operacional (Área de Espaços Verdes);
Ref. F - 1 Assistente Operacional (Área de Higiene e Limpeza).

Remuneração: Ref. A - 1.ª posição, nível 5 da Tabela Remuneratória Única - 683,13 € (seiscentos e oitenta e três euros e treze cêntimos), artigo 42.º/d) da LOE 2015 conjugado com o artigo 19.º/1 da LOE 2017;
Ref. B, C, D, E e F - 1.ª posição, nível 1 da Tabela Remuneratória Única - 557,00 € (quinhentos e cinquenta e sete euros), artigo 42.º/d) da LOE 2015 conjugado com o artigo 19.º/1 da LOE 2017.

Para mais informações ou esclarecimentos os interessados devem dirigir-se à União de Freguesias de Safara e Santo Aleixo da Restauração, com instalações sítas em: Sede: Praça 25 de Abril, n.º 7, 7875-053 Safara; Delegação: Rua do Juncalinho, s/n, 7875-175 Santo Aleixo da Restauração. Podem ainda consultar o aviso n.º 4007/2017, publicado no *Diário da República* n.º 74, II Série do dia 13/04/2017 e as Ofertas Públicas de Emprego com os Códigos: Ref. A: OE201704/0176; Ref. B: OE201704/0177; Ref. C: OE201704/0173; Ref. D: OE201704/0178; Ref. E: OE201704/0175; Ref. F: OE201704/0174.

Presidente da União de Freguesias
Antónia de Jesus Vilar Baião


MUNICÍPIO DE LAMEGO
AVISO

Alteração por adaptação do Plano Diretor Municipal de Lamego com vista à transposição das normas do Plano de Ordenamento das Albufeiras da Régua e do Carrapatelo

Francisco Manuel Lopes, Presidente da Câmara Municipal de Lamego, torna público, que a Câmara Municipal de Lamego, na sua reunião extraordinária de caráter público de vinte e sete de fevereiro do ano dois mil e dezasete e nos termos da informação técnica n.º 781/2017 de 14 de fevereiro, deliberou dar início ao processo de alteração por adaptação do Plano Diretor Municipal de Lamego, com vista à transposição das normas de plano especial de ordenamento do território (designadamente o Plano de Ordenamento das Albufeiras da Régua e do Carrapatelo - POARC - Resolução do Conselho de Ministros n.º 62/2002, de 23 de março), aplicáveis na área do Município de Lamego, nos termos do n.º 1 do artigo 78.º da Lei n.º 31/2014, de 30 de maio (Lei de Bases Gerais da Política Pública de Solos, de Ordenamento do Território e de Urbanismo). A Câmara Municipal de Lamego deliberou ainda, estabelecer um período de participação preventiva para a formulação de sugestões e para a apresentação de informações, de todos os interessados, sobre quaisquer questões que possam ser consideradas, única e exclusivamente no âmbito do presente processo de alteração, por um prazo de 15 (quinze) dias úteis, contados a partir do primeiro dia útil seguinte à data da publicação do presente Aviso no *Diário da República*. Durante este prazo os interessados poderão participar por escrito, através do correio eletrónico geral@cm-lamego.pt, por via postal ou por entrega pessoal no Gabinete de Atendimento ao Município, dirigidos ao Presidente da Câmara Municipal de Lamego, Avenida Padre Alfredo Pinto Teixeira, 5100-150 Lamego. Os interessados poderão igualmente consultar os elementos disponíveis na página da internet da Câmara Municipal de Lamego (<http://www.cm-lamego.pt>), bem como solicitar esclarecimentos no Gabinete de Planeamento da Divisão de Obras e Urbanismo, sita no Edifício dos Paços do Concelho, mediante marcação prévia, a efetuar todos os dias entre as 10h00 e as 12h00 e entre as 14h00 e as 16h00, ou pelo correio eletrónico anteriormente identificado.

O presente Aviso será identicamente publicado na comunicação social, na página da internet da Câmara Municipal de Lamego e na Plataforma Colaborativa de Gestão Territorial (www.dgterritorio.pt), bem como afixado nos locais de estilo.

Lamego, 6 de março de 2017

O Presidente da Câmara Municipal
Eng.º Francisco Manuel Lopes

Público, 19/04/2017


ANÚNCIO

Processo de recrutamento de 1 Técnico de Diagnóstico e Terapêutica - área de Neurofisiologia

Por deliberação do Conselho de Administração do Centro Hospitalar do Algarve, E.P.E. de 31.01.2017, está aberto processo de recrutamento para a seleção de 1 Técnico de Diagnóstico e Terapêutica, área de Neurofisiologia;

Modalidade: 1 contrato individual de trabalho a termo incerto, ao abrigo do Código do Trabalho;

Local: Serviço de Neurologia;

Carga horária: 40 horas semanais;

Remuneração-base proposta: 1.020,06€;

Data da celebração do contrato: Após a homologação da lista de classificação final;

As candidaturas devem ser formalizadas mediante requerimento dirigido ao Presidente do Conselho de Administração do Centro Hospitalar do Algarve, E.P.E., acompanhadas de um exemplar do *Curriculum Vitae* (modelo Euro-Pass) atualizado, do formulário geral de candidatura (disponível na página da internet), cópia do Cartão de Cidadão/Bilhete de Identidade, Cartão de Contribuinte, Certificado do Curso e Cédula Profissional, sob pena de exclusão.

Toda a documentação deverá ser entregue no Serviço de Expediente Geral, no período das 08h:30m às 17h:00m, no prazo de 3 dias úteis a contar da data de publicação do presente aviso ou ainda remetidas pelo correio para o Centro Hospitalar do Algarve, E.P.E. - Rua Leão Penedo, 8000-386 Faro.

O Presidente do Conselho de Administração - *Joaquim Ramalho*

PORTUGAL FUTURISTA

Edição Fac-Símile

100 ANOS DEPOIS

+7,95€
SEXTA 21 ABRIL
COM O PÚBLICO

P



Apóios: FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, SÃO LUIZ, EGEAC, Edição: A BELA E O MONSTRO.

Edição limitada ao stock existente.

Ministério da Educação
Direcção Regional de Educação do Norte
Escola Secundária Filipa de Vilhena - Porto

ABERTURA DO PROCEDIMENTO CONCURSAL PARA O LUGAR DE DIRECTOR

Informam-se os interessados que se encontra aberto o procedimento concursal para o provimento do lugar de Diretor desta escola, de acordo com o estipulado no aviso de abertura n.º 4019/2017, publicado na 2.ª Série do *Diário da República*, de 17 de abril de 2017. Mais se informa que o requerimento de candidatura e o regulamento estão disponíveis nos serviços de administração escolar e na página da escola <http://www.filipa-vilhena.edu.pt/>

A Presidente do Conselho Geral - *Carla Maria de Faria Ferreira*

Agrupamento de Escolas de Real

Nos termos do disposto no artigo 22.º do Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de abril, na versão atual publicada em anexo ao Decreto-Lei n.º 137/2012, de 2 de julho, torna-se público que se encontra aberto, pelo prazo de dez dias úteis a contar do dia seguinte ao da publicação do aviso n.º 4096/2017 do *Diário da República* 2.ª Série - N.º 76 - 18 de Abril de 2017, o procedimento concursal prévio à eleição do Diretor do Agrupamento de Escolas de Real. Este aviso encontra-se afixado em local apropriado das instalações da Escola EB 23 de Real (expositor da Sala de Professores e Átrio Principal).

Para mais informações, deverão os interessados consultar a página eletrónica da Escola (<http://aereal.edu.pt>), na qual se encontram disponíveis o Regulamento do Procedimento Concursal e o modelo de requerimento para a formalização da candidatura.

Braga, 18 de abril de 2017

A Presidente do Conselho Geral
Luísa Maria de Barros Figueiredo Cruz

loja P

CONHEÇA A NOSSA SELECÇÃO DE MODA

loja.pUBLICO.pt
INFO: 210 111 010

ANÚNCIO
Processo n.º 3456/16.6T8STS
Tribunal Judicial da Comarca do Porto - Juízo de Comércio de Santo Tirso - Juiz 2
Insolvência de “Elísio José dos Santos Pedrosa e Leonor Fernanda Ferreira dos Santos Pedrosa”

Por determinação do Administrador da Insolvência e com conhecimento do Credor Hipotecário, vai proceder-se à venda, por propostas em carta fechada, do bem apreendido a favor da Massa Insolvente, que a seguir se identifica:
BEM IMÓVEL
Prédio urbano: Fracção autónoma Q, tipo T2, com garagem n.º 2 na cave com 13,5 m², sito na Rua de Val Chão, n.º 129, 2.º andar, habitação 2.1, com área bruta privativa de 93,4 m², inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo 15011 e descrito na Conservatória do Registo Predial de Gondomar sob o número 3473/19960315-Q da freguesia Gondomar (S. Cosme).
Valor-base de licitação: 64.352,94 € (sessenta e quatro mil, trezentos e cinquenta e dois euros e noventa e quatro centimos), sendo aceites propostas de valor mínimo correspondente a 85% (54.700,00 euros) do valor-base de licitação.
As propostas deverão ser entregues até às 17 horas do dia 12 de Maio de 2017, no escritório do Administrador da Insolvência, Armando Carragoso, sito na Avenida 25 de Abril, n.º 19F - 1.º H, 4520-161 Santa Maria da Feira, em carta fechada, devendo mencionar no exterior do envelope “Contém proposta”, identificando o número do processo.
Conteúdo das propostas: a) todos os elementos de identificação do proponente, designadamente, nome, morada e número de contribuinte; b) Valor proposto; c) Assinatura do proponente.
Os proponentes deverão juntar às suas propostas um cheque visado/bancário, como caução, no montante correspondente a 20% do valor-base de licitação, à ordem da Massa Insolvente de Elísio José dos Santos Pedrosa e Leonor Fernanda Ferreira dos Santos Pedrosa.
A abertura das propostas far-se-á no mesmo dia, logo após o fecho da sua apresentação, no escritório do Administrador da Insolvência, podendo estar presentes todos os interessados.
O imóvel a vender poderá ser visto no dia 24 de Abril de 2017, das 10h às 12h, com pré-agendamento junto do Administrador da Insolvência, através dos n.ºs 256 025 715 ou 939 803 359.
O bem será vendido no estado em que se encontra e tal como está descrito no auto de apreensão.

O Administrador da Insolvência
Armando Carragoso
Público, 19/04/2017

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DO PORTO
Juízo Local Cível de Vila Nova de Gaia - Juiz 5
Processo: 2810/17.0T8VNG - Interdição/Inabilitação
ANÚNCIO

Requerente: Ministério Público
Requerido: João Oliveira dos Santos
Faz-se saber que foi distribuída neste tribunal, a ação de Interdição / Inabilitação em que é requerido João Oliveira dos Santos, com residência em domicílio: Residências de S. Luís, Rua de Guilpinharinhos, n.º 478, 4405-648 Guilpinhares Vng, para efeito de ser decretada a sua interdição por anomalia psíquica.

Vila Nova de Gaia, 05-04-2017
A Juíza de Direito - *Dr.ª Maria da Conceição Pacheco Maia*
A Oficial de Justiça - *Lella Silva Dias*
Público, 19/04/2017

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DO PORTO
Juízo Local Cível de Vila Nova de Gaia - Juiz 2
Processo: 2995/17.6T8VNG - Interdição/Inabilitação
ANÚNCIO

Requerente: Ministério Público
Requerida: Maria Amália Rodrigues da Silva
Faz-se saber que foi distribuída neste tribunal, a ação de Interdição em que é requerida Maria Amália Rodrigues da Silva, com residência em domicílio: Rua Alvaro Pires Ferreira, 137, Madalena, 4400-000 Vila Nova de Gaia, para efeito de ser decretada a sua interdição por anomalia psíquica.

Vila Nova de Gaia, 05-04-2017
A Juíza de Direito - *Dr.ª Carla Alexandra Ferraz Laranjeira*
A Oficial de Justiça - *Celma Mariza M. Martins*
Público, 19/04/2017

COMARCA DO PORTO
Santo Tirso - Instância Central
- 1.ª Secção Comércio - J4
Insolvência de “Duarte António Gonçalves Costa e Emília Maria Cunha Fernandes Costa”
Anúncio de Venda

FAZ-SE SABER, que pelo Administrador da Insolvência, nos autos de Liquidação do Activo, Processo de Insolvência n.º 493/15.1T8STS de “Duarte António Gonçalves Costa e Emília Maria Cunha Fernandes Costa”, a correr termos na Comarca do Porto - Santo Tirso - Inst. Central - 1.ª Secção Comércio - J4, foi ordenada a VENDA JUDICIAL POR NEGOCIAÇÃO PARTICULAR do bem imóvel arrolado a favor da massa insolvente.
Ficam por este meio convidados todos os interessados a entregarem as suas propostas, por correio, POR CARTA FECHADA, o envelope deverá mencionar “Proposta de Compra para o processo n.º 493/15.1T8STS” e para a morada do Administrador da Insolvência na Rua Capitão Alfredo Guimarães n.º 456, 4800-026 Guimarães, mais informa só serão aceites propostas emitidas até ao dia 28 de abril de 2017.
Estas propostas serão abertas no dia 5 de maio de 2017 pelas 10 horas no escritório do Administrador podendo estar presente qualquer interessado.
Os interessados poderão ver os bens imóveis em dia e hora a combinar com o Administrador da Insolvência. Nesta visita serão fornecidos aos interessados os elementos necessários à apreciação dos bens de venda.
O Administrador da Insolvência reserva-se a faculdade de não aceitar, ou rejeitar, qualquer proposta que considere não se adequar aos interesses da massa insolvente.
Verba n.º 1 - Fracção autónoma designada pela letra “G”, que corresponde a uma habitação localizada no terceiro andar esquerdo, com tudo que a compõe, com entrada pelo número 590 da Rua de Santegãos, do prédio urbano descrito na Conservatória do Registo Predial de Gondomar sob o número 1531, freguesia de Rio Tinto, inscrito na matriz sob o artigo 10276.
Valor de avaliação: 93 000,00 €
Valor mínimo de venda: 79 050,00 €
Os proponentes têm preferência se juntar à sua proposta, como caução, um cheque, à ordem da Massa Insolvente, no montante correspondente a 5% do valor-base dos bens ou garantia bancária no mesmo valor (n.º 1 do art.º 824.º do CPC).
No acto de abertura das propostas, uma vez aceite, o seu proponente, num prazo de 15 dias, deverá depositar na conta da massa insolvente a parte restante do preço. Mostrando-se integralmente pago o preço e satisfeitas as obrigações fiscais inerentes à transmissão, os bens serão adjudicados e entregues ao proponente.
Qualquer esclarecimento deve ser solicitado ao Administrador da Insolvência, via telefone 253536200, ou consultar os processos de Insolvência.

ANTÓNIO FILIPE MENDES E MURTA
Administrador Judicial
Público, 19/04/2017 - 2.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DO PORTO
Juízo Local Cível de Vila Nova de Gaia - Juiz 4
Processo: 2767/17.8T8VNG - Interdição/Inabilitação
ANÚNCIO

Requerente: Ministério Público
Requerida: Natália Susana Bernardo da Silva
Faz-se saber que foi distribuída neste tribunal, a ação de Interdição / Inabilitação em que é requerida Natália Susana Bernardo da Silva, com residência em domicílio: Travessa da Aldeia, 163 - 1.º Esq.º, Arcozelo, 4410-458 V. N. de Gaia, para efeito de ser decretada a sua interdição por anomalia psíquica.

Vila Nova de Gaia, 05-04-2017
A Juíza de Direito - *Dr.ª Maria Helena Oliveira da Silva*
A Oficial de Justiça - *Elisa Maria*
Público, 19/04/2017

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DO PORTO ESTE
Juízo Local Cível de Marco de Canaveses
Processo: 331/17.0T8MCN - Interdição
ANÚNCIO

Requerente: Ministério Público
Requerida: Maria Isabel de Jesus Costa
Faz-se saber que foi distribuída neste tribunal a ação de Interdição em que é requerida Maria Isabel de Jesus Costa, com residência em Rua do Cano, 738, Alpendurada e Matos, 4575-017 Alpendurada e Matos, para efeito de ser decretada a sua interdição por anomalia psíquica.

Marco de Canaveses, 07-04-2017
A Juíza de Direito - *Dr.ª Marta Ferreira*
A Oficial de Justiça
Manuela Maria Magalhães Costa
Público, 19/04/2017

COMARCA DE BRAGA
V. N. de Famalicão - Instância Central
- 2.ª Secção Comércio - J1
Insolvência de “Abílio Luís Martins Ferreira e Esmeralda Jesus Faria da Fonseca”
Anúncio de Venda

FAZ-SE SABER, que pelo Administrador da Insolvência, nos autos de Liquidação do Activo, Processo de Insolvência n.º 4738/16.2T8VNF, dos senhores “Abílio Luís Martins Ferreira e Esmeralda Jesus Faria da Fonseca”, a correr termos pela Comarca de Braga - V. N. de Famalicão - Instância Central - 2.ª Secção do Comércio - J1, foi ordenada a VENDA JUDICIAL POR NEGOCIAÇÃO PARTICULAR dos bens arrolados a favor da massa insolvente.
Ficam por este meio convidados todos os interessados a entregarem as suas propostas, por correio, POR CARTA FECHADA, o envelope deverá mencionar “Proposta de Compra para o processo n.º 4738/16.2T8VNF” e para a morada do Administrador da Insolvência na Rua Capitão Alfredo Guimarães n.º 456, 4800-026 Guimarães, mais informa só serão aceites propostas emitidas até ao dia 28 de abril de 2017.
Estas propostas serão abertas no dia 5 de maio de 2017 pelas 12 horas no escritório do Administrador podendo estar presente qualquer interessado.
O Administrador da Insolvência reserva-se a faculdade de não aceitar, ou rejeitar, qualquer proposta que considere não se adequar aos interesses da massa insolvente.
Os bens imóveis e móveis no estado físico em que se encontram. Verba n.º 1 - Fracção autónoma designada pela letra “Q”, destinada a habitação, do tipo T-3, no 2.º andar esquerdo, e garagem número trinta e nove, do prédio urbano constituído sob o regime de propriedade horizontal, sito Rua Albano Valente Compadre, n.º 72, da freguesia de Pousada de Saramagos, do concelho de Vila Nova de Famalicão descrito na Conservatória Registo Predial de Vila Nova de Famalicão sob o n.º 175 - Q, e inscrito na respetiva matriz sob o artigo 679.º - “Q”, conjuntamente com a fracção autónoma designada pela letra “C”, destinada a garagem, do mesmo prédio urbano sito na Rua Albano Valente Compadre, n.º 72, da freguesia de Pousada de Saramagos, inscrita na respetiva matriz urbana da freguesia de Pousada de Saramagos sob o artigo 679-C e descrita na Conservatória Registo Predial de Vila Nova de Famalicão sob o n.º 175 - C/Pousada de Saramagos.
Valor de avaliação: 80.000,00 €.
Valor de mínimo de proposta de venda: 68.000,00 € (85% valor-base).
Os proponentes têm preferência em juntar à sua proposta, como caução, um cheque, à ordem da Massa Insolvente, no montante correspondente a 20% do valor-base dos bens ou garantia bancária no mesmo valor (n.º 1 do art.º 824.º do CPC).
No ato de abertura das propostas, uma vez aceite, o seu proponente, num prazo de 15 dias, deverá depositar na conta da massa insolvente a parte restante do preço. Mostrando-se integralmente pago o preço e satisfeitas as obrigações fiscais inerentes à transmissão, os bens serão adjudicados e entregues ao proponente.
Qualquer esclarecimento deve ser solicitado ao Administrador da Insolvência, via telefone 253 536 200, via email fmurta@sapo.pt, ou consultar o processo de Insolvência.

ANTÓNIO FILIPE MENDES E MURTA
Administrador da Insolvência
Público, 19/04/2017 - 2.ª Pub.

AICCOPN
Associação dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas

ELEIÇÃO DOS CORPOS GERENTES DA ASSOCIAÇÃO DOS INDUSTRIAIS DA CONSTRUÇÃO CIVIL E OBRAS PÚBLICAS – AICCOPN

Para efeitos do artigo 85º e nos termos do artigo 89º dos Estatutos da AICCOPN, convoco os Senhores Associados para a ASSEMBLEIA ELEITORAL, a realizar na Sede desta Associação, à Rua Álvares Cabral, n.º 306 – Porto, onde funcionará a mesa de voto, das 14.00 às 19.00 horas, no dia 29 de abril de 2017 (sábado), com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

PONTO ÚNICO – VOTAÇÃO SECRETA PARA A ELEIÇÃO DOS MEMBROS DA MESA DA ASSEMBLEIA-GERAL, DO CONSELHO FISCAL E DA DIREÇÃO PARA O TRIÉNIO DE 2017-2019.

Informam-se os Senhores Associados que a contagem dos votos e a elaboração da ata da mesa de voto terão lugar a partir das 19.00 horas do dia 29 de abril.

O apuramento final e a sua afixação serão feitas nas quarenta e oito horas posteriores ao encerramento da assembleia eleitoral, na Sede da Associação, após a elaboração da competente ata.

Porto, 19 de abril de 2017

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,
Manuel Joaquim Ferreira Vieira

COMARCA DO PORTO
Santo Tirso - Inst. Central - 1.ª Sec. Comércio
Insolvência de “Júlia da Silva Tavares” - J3
Insolvência de “Manuel Fernando da Silva Rosa” - J2
Anúncio de Venda

FAZ-SE SABER, que pelo Administrador da Insolvência, nos autos de Liquidação do Activo, Apenso ao Processo de Insolvência n.º 2879/11.1TBVLG de “Júlia da Silva Tavares”, a correr termos pela Comarca do Porto - Santo Tirso - Inst. Central - 1.ª Sec. Comércio - J3, e no Processo de Insolvência n.º 3497/11.0TBVLG de “Manuel Fernando da Silva Rosa”, a correr termos pela Comarca do Porto - Santo Tirso - Inst. Central - 1.ª Sec. Comércio - J2, foi ordenado a VENDA JUDICIAL POR NEGOCIAÇÃO PARTICULAR do bem imóvel arrolado a favor da massa insolvente.
Ficam por este meio convidados todos os interessados a entregarem as suas propostas, por correio, POR CARTA FECHADA, o envelope deverá mencionar “Proposta de Compra para os processos n.º 2879/11.1TBVLG e 3497/11.0TBVLG” e para a morada do Administrador da Insolvência na Rua Capitão Alfredo Guimarães n.º 456, CP: 4800-026 Guimarães, mais informa só serão aceites propostas emitidas até ao dia 28 de abril de 2017.
Estas propostas serão abertas no dia 5 de maio de 2017 pelas 11.00 horas no escritório do Administrador podendo estar presente qualquer interessado.
O Administrador da Insolvência reserva-se a faculdade de não aceitar, ou rejeitar, qualquer proposta que considere não se adequar aos interesses da massa insolvente.
O bem imóvel no estado físico em que se encontra.
Verba n.º 2 - Casa de rés do chão, andar e anexo, sito na Rua dos Ouveiros, n.º 32, freguesia de Alfena, concelho de Valongo, descrita na Conservatória do Registo Civil, Predial, Comercial e Automóvel de Valongo com o n.º 2845, e inscrito na respetiva matriz sob o artigo 5321.
Valor de avaliação do Bem a Avaliar 117.176,47 €
Valor de mínimo de proposta de venda 99.600,00 € (85% valor-base)
Os proponentes têm preferência em juntar à sua proposta, como caução, um cheque, à ordem da Massa Insolvente, no montante correspondente a 20% do valor-base dos bens ou garantia bancária no mesmo valor (n.º 1 do art.º 824.º do CPC).
No ato de abertura das propostas, uma vez aceite, o seu proponente, num prazo de 15 dias, deverá depositar na conta da massa insolvente a parte restante do preço. Mostrando-se integralmente pago o preço e satisfeitas as obrigações fiscais inerentes à transmissão, os bens serão adjudicados e entregues ao proponente.
Qualquer esclarecimento deve ser solicitado ao Administrador da Insolvência, via telefone 253 536 200, ou consultar o processo de Insolvência.

ANTÓNIO FILIPE MENDES E MURTA
Administrador da Insolvência
Público, 19/04/2017 - 2.ª Pub.



Fundada em 1988 pelo Professor Doutor Carlos Garcia, a Associação Portuguesa de Familiares e Amigos de Doentes de Alzheimer - Alzheimer Portugal é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. É a única organização em Portugal, de âmbito nacional, especificamente constituída para promover a qualidade de vida das pessoas com demência e dos seus familiares e cuidadores. Tem cerca de dez mil associados em todo o país.

Oferece Informação sobre a doença, Formação para cuidadores formais e informais, Apoio domiciliário, Apoio Social e Psicológico e Consultas Médicas da Especialidade. Como membro da Alzheimer Europe, a Alzheimer Portugal participa ativamente no movimento mundial e europeu sobre as demências, procurando reunir e divulgar os conhecimentos mais recentes sobre a Doença de Alzheimer, promovendo o seu estudo, a investigação das suas causas, efeitos, profilaxia e tratamentos.

Contactos

Sede: Av. de Ceuta Norte, Lote 15, Piso 3, Quinta do Loureiro, 1300-125 Lisboa - Tel.: 21 361 04 60/8 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org
Centro de Dia Prof. Dr. Carlos Garcia: Av. de Ceuta Norte, Lote 1, Loja 1 e 2 - Quinta do Loureiro, 1350-410 Lisboa - Tel.: 21 360 93 00
Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário «Casa do Alecrim»: Rua Joaquim Miguel Serra Moura, n.º 256 - Alapraia, 2765-029 Estoril - Tel. 214 525 145 - E-mail: casadoalecrim@alzheimerportugal.org
Delegação Norte: Centro de Dia “Memória de Mim” - Rua do Farol Nascente n.º 47A R/C, 4455-301 Lavra - Tel. 229 260 912 | 226 066 863 - E-mail: geral.norte@alzheimerportugal.org
Delegação Centro: Urb. Casal Galego - Rua Raul Testa Fortunato n.º 17, 3100-523 Pombal - Tel. 236 219 469 - E-mail: geral.centro@alzheimerportugal.org
Delegação da Madeira: Avenida do Colégio Militar, Complexo Habitacional da Nazaré, Cave do Bloco 21 - Sala E, 9000-135 FUNCHAL - Tel. 291 772 021 - E-mail: geral.madeira@alzheimerportugal.org
Núcleo do Ribatejo: R. Dom Gonçalo da Silveira n.º 31-A, 2080-114 Almeirim - Tel. 24 300 00 87 - E-mail: geral.ribatejo@alzheimerportugal.org
Núcleo de Aveiro: Santa Casa da Misericórdia de Aveiro - Complexo Social da Quinta da Moita - Oliveirinha, 3810 Aveiro - Tel. 23 494 04 80 - E-mail: geral.aveiro@alzheimerportugal.org

SAIR

CINEMAS

Porto

Cinemas Nos Alameda Shop e Spot

R. dos Campeões Europeus, 28-198. T. 16996

A Bela e o Monstro M6. 14h (V.Port./2D) 17h10, 20h40, 23h45 (V.Orig./2D); **Smurfs: A Aldeia Perdida** M6. 13h30, 15h50, 18h40 (V.Port./2D); **The Last Face - A Última Fronteira** 18h25; **Ladrões com Muito Estilo** 13h10, 16h, 18h35, 21h20, 23h40; **Velocidade Furiosa 8** 13h20, 16h40, 19h15, 20h55, 22h, 23h40, 00h15; **Ali e Nino, Uma História de Amor** 12h30, 15h30, 22h10; **The Boss Baby** 13h, 13h50, 15h40, 16h30, 18h20, 21h (V.Port./2D)

Medeia Teatro Municipal Campo Alegre

R. das Estrelas. T. 226063000

Paraíso 18h30, 22h

Trindade

R. Dr. Ricardo Jorge. T. 223162425

O Som ao Redor M12. 17h, 21h40;**Aquarius** M16. 15h, 19h; **Paula Rego, Histórias e Segredos** 15h15, 17h30, 19h30,

21h45

Aveiro

Cinemas Nos Fórum Aveiro

R. Homem Cristo. T. 16996

100 Metros M14. 13h50, 16h30, 19h10, 21h50; **A Bela e o Monstro** M6. 14h10 (V.Port./2D) 17h30, 21h (V.Orig./2D); **Dois É Uma Família** 21h20; **Ghost in the Shell - Agente do Futuro** M14. 13h15, 16h, 18h45, 21h40; **Smurfs: A Aldeia Perdida** M6. 13h40, 16h10, 18h40 (V.Port./2D); **Ladrões com Muito Estilo** 13h, 15h40, 18h20, 21h10; **Velocidade Furiosa 8** 14h, 17h15, 20h30; **The Boss Baby** 16h20, 18h55, 21h30 (V.Port./2D) 13h45 (V.Port./3D)

Cinemas Nos Glicínias

C. C. Glicínias - Aradas. T. 16996

Logan - The Wolverine M16. 21h30; **A Bela e o Monstro** M6. 13h40, 16h45 (V.Port./2D) 20h30 (V.Orig./2D); **Ghost in the Shell - Agente do Futuro** M14. 13h30, 16h10, 19h, 22h; **Smurfs: A Aldeia Perdida** M6. 14h, 16h30, 19h (V.Port./2D); **Juntos Para Sempre** 14h05, 16h40, 19h15, 21h50; **Velocidade Furiosa 8** 14h30, 17h45, 21h; **Jacinta** 13h35, 16h, 18h25, 21h10; **The Boss Baby** 13h50, 16h20, 18h50, 21h20 (V. Port./2D)

Barcelos

Cinimax - Barcelos

Campo 25 de Abril. T. 253826571

Velocidade Furiosa 8 15h30, 21h40

Braga

Cinemas Nos Braga Parque

R. dos Congregados, S. Victor. T. 16996

100 Metros M14. 21h50, 00h30; **A Bela e o Monstro** M6. 14h, 17h10 (V.Port./2D), 18h30 (V.Orig./3D), 12h30, 15h30, 21h30, 00h35 (V.Port./2D); **A Bela e o Monstro** M6. 13h30 (V.Port./2D) 16h40, 20h40, 24h (V.Orig./2D); **Ghost in the Shell - Agente do Futuro** M14. 12h50, 15h35, 21h30, 00h15; **Smurfs: A Aldeia Perdida** M6. 13h10, 15h40, 18h10 (V.Port./2D); **The Last Face - A Última Fronteira** 18h20; **Juntos Para Sempre** 21h40, 00h20; **Ladrões com Muito Estilo** 14h10, 16h50, 19h30, 22h, 00h40; **Velocidade Furiosa 8** 13h40, 14h30, 16h55, 18h, 20h50, 21h20, 23h50, 00h05, 00h35; **Jacinta** 13h50, 16h10, 18h40, 21h, 23h30; **The Boss Baby** 13h20, 14h, 16h, 16h40, 18h30, 19h10, 21h10 (V.Port./2D)

Cinimax - BragaShopping

Av. Central 33. T. 253208010

A Bela e o Monstro M6. 15h (V.Orig./2D); **Ghost in the Shell - Agente do Futuro** M14. 21h40; **Smurfs: A Aldeia Perdida** M6. 15h (V.Port./2D); **Juntos Para Sempre** 21h40; **Velocidade Furiosa 8** 15h, 21h40; **The Boss**

Baby 15h, 21h40 (V.Port./2D)

Orient Cineplace - Braga

C. C. Nova Arcada, Av. De Lamas nº 100.

100 Metros M14. 13h40, 18h50, 23h55; **Legó Batman: O Filme** M6. 13h30 (V.Port./2D); **Rock Dog - Um Sonho Altamente!** M6. 12h50, 14h50 (V.Port./2D); **Logan - The Wolverine** M16. 22h; **Kong: A Ilha da Caveira** M12. 14h, 19h, 00h10; **A Bela e o Monstro** M6. 13h20, 16h (V.Port./2D) 18h40, 21h20, 24h (V.Orig./2D); **Power Rangers** M12. 16h10; **Dois É Uma Família** 16h40, 19h10, 21h40, 00h05; **Ghost in the Shell - Agente do Futuro** M14. 16h30, 21h40; **Negação** M12. 21h50, 00h15; **Smurfs: A Aldeia Perdida** M6. 13h50, 15h50, 17h50, 19h50 (V.Port./2D); **The Last Face - A Última Fronteira** 16h10, 21h10; **Juntos Para Sempre** 15h30, 20h, 00h20; **Ladrões com Muito Estilo** 13h20, 17h40, 22h10; **Velocidade Furiosa 8** 13h, 13h30, 15h30, 15h50, 16h20, 18h20, 18h40, 19h10, 21h10, 21h30, 22h, 24h, 00h20; **Dalida** 15h50, 18h30, 21h10, 23h50; **Paraíso** 13h10, 18h50, 21h30, 00h10; **The Boss Baby** 13h20, 15h30, 17h40, 19h50 (V.Port./2D)

Coimbra

Cinemas Nos Alma Shopping Coimbra

R. General Humberto Delgado, 207. T. 16996

100 Metros M14. 17h50; **A Bela e o Monstro** M6. 14h40 (V.Port./2D) 17h40, 21h, 00h05 (V.Orig./2D); **Dois É Uma Família** 19h15; **Ghost in the Shell - Agente do Futuro** M14. 14h50, 18h10, 21h35, 00h10; **Smurfs: A Aldeia Perdida** M6. 14h30, 17h15, 19h35 (V.Port./2D); **The Last Face - A Última Fronteira** 22h30; **Ladrões com Muito Estilo** 13h40, 16h20, 19h05, 21h40, 00h20; **Sonhos Cor-de-Rosa** 18h; **Velocidade Furiosa 8** 13h50, 17h, 19h, 20h40, 22h10, 23h50; **Dalida** 14h20, 21h25, 00h15; **Ali e Nino, Uma História de Amor** 14h, 16h40, 21h55, 00h25; **Jacinta** 13h20, 15h40, 21h20, 23h30; **The Boss Baby** 14h10, 16h10, 16h35, 18h40, 21h10, 23h35 (V.Port./2D) 13h30 (V.Port./2D)

Cinemas Nos Fórum Coimbra

Fórum Coimbra. T. 16996

Logan - The Wolverine M16. 22h30; **A Bela e o Monstro** M6. 15h, 18h10 (V.Port./2D) 21h20, 00h25 (V.Orig./2D); **Ghost in the Shell - Agente do Futuro** M14. 15h30, 18h30, 21h50, 00h30; **Smurfs: A Aldeia Perdida** M6. 14h30, 16h50, 19h10 (V.Port./2D); **Juntos Para Sempre** 13h40, 16h10, 18h50, 21h40, 00h10; **Velocidade Furiosa 8** 14h10, 17h30, 21h10, 00h20; **The Boss Baby** 13h50, 16h20, 19h, 21h30, 24h (V.Port./2D)

Covilhã

Cineplace - Serra Shopping

Avenida Europa, Lt 7 - Loja A102.

A Bela e o Monstro M6. 12h40, 15h30 (V.Port./2D) 18h30, 21h10 (V.Orig./2D); **Dois É Uma Família** 21h20; **Ghost in the Shell - Agente do Futuro** M14. 21h40; **Smurfs: A Aldeia Perdida** M6. 12h50, 15h, 17h10, 19h20 (V.Port./2D); **Velocidade Furiosa 8** 13h, 15h50, 18h40, 21h30; **The Boss Baby** 12h50, 15h10, 17h20, 19h30 (V.Port./2D)

Figueira da Foz

Cinemas Nos Foz Plaza

C. C. Foz Plaza, R. Condados. T. 16996

A Bela e o Monstro M6. 15h, 18h (V.Port./2D) 21h (V.Orig./2D); **Ghost in the Shell - Agente do Futuro** M14. 21h30; **Smurfs: A Aldeia Perdida** M6. 15h10, 18h20 (V.Port./2D); **Juntos Para Sempre** 15h30, 18h30, 21h35; **Velocidade Furiosa 8** 14h45, 17h50, 21h10; **The Boss Baby** 15h20, 18h10, 21h20 (V.Port./2D)

Gondomar

Cinemas Nos Parque Nascente

Praceta Parque Nascente, nº 35. T. 16996

Para Além das Cinzas 17h40; **Logan - The**

Em estreia

lazer@publico.pt

A Mulher de Quem se Fala De Kenji Mizoguchi. Com Kinuyo Tanaka, Tomoemon Otami, Yoshiko Kuga. JAP. 1954. 84m. Drama.

É um dos filmes mais pessimistas de Mizoguchi, com um final que exprime a renúncia das personagens e o triunfo de um mundo cujas leis são sempre mais fortes do que os indivíduos.

Ali e Nino, Uma História de Amor

De Asif Kapadia. Com Adam Bakri, Maria Valverde, Mandy Patinkin. GB. 2016. 100m. Drama, Romance.

Adaptação de um livro de 1937 assinado por Kurban Said, pseudónimo de um autor ainda hoje desconhecido. Passado em Baku, capital do Azerbaijão, entre 1918 e 1920, conta a história de amor entre um muçulmano deste país e uma cristã da Geórgia.

Contos da Lua Vaga

De Kenji Mizoguchi. Com Kinuyo Tanaka, Machiko Kyo, Masayuki Mori. JAP. 1953. 96m. Drama. Uma das maiores obras de Mizoguchi e também uma das mais complexas. Um conto de amor e perda que decorre num universo fantástico onde tempo e espaço se dissolvem e se transformam numa “coisa mental”.

Dalida (na foto)

De Lisa Azuelos. Com Sveva Alviti, Riccardo Scamarcio, Jean-Paul Rouve. FRA. 2016. 124m. Drama, Biografia.

Filme biográfico sobre Dalida, nome artístico de Iolanda Cristina Gigliotti, a cantora italiana nascida no Egipto que teve muito sucesso ao longo de três décadas, até acabar por pôr fim à própria vida, em 1987.

Jacinta

De Jorge Paixão da Costa. Com Filipe Vargas, Dalila Carmo, António Pedro Cerdeira, Pedro Lames. POR. 2017. m. Drama, Biografia.

Filme/minissérie sobre o fenómeno das aparições de Fátima, em estreia a propósito do centenário. Baseado no livro de 2016 de Manuel Arouca, que também escreve o guião, foca-se no impacto dos acontecimentos sobre os três pastorinhos.

Juventude

De Julien Samani. Com Kévin Azaïs, Samir Guesmi, Jean-François Stévenin. POR/FRA. 2016. 83m. Drama.

A partir do conto autobiográfico homónimo do britânico Joseph Conrad, publicado em 1898, o francês Julien Samani co-escreveu e realizou este filme, uma produção franco-portuguesa rodada em Aveiro e passada numa viagem de barco de Le Havre (França) até Luanda (Angola).

Os Amantes Crucificados

De Kenji Mizoguchi. Com Eitaro Shindo, Kazuo Hasegawa, Kyoko Kagawa. RUS. 1954. 102m. Drama, Asi.

Uma incursão de Mizoguchi pelo Japão ancestral, com uma história de amor adúltero que termina com os amantes crucificados.

Paraíso

De Andrei Konchalovsky. Com Peter Kurth, Yuliya Vysotskaya, Viktor Sukhorukov. ALE/RUS. 2016. 130m. Drama.

Uma aristocrata russa da Resistência francesa, um francês que colabora com os nazis e um alemão oficial das SS cruzam-se durante a Segunda Grande Guerra neste drama do veterano Andrei Konchalovsky.

Se Deus Quiser

De Edoardo Maria Falcone. Com Marco Giallini, Alessandro Gassman, Laura Morante. ITA. 2015. 87m. Comédia.

Um cirurgião ateu de sucesso tenta evitar que o filho se torne padre. Uma comédia de Edoardo Maria Falcone.

The Boss Baby

De Tom McGrath. Com Miles Christopher Bakshi (Voz), Alec Baldwin (Voz), Eric Bell Jr. (Voz), Steve Buscemi (Voz), Tobey Maguire (Voz). EUA. 2017. 97m. Animação, Comédia.

Um bebé de fato e gravata que é um espião junta-se ao seu irmão de sete anos para juntos lutarem contra cachorros. Um filme de animação 3D da DreamWorks.

Velocidade Furiosa 8

De F. Gary Gray. Com Charlize Theron, Dwayne Johnson, Vin Diesel, Scott Eastwood, Michelle Rodriguez, Jason Statham, Kurt Russell, Helen Mirren. EUA/CAN/Samoa Ocidental/GB/FRA. 2017. 136m. Thriller, Acção.

A saga do grupo de condutores encabeçado por Dominic Toretto, a personagem de Vin Diesel, regressa para o oitavo capítulo das suas aventuras. Desta feita, neste mundo feito de carros modificados e velozes, Toretto parece ter-se virado contra os membros da sua própria família.



FIGAR

CINEMA

Um Caso Real

Cinemundo, 21h

Dinamarca, 1770. A jovem Caroline Mathilde, de 19 anos, está casada há quatro com Christian VII, um rei louco e incapaz, influenciado por uma corte de homens rígidos e pouco dados à mudança. Quando o monarca regressa de uma viagem acompanhado de Johann Friedrich Struensee, o seu novo médico e confidente, a rainha Caroline descobre no clínico um inesperado amigo e aliado. Mas o amor físico e intelectual que acaba por nascer entre ambos vai levar à queda da ordem social estabelecida e anunciará as revoluções que a Europa conhecerá 20 anos mais tarde.

Génova

TVC3, 22h30

Um viúvo decide partir para Itália com as duas filhas em busca de uma nova vida. Em Génova, Joe arranja um emprego de professor na universidade local, reata uma amizade com uma ex-namorada e parece interessado num amor novo – de uma das suas alunas. Já as suas duas filhas caminham em sentidos distintos: a mais velha, Kelly, descobre a sexualidade junto de um colega de turma e a cidade como pendura da scooter do rapaz, enquanto a irmã mais nova, Mary, deambula pelas ruas de Génova, atormentada por uma visão que acreditar ser o fantasma da mãe. De Michael Winterbottom, com Colin Firth e Hope Davis.

Um Trunfo na Manga

Canal Hollywood, 23h50

Stanley Locke, director delegado do FBI, mandou o seu agente de topo, Richard Messner, e Donald Carruthers, o seu parceiro veterano, para o não muito secreto esconderijo de Buddy “Aces” Israel, no Lago Tahoe, com a missão de o proteger do patrão da máfia, Primo Sparazza. Aces aceitou testemunhar contra Sparazza, conhecido por ter encomendado o assassinio de mais de 130 pessoas. Mas assim que a máfia se apercebe da traição põe a cabeça do delator a prémio.

SÉRIE

1992

RTP2, 22h14

Estreia. Uma épica série que, ao longo de dez episódios,



Televisão

lazer@publico.pt

RTP1

6.30 Bom Dia Portugal **10.00** A Praça **12.14** A Minha Mãe Cozinha Melhor do Que a Tua - Diários **13.00** Jornal da Tarde **14.14** O Sábio **14.56** Bem-vindos a Beirais **15.44** Agora Nós **17.56** Meteorologia **18.00** Portugal em Directo **19.07** O Preço Certo **19.54** Direito de Antena **19.59** Telejornal **21.00** Sim, Chef **21.38** Brainstorm **22.20** Cá Por Casa com Herman José **23.33** Futebol: Liga dos Campeões - Resumos **0.30** O Sábio **1.16** Magazine RTP Arena Sports **1.38** Janela Indiscreta **2.10** Ciclismo: La Flèche Wallone (Resumos) **2.41** Grande Entrevista: Salvador Sobral **3.32** Os Nossos Dias **4.18** Televidas

RTP2

7.00 Espaço Zig Zag **10.37** As Minhas 24 Horas **11.03** Rio de Janeiro, Cidade Maravilhosa? **12.35** Belas e Valentes **13.30** Literatura Aqui **14.02** Grandes Autores Franceses **14.57** A Fé dos Homens **15.30** Sociedade Civil **17.03** Zig Zag **21.00** As Minhas 24 Horas **21.30** Jornal 2 **22.14** 1992 **23.10** O Dia Em Que... Roosevelt Escolheu a Guerra **0.07** Cinemax Curtas **1.05** Guia de Portugal **1.56** Sociedade Civil **3.28** Grandes Autores Franceses **4.27** Inter-Europa **5.26** SMS - Ser Mais Sabedor

SIC

6.00 Edição da Manhã **8.30** A Vida nas Cartas - O Dilema **10.15** Queridas Manhãs **13.00** Primeiro Jornal **14.45** Laços de Sangue **16.00** Juntos à Tarde **18.45** Novo Mundo **19.57** Jornal da Noite **21.40** Amor Maior **22.55** Rainha das Flores **0.00** A Lei do Amor **1.00** The Blacklist **1.55** House of Cards **2.50** Perfeito Coração **3.40** Televidas

TVI

6.30 Diário da Manhã **10.10** Você na TV! **13.00** Jornal da Uma **14.43** Espírito Indomável **15.05** Deixa Que Te Leve **16.00** A Tarde é Sua **19.11** Apanha Se Puderdes **19.58** Jornal das 8 **21.39** Ouro Verde **22.56** A Impostora **0.00** Love On Top - Extra **1.14** Jess e os Rapazes **2.12** Fala-me de Amor **5.00** TV Shop

TVC1

10.15 Midnight Special - Poderes Misteriosos **12.15** Creed: O Legado

Os mais vistos da TV

Segunda-feira, 17

	%	Aud.	Share
Amor Maior	SIC	13,9	28,0
Ouro Verde	TVI	13,8	28,0
Vidas/suspensas	SIC	13,0	26,3
Jornal das 8	TVI	11,5	25,1
Apanha Se Puderdes	TVI	10,2	27,8

FONTE: CAEM

RTP1

9,4%

RTP2

1,5

SIC

16,8

TVI

21,9

Cabo

38,0

de Rocky **14.30** The Conjuring 2 - A Evocação **16.45** As Cinquenta Sombras de Black **18.20** Alvin e os Esquilos: A Grande Aventura (V.O.) **19.55** Amor em Roma **21.30** A Vida Secreta dos Nossos Bichos (V.O.) **23.00** Uma Escolha Por Amor **0.55** Coriolano **3.00** A Rede do Crime

FOX MOVIES

11.07 Uma Outra Educação **12.43** 6 Dias 7 Noites **14.20** Nunca Me Deixes **15.59** Noiva em Fuga **17.51** A Duquesa **19.36** Fanaticamente Apaixonados **21.15** Motorista Para Todo o Serviço **22.46** Joshua Tree - A Fúria de Um Duro **0.25** A 3000 Milhas de Graceland **2.25** O Que Fazemos Nas Sombras **3.47** O Grande Mestre do Kung Fu

CANAL HOLLYWOOD

10.15 Peões em Jogo **11.45** Voo 93 **13.35** Conspiração Na Sombra **15.20** O Impossível **17.20** Eu, Alex Cross **19.10** Detonação **21.30** O Primeiro Cavaleiro **23.50** Um Trunfo na Manga **1.45** A Estrada **3.40** O Justiceiro Solitário

AXN

13.05 Investigação Criminal **13.50** O Ilusionista **15.42** Castle **17.16** Investigação Criminal **18.55** C.S.I. **20.35** Castle **22.15** Mentos Criminosas **23.11** Quantico **0.07** C.S.I. **1.47** Mentos Criminosas **2.31** Quantico **3.15** Investigação Criminal **4.42** Arrow

AXN BLACK

13.17 Solteiros e Tarados **14.59** O Repórter: A Lenda de Ron Burgundy **16.33** Sangue Fresco **17.32** Aonde é que Pára a Polícia 33 1/3 **18.48** Starsky & Hutch **20.24** Impostor **22.00** Batman **0.04** Batman e Robin **2.06** Starsky & Hutch **3.42** Impostor **5.18** Batman

AXN WHITE

13.16 Pequenas Mentirosas **14.01** Forever **14.47** Kate e Leopold **16.39** Doutora no Alabama **17.23** Pequenas Mentirosas **18.07** Kate e Leopold **20.00** Família de Acolhimento **20.46** A Teoria do Big Bang **22.20** In a World... **23.52** A Teoria do Big Bang **0.40** Suburgatory **1.03** Forever **1.49** Doutora no Alabama **2.35** Pequenas Mentirosas **3.21** Dois Homens e Meio **4.07** Forever

FOX

13.20 C.S.I. **14.01** Investigação Criminal: Los Angeles **15.34** Hawai Força Especial **17.09** Scorpion **17.58** C.S.I. **18.48** Investigação Criminal: Los Angeles **20.30** Hawai Força Especial **22.15** Prison Break: Sequel **23.08** Bull **0.02** MacGyver **0.53** C.S.I. **2.35** MacGyver **3.21** Scorpion **4.35** C.S.I.

FOX LIFE

13.32 House **14.20** Rizzoli & Isles **15.50** Dead Over Heels: An Aurora Teagarden Mystery **17.24** You May Now Kill the Bride **18.57** Run for Your Life **20.32** Ossos **22.20** Anatomia de Grey **23.15** Scandal **0.04** Mr. Fiction **1.41** Rookie Blue **3.10** House

DISNEY

15.37 Manual do Jogador Para Quase Tudo **16.24** Acampamento Kikiwaka **17.13** Miraculous - As Aventuras de Ladybug **17.37** Star Contra as Forças do Mal **18.23** A Lei de Milo Murphy **18.50** K.C. Agente Secreto **19.40** Acampamento Kikiwaka **20.05** A Irmã do Meio **20.30** Soy Luna

DISCOVERY

17.30 Yukon Men **19.15** A Febre do Ouro **21.00** Resgate Na Estrada **22.55** Resgate No Ártico **23.50** Resgates No Evereste **0.40** Resgate Na Estrada **2.20** Já Estavas Avisado! **3.05** Os Caçadores de Mitos **4.35** Leilões Sem Limites

HISTÓRIA

17.08 O Calculador Humano **17.51** Iron & Fire **18.32** O Preço da História **19.13** Caça Tesouros **20.40** Iron & Fire **21.21** O Preço da História **22.02** Caça Tesouros **23.28** Regatear à Antiga **0.54** Caça Tesouros **2.22** Perdidos no Alasca **3.50** Os Segredos do Sucesso

ODISSEIA

17.09 Guerreiros do Ar **18.02** A Fúria do Planeta **18.23** A Fúria do Planeta **18.47** Dois Oceanos **19.41** 1000 Dias para o Planeta **20.28** The American West **21.14** The American West **22.00** Guerreiros do Ar **22.53** Guerreiros do Ar **23.47** Guerreiros do Ar **0.40** Guerreiros do Ar **1.34** The American West **2.19** The American West **3.05** Viajante Sem Limites: Vietname

mistura heróis imaginários com personagens-chave da vida real de um ano de profunda turbulência política em Itália: 1992. Neste episódio, a prisão de Mario Chiesa é a faísca que incendeia Tangentopoli, a operação anticorrupção que ficaria também conhecida por Mãos Limpas e que ditaria o fim da I República Italiana, a derrocada de alguns dos mais importantes partidos (a Democracia Cristã e o Partido Socialista Italiano) e a prisão de muitos políticos e empresários.

DOCUMENTÁRIO

O Dia em Que... Roosevelt Escolheu a Guerra

RTP2, 23h10
Durante a II Guerra Mundial, foram vários os momentos decisivos. E vários os homens em cujas mãos estiveram os destinos do conflito global. Foi o caso de Franklin Delano Roosevelt, o 32.º Presidente dos Estados Unidos, que decidiu envolver o seu país na luta armada ao declarar guerra contra o Japão, a 7 de Dezembro de 1941. Através de arquivos históricos, traça-se a reconstituição do dia em que Roosevelt escolheu a guerra.

TALK-SHOW

Cá por Casa com Herman José

RTP1, 22h20
Um espaço de e com Herman José, no qual se misturam tempos de humor, de entrevista – entre os convidados, personalidades que se destacam nas mais variadas áreas – e de variedades. Esta noite, os convidados são Dulce Pontes, João Didelet, Martinho Silva, Pedro Pernas e Rita Pereira.

INFANTIL

Muito à Frente (V. Port.)

TVC3, 19h20
Eduardo é um símio de aparência diferente a viver no Pleistoceno, época que coincide com o surgimento do *Homo sapiens*. E as suas diferenças fazem com que seja abandonado à sua sorte. Até que Ian, um macaco grande e generoso, o decide resgatar e cuidar de si. E Eduardo vai revelar-se extraordinariamente inteligente, com a sua capacidade de superar obstáculos que conquista a admiração de todos.

JOGOS

CRUZADAS9862

Horizontais: 1. Tornar volumoso ou bafo. Cada uma das varas a que se atrela o cavalo, nos veículos. 2. Óxido de cálcio. Aparelho que emite raios luminosos muito intensos. 3. Antiga trombeta mourisca. Lavrar. 4. Memória de computador (de acesso aleatório). Cor roxa. 5. Carreira literária. Casal. 6. Duetto. Tombar. 7. Entusiasmo (palavra francesa). Sorte (popular). 8. Prefixo (repetição). Imprimir rapidez. 9. Imposto sobre o rendimento das pessoas singulares. Verbal. Prefixo (duas vezes). 10. Estabelecer ligação entre. Prefixo (separação). 11. Cordões preciosos, para adorno (ant.). Linda.

Verticais: 1. Escavar. Vacação. 2. Pano grande em que se estende ou embrulha alguma coisa. Vaca muito magra. 3. Rua orlada de árvores. Redução de senhor (popular). 4. Grupo musical organizado principalmente por estudantes. Platina (s.q.). 5. Obra científica ou literária de certa extensão. Grude. 6. Valor intrínseco ou estimativo. Relativo à noite (regional). 7. Elas. Mover-se alternadamente em sentidos opostos. 8. Que não é imaginário. Pequena argola com que se enfeitam os dedos. 9. Causar sensação de frio. Preposição que designa posse. 10. Cingir. É um dos símbolos bíblicos da inocência. 11. Irritar. Vento brando.

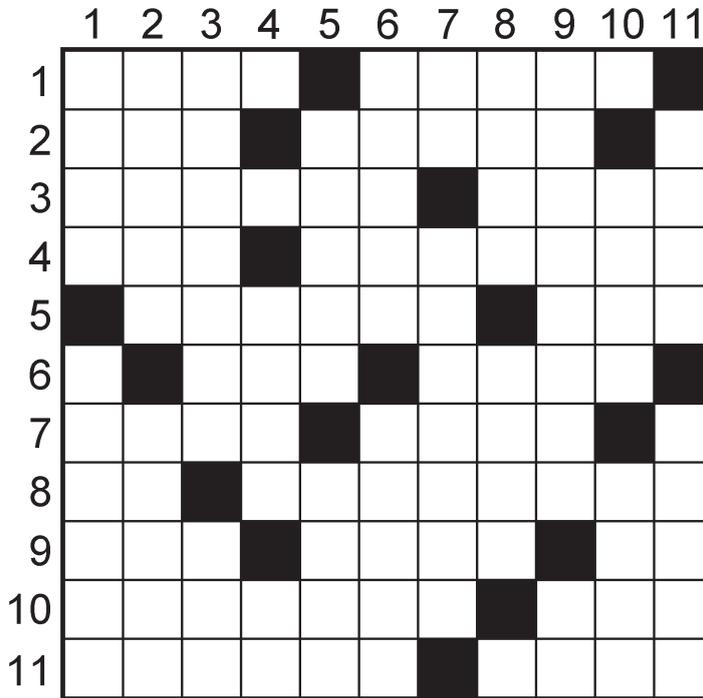
Depois do problema resolvido encontre o título de uma obra de Vinicius de Moraes (3 palavras).

Solução do problema anterior

Horizontais: 1. Caco. Camada. 2. Aba. Pilim. 3. Baltasar. DE. 4. Rumor. SINAL. 5. Alar. Mexe. 6. ÁGUA. 7. Ara. Roncar. 8. Mia. Moral. 9. Eta. Napa. Do. 10. Arreda. Luar. 11. Riade. Barro.

Verticais: 1. Cabra. Alear. 2. Abaular. Tri. 3. CALMA. Amara. 4. Torá. ED. 5. Par. GRANDE. 6. Cis. Duo. Aa. 7. Alas. ANMP. 8. Mirim. Coala. 9. AM. Negar. Ur. 10. DAX. Radar. 11. Apeles. Loro.

Provérbio:
Grande calma, sinal de água.



BRIDGE

Dador: Sul
Vul: Todos

NORTE

- ♠ J63
- ♥ Q53
- ♦ J63
- ♣ QJ54

OESTE

- ♠ KQ1092
- ♥ J107
- ♦ K974
- ♣ 8

ESTE

- ♠ 85
- ♥ K9862
- ♦ 108
- ♣ 9632

SUL

- ♠ A74
- ♥ A4
- ♦ AQ52
- ♣ AK107

Oeste **Norte** **Este** **Sul**
passo 3ST Todos passam 2ST

Leilão: Qualquer forma de Bridge.

Carteio: Saída: K♠. Qual o seu plano de jogo?

Solução: Consegue contar para já sete vazes de topo. Depois de fazer a vaza inicial com o Ás, é possível vir a fazer uma segunda vaza a espadas se jogar em direção ao Valete do morto. Mas, se o fizer já Oeste terá a oportunidade de fazer a vaza e de virar o flanco para copas. Isso poderá ser um desastre neste jogo.

A defesa conseguirá desenvolver seis vazes antes de conseguir fazer a sua segunda vaza a ouros.

Se, em vez de jogar logo uma espada, for ao morto na Dama de paus para jogar um ouro para a Dama da mão, também não será muito melhor, pois Oeste tomará a vaza e atacará copas. Quando os ouros não se revelarem 3-3, terá falhado a tentativa de atingir as nove vazes.

Para garantir as nove vazes, deve jogar um ouro da sua mão, em direção ao Valete, na segunda vaza do jogo. Se for Este a ter o Rei de ouros, nada poderá fazer para o impedir de realizar o contrato, um ataque a copas

ou a espadas desse lado será inofensivo. E, se for Oeste a ter o Rei, ele não terá defesa também. Se resolver entrar com o seu Rei passaremos a ter três vazes a ouros. E se deixar correr, fazemos o Valete do morto, vimos novamente à nossa mão através no naipe de paus e jogamos agora uma pequena espada em direção ao Valete. Nove vazes sem qualquer risco.

Considere o seguinte leilão:

Oeste **Norte** **Este** **Sul**
1♣ 1♦ 1♥ ?

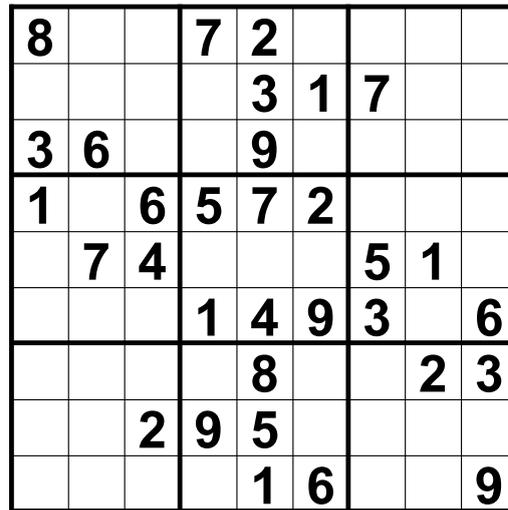
O que marca com a seguinte mão?

♠ J9764 ♥ 105 ♦ AQ8 ♣ J72

Resposta: Marque 2 ouros. As vantagens de encontrar um fit a espadas estão lá. Mas o seu naipe é de tal modo fraco que mesmo um fit 5-3 poderá não ser suficiente. Para além disso, esconder o fit a ouros pode ser mais grave, pois a saída mais desejada é a ouros, para além da possibilidade de competir mais além. Talvez seja possível mencionar as espadas na volta seguinte, caso os adversários tentem "comprar" o leilão em 2 copas...
No Centro de Bridge de Lisboa, sito na Avenida António Augusto Aguiar nº163, estão abertas as inscrições para um novo curso de iniciação ao Bridge, a começar em Maio. Para mais detalhes escreva-nos para o nosso e-mail ou consulte www.centrodebridge.pt.

João Fanha/Pedro Morbey
(bridgepublico@gmail.com)

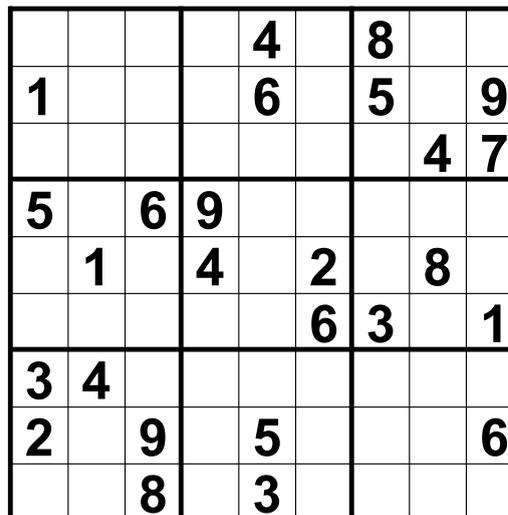
SUDOKU



Problema 7498
Dificuldade: fácil

Solução do problema 7496

7	6	5	2	9	8	1	4	3
9	1	4	3	6	5	8	2	7
3	8	2	7	4	1	6	5	9
6	2	1	5	7	3	4	9	8
8	4	7	9	1	6	5	3	2
5	3	9	8	2	4	7	6	1
4	5	8	1	3	9	2	7	6
2	9	6	4	8	7	3	1	5
1	7	3	6	5	2	9	8	4



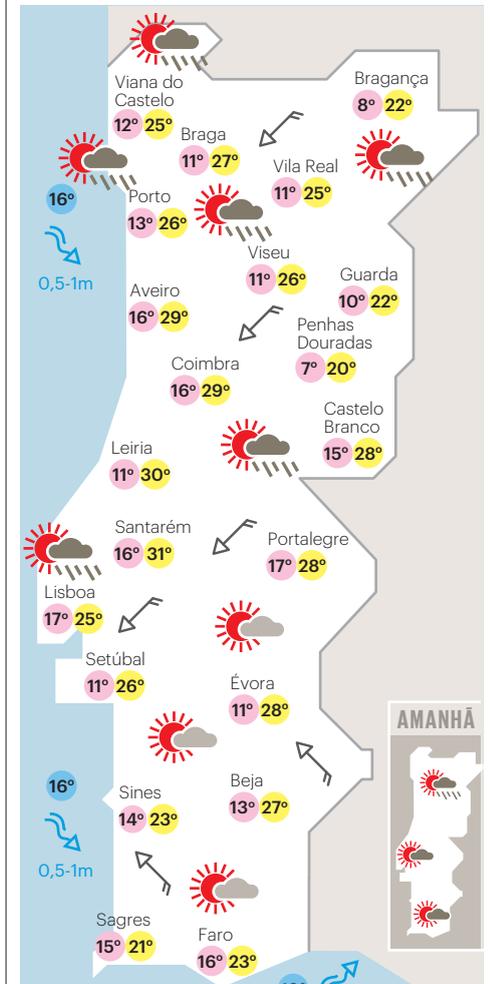
Problema 7499
Dificuldade: Média

Solução do problema 7497

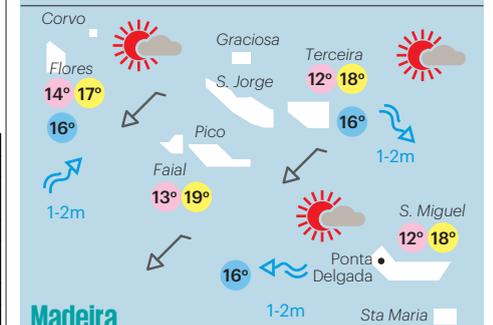
2	6	5	9	3	8	1	4	7
1	3	7	2	5	4	6	9	8
4	8	9	6	1	7	2	5	3
8	1	4	3	7	9	5	2	6
6	9	3	4	2	5	7	8	1
5	7	2	1	8	6	9	3	4
7	4	6	8	9	2	3	1	5
3	2	8	5	6	1	4	7	9
9	5	1	7	4	3	8	6	2

© Alastair Chisholm 2008 and www.indigopuzzles.com

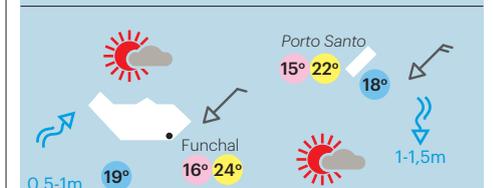
TEMPOPARAHOJE



Açores



Madeira



Sol
Nascente 06h55
Poente 20h17

Lua Nova
26 Abr. 13h16

Marés

	Leixões	Cascais	Faro
Preia-mar	09h21 ▲ 2,5 21h55 ▲ 2,6	08h58 ▲ 2,5 21h31 ▲ 2,7	09h02 ▲ 2,4 21h38 ▲ 2,6
Baixa-mar	15h26 ▼ 1,5 04h23* ▼ 1,4	15h04 ▼ 1,6 04h03* ▼ 1,5	14h50 ▼ 1,5 03h59* ▼ 1,4

Fonte: www.AccuWeather.com

*de amanhã

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL TEM NOVOS EPISÓDIOS EM AIRBORNE 44.

HITLER ELEITO
JANEIRO 1933



1939

1º CICLO



HIROSHIMA
AGOSTO 1945



1945



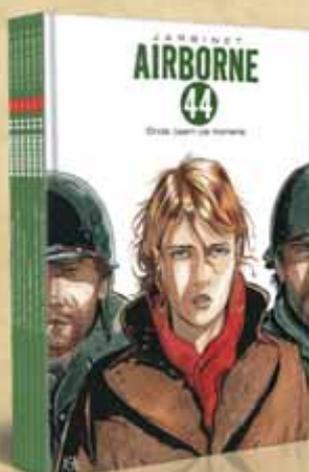
2º CICLO



PEARL HARBOR
DEZEMBRO 1941



3º CICLO



Airborne 44 é uma BD franco-belga, escrita e desenhada com o aconselhamento de um historiador. São 6 volumes **inéditos em português**, onde a realidade e a ficção se misturam e as armas e os sentimentos se cruzam em 3 ciclos: o Inverno de 1944; antes da Guerra até culminar no dia D; e o fim da Guerra. Junte-se aos Aliados e não perca cada batalha, em cada volume.

CAPA
DURA

+8,90€
SEXTA, 28 ABR
COM O PÚBLICO

P

DESPORTO

Madrid terá dois representantes nas meias-finais da Champions

Cristiano Ronaldo fez três dos quatro golos com que o Real Madrid afastou o Bayern, após prolongamento. Atlético de Madrid também avançou e já são sete épocas consecutivas com pelo menos duas equipas espanholas nas meias-finais

Futebol internacional Tiago Pimentel

Pela terceira vez nas últimas quatro épocas, Madrid estará duplamente representada nas meias-finais da Liga dos Campeões. Com maior ou menor dificuldade, Real Madrid e Atlético de Madrid afastaram, respectivamente, Bayern Munique e Leicester City. Os “merengues” foram obrigados a disputar 30 minutos de prolongamento para desfazer a igualdade na eliminatória, com três golos de Cristiano Ronaldo e um de Asensio a garantirem a qualificação para a próxima fase da competição (6-3 no agregado). Em Inglaterra, a equipa de Diego Simeone defendeu a vantagem mínima obtida em casa e o empate 1-1 permitiu avançar na prova. E já são sete as épocas consecutivas em que há pelo menos duas equipas espanholas entre os quatro semifinalistas da Champions (o Real Madrid foi sempre uma delas).

São agora 103 os golos de Cristiano Ronaldo nas competições europeias, 100 se contabilizarmos apenas a Liga dos Campeões, de acordo com a UEFA. O internacional português foi protagonista no Santiago Bernabéu, numa noite em que a equipa de Zidane esteve duas vezes em desvantagem no marcador mas acabou por vencer (4-2) e garantir um lugar nas meias-finais da Champions. Segundo publicou a Liga espanhola na rede social Twitter, o *hat-trick* também fez de Cristiano Ronaldo o melhor marcador da história do Real Madrid no Santiago Bernabéu, à frente de Di Stéfano.

No duelo mais vezes repetido nas competições europeias, Real Madrid e Bayern Munique proporcionaram um espectáculo intenso e com todos os ingredientes de dramatismo que seriam de esperar. Após um início forte dos bávaros, a equipa de Carlo Ancelotti pareceu deixar o nervosismo levar a melhor e os anfitriões assumiram o controlo da partida. Apesar de ter sido a equi-

pa mais perigosa até ao intervalo, o Real Madrid também não conseguiu traduzir a superioridade em golos porque Neuer e Hummels foram intransponíveis. A segunda parte trouxe todas as peripécias. O Bayern ameaçou aos 51', quando Robben, já com Navas batido, atirou para a baliza – mas Marcelo estava sobre a linha para, de cabeça, afastar a bola. Porém, instantes depois, o árbitro da partida assinalou penáti num lance de Casemiro sobre Robben (na primeira de várias decisões discutíveis) e Lewandowski fez o 0-1.

O Real continuava qualificado e o Bayern ainda precisava de mais um golo, mas tudo mudou em poucos minutos: aos 76' os “merengues” ficaram relativamente mais tranquilos, quando Cristiano Ronaldo fez o 1-1. Mas aos 78' era o prolongamento que estava à vista, com um autogolo de Sergio Ramos, num lance caricato. Ainda antes do final do tempo regulamentar, os alemães ficaram em inferioridade numérica quando Viktor Kassai mostrou o segundo cartão amarelo a Arturo Vidal.

A resistência do Bayern no prolongamento durou pouco menos

de 15 minutos. Embora em posição irregular, Cristiano Ronaldo voltou a adiantar o Real Madrid na eliminatória quando fez o 2-2. O internacional português recebeu de Sergio Ramos e, com o pé esquerdo, fez o seu segundo da noite. O golpe foi demasiado duro para os alemães, que perderam toda a consistência. Cristiano Ronaldo só teve de encostar para completar o *hat-trick* aos 109', após grande jogada de Marcelo, e pouco depois foi Asensio a fechar o marcador em 4-2 – passou por Hummels e rematou cruzado. A noite acabou em festa para o Santiago Bernabéu.

Em Leicester, a tarefa do Atlético de Madrid ficou simplificada graças a um golo de Saúl Ñíguez na primeira parte. Na segunda metade a reacção dos campeões ingleses em título chegou para colocar os “colchoneros” em sentido, mas o melhor que a equipa de Craig Shakespeare conseguiu foi chegar ao empate, por Jamie Vardy.

A vantagem na eliminatória era do Atlético de Madrid, que vencera em casa por 1-0 na primeira mão. Em Inglaterra, a equipa de Diego Simeone ficou mais confortável no marcador quando se adiantou aos 26'. Felipe Luís fez o cruzamento na esquerda e Saúl Ñíguez desferiu um cabeceamento potente, ao qual Kasper Schmeichel não conseguiu chegar. O Leicester City melhorou na segunda parte e empurrou os “colchoneros” para a defesa. Os adeptos acreditaram na reviravolta quando Jamie Vardy fez o 1-1 (61'), tornando-se no primeiro futebolista inglês a marcar nos quartos-de-final da Champions desde Frank Lampard em 2012.

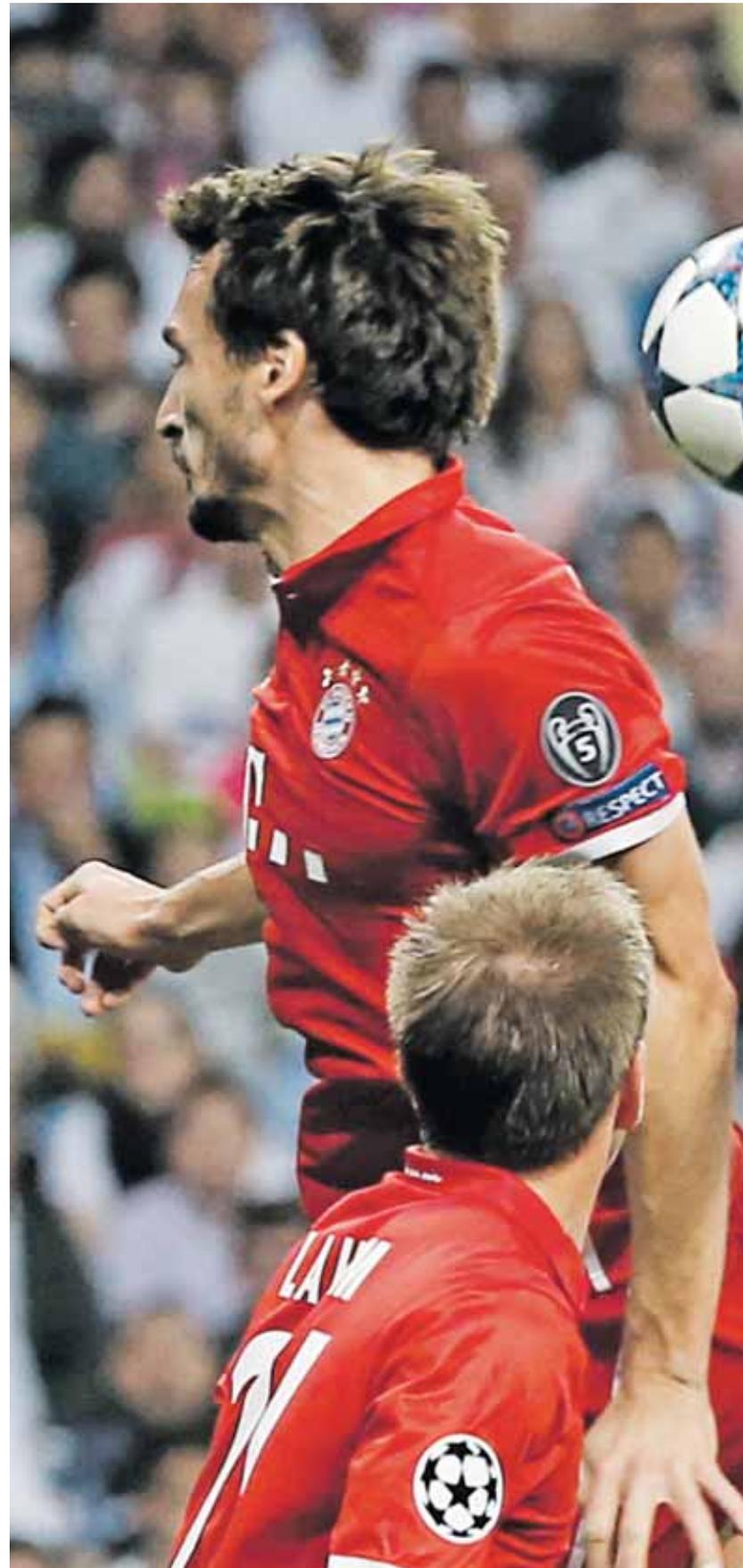
Poucos minutos depois, o avançado voltou a ter o golo nos pés, mas Savic interceptou o remate. Mahrez, de livre, também ameaçou (76'), mas os “foxes” tiveram mesmo de despedir-se da Liga dos Campeões após uma caminhada de sonho.

“
Estou orgulhoso da exibição da minha equipa. Estou muito feliz com o apuramento e espero que consigamos ir mais além na competição

Diego Simeone
Atlético Madrid



tiago.pimentel@publico.pt



Hummels teve grandes dificuldades em travar Ronaldo

103

Número de golos que soma agora Cristiano Ronaldo nas competições de clubes da UEFA, depois do *hat-trick* de ontem, no Santiago Bernabéu



SUSANA VERA/REUTERS

É com golos que Mónaco e Juventus querem a defender a vantagem da primeira mão

Nuno Sousa

No futebol como na vida, os “ses” têm pouca utilidade para lá de ajudarem a projectar cenários. E este serve apenas para ilustrar o que tem sido a temporada do Mónaco, sempre que joga em casa: se o Lyon não tem protagonizado a desfeita de vencer no Estádio Louis II no dia 18 de Dezembro, na 18.ª jornada da Ligue 1, por esta altura a equipa de Leonardo Jardim teria nada menos do que 26 jogos sem uma única derrota desde que a época começou. É nesta folha quase imaculada que o Borussia Dortmund terá de virar hoje um borrão de tinta para seguir em frente na Champions.

Do encontro da primeira mão, na Alemanha, o Mónaco traz recordações de *fair-play* (especialmente dos adeptos adversários, depois da explosão que atingiu o autocarro do Borussia) e um triunfo (2-3) que só não foi surpreendente porque toda a temporada tem sido cumprida com a mesma consistência. E traz também a certeza de ser capaz de navegar mares encrespados, depois de ter chegado a bom porto no Signal Iduna Park sem os titularíssimos Sidibé, Mendy e Bakayoko.

Para o embate da segunda mão dos quartos-de-final da Liga dos Campeões (19h45, SPTV), Leonardo Jardim tem duas boas notícias e uma menos boa em carteira: os regressos de Mendy e Bakayoko e a ausência de Fabinho. Isto significa que o meio-campo volta a funcionar a meio-gás (previsivelmente com João Moutinho na vaga do brasileiro) e que o lado esquerdo da defesa ficará, quase inevitavelmente, entregue ao ex-lateral do Marselha. A dúvida reside agora no flanco contrário: Touré, Raggi ou até, como aconteceu na segunda parte do encontro com o Dijon, no fim-de-semana, o extremo Nabil Dirar?

“A equipa tem o seu ADN e isso não mudará. É assim que mantemos as nossas dinâmicas”, limita-se a enunciar Jardim. “Provavelmente, vamos precisar de marcar para nos

CALENDÁRIO

QUARTOS-DE-FINAL

2.ª mão	
Real Madrid-Bayern Munique	?-?
Leicester City-Atlético Madrid	?-?
Barcelona-Juventus	19h45, SPTV
Mónaco-Borussia Dortmund	19h45, SPTV

qualificarmos. Estou à espera de um Dortmund mais forte do que o do primeiro jogo. Ainda por cima, recuperaram o [Gonzalo] Castro e o [Marco] Reus, que são dois jogadores importantes”, lembra Jardim.

O treinador português não gosta de abrir o jogo – e a este nível todos os trunfos contam – e o homólogo alemão também é homem de poucas palavras. Forçado a lidar, ele próprio, com inúmeras baixas ao longo da temporada, Thomas Tuchel garante que a contrariedade da passada semana (a sensação de insegurança provocada pelo ataque ao autocarro, que feriu o central Marc Bartra) não interferirá no encontro.

“Estamos estabilizados emocionalmente e totalmente concentrados no jogo. Conhecemos as nossas qualidades, sabemos o percurso que temos feito na Champions e não queremos parar por aqui”, refere.

Esse é um sentimento comum aos

elementos das duas outras equipas que entram hoje em campo. O Barcelona, com uma sensação de *déjà vu*, abusou da sorte em Itália, na primeira mão, e está obrigado a virar uma desvantagem generosa (3-0) diante da Juventus, em Camp Nou (19h45, SPTV). A favor joga o facto de ter conseguido uma recuperação ainda mais expressiva na eliminatória anterior, frente ao PSG; no outro prato da balança pesa a solidez defensiva dos “bianconeri”, que sofreram somente dois golos nesta edição da competição.

Massimiliano Allegri, no entanto, quer fazer tábua rasa da partida de Turim: “Temos de entrar em campo sem pensar na primeira mão. Jogaremos como se tivéssemos de ganhar. Temos de saber ler a partida. A lucidez será fundamental”, anota o técnico italiano, que promete manter o essencial das escolhas, sem fechar a porta a uma alteração táctica.

Paulo Dybala, o “carrasco” do Barça, está em perfeitas condições físicas, mas do outro lado Busquets está de regresso. O plano de Luis Enrique, esse, é simples. Pelo menos no discurso: “Se fizermos o primeiro golo, o segundo marcá-lo-á o Camp Nou e o terceiro aparecerá sozinho.”

nsousa@publico.pt

JEAN-PAUL PELLISSIER/REUTERS



Leonardo Jardim durante o treino de ontem do Mónaco

DESPORTO

Jogos da Liga portuguesa transmitidos nos EUA

Futebol

Negócio completado pelo canal Go!TV prevê acordo “por vários anos” que entra em vigor em Agosto, no início da época 2017-18

Os jogos da Liga portuguesa vão passar a poder ser vistos nos EUA, com narração em inglês e espanhol, já a partir do início da próxima temporada. O canal Go!TV anunciou ontem ter adquirido os direitos da prova e vai assegurar a transmissão de aproximadamente 150 partidas por temporada, incluindo todos os jogos de Benfica, FC Porto e Sporting.

Num comunicado no qual não são revelados os valores envolvidos no negócio ou a duração do acordo, o Go!TV limita-se a informar que garantiu os direitos de transmissão em directo e exclusivo de jogos da Liga portuguesa “por vários anos”. Nos últimos meses o canal já assegurara os direitos da Taça de Portugal e da Taça da Liga, e desde 2014 que transmitia os jogos do Benfica no Estádio da Luz.

“A nova e aumentada programação é uma resposta ao interesse crescente da audiência”, pode ler-se no comunicado.

“Estamos muito entusiasmados com a nova temporada da Liga portuguesa e com a expansão da nossa parceria. Em breve os nossos espectadores poderão ver todas as suas equipas favoritas no Go!TV. Tornámo-nos o canal de referência para todos os adeptos do futebol português”, sublinhou o director executivo do Go!TV, Rodrigo Lombello.

Nuno Ferreira, director de programas da SportTV, entidade responsável por negociar os direitos internacionais da Liga portuguesa, reconheceu que o “valor acrescentado” da Go!TV foi um dos factores decisivos no negócio. “Estamos encantados por tê-los a bordo, como a nova casa da Liga portuguesa”, afirmou.

Esta nova plataforma de promoção do futebol português vai de encontro, também, às pretensões da direcção da Liga Portuguesa de Futebol Profissional (LPFP), encabeçada por Pedro Proença, que tem defendido a necessidade de vender o produto além-fronteiras.



Fernando Gomes destacou ontem a “responsabilidade social” assumida pela federação

Transformar o futebol através do ensino – é essa a missão da Portugal Football School

Futebol Nuno Sousa

Projecto prevê uma oferta formativa alargada, graças a um conjunto de parcerias com o tecido académico

A designação remete para uma esfera de internacionalização, mas a verdade é que a *Portugal Football School* tem como missão capacitar os agentes da modalidade dentro de portas. É esse o propósito maior do projecto ontem apresentado pela direcção da Federação Portuguesa de Futebol (FPF), que pretende, através da via do ensino académico, aprofundar a formação de todos os que promovem o desporto com maior número de praticantes no país.

O rol de figuras presentes na Cidade do Futebol, em Oeiras, para o lançamento da iniciativa era já um espelho da interacção que se adivinha entre o tecido universitário e a FPF. A Fernando Gomes, presidente do organismo, juntaram-se António Cunha, presidente do conselho de reitores das Universidades Portuguesas, Manuel Heitor, ministro da Ciência e Tecnologia e Ensino Su-

perior, e Tiago Brandão Rodrigues, ministro da Educação, mas foi o ex-líder da Liga Portuguesa de Futebol Profissional que desvendou as linhas orientadoras do projecto.

“A FPF é a maior organização desportiva nacional, com cerca de 177 mil praticantes federados. Ao fim de 113 anos de vida, chegou a hora de a federação assumir a sua responsabilidade social”, enfatizou Fernando Gomes, traçando uma meta muito concreta: “Até 2020, todos os clubes licenciados na FPF deverão ter um dirigente formado através deste memorando de entendimento. Este projecto já fazia parte do meu manifesto eleitoral com a designação de ‘medida 43’, já fazia parte da minha candidatura e fico feliz por agora estar concretizado. Somos muito mais do que uma federação.”

De uma forma genérica, a *Portugal Football School* prevê a criação de um programa nacional de formação para os diversos agentes, o estabelecimento de parcerias com Instituições de Ensino Superior para a obtenção de certificação formativa, a implementação de programas de formação contínua e o desenvolvimento da actividade científica e de investigação. Mas pegando no exemplo elencado por Fernando Gomes,

vejamos o que está desenhado para os dirigentes portugueses.

Serão 10 módulos temáticos que vão desde a organização e gestão ao planeamento, passando por áreas como a liderança, o direito do desporto, a arbitragem, a disciplina, os *media*, a ética e violência no desporto. Este “pacote” destina-se essencialmente a dirigentes do topo da hierarquia, secretários-gerais, coordenadores técnicos e *team managers* e é apenas um dos oito que foram preparados pela FPF.

“Esta é uma unidade da federação que está em estreita colaboração com a oferta formativa existente nas universidades. Até agora, a formação tem estado centrada em dois vectores principais: treinadores e árbitros”, explicou André Seabra, director da *Portugal Football School*, detalhando que a oferta formativa vai estar integrada em oito subunidades: treinadores, árbitros, dirigentes, jogadores, *media* e sociedade, saúde e performance, instalações desportivas e investigação e desenvolvimento.

O tiro de partida é dado já em Junho, com a previsão de que todas as valências estejam em marcha no segundo semestre do ano.

nsousa@publico.pt



Breves

Seleções

Rui Jorge renova contrato por quatro anos

A Federação Portuguesa de Futebol (FPF) anunciou ontem a renovação do contrato de Rui Jorge, seleccionador nacional sub-21 e olímpico, por quatro anos. “Não são usuais contratos tão longos no futebol. É uma prova inequívoca da confiança que depositam em nós”, destacou o técnico, em declarações reproduzidas pela FPF, sublinhando a “identificação de ideias” com o presidente do organismo, Fernando Gomes. Os sub-21, orientados por Rui Jorge desde 2010, estão há mais de cinco anos sem derrotas em jogos oficiais. Neste ano, disputarão o Euro 2017, na Polónia, apontando no médio prazo ao apuramento para o Euro 2019.

I Liga

Domingos Paciência é o novo treinador do Belenenses

Domingos Paciência foi o treinador encontrado pela SAD do Belenenses para suceder a Quim Machado, que abandonou na segunda-feira o comando técnico do clube. Domingos, que estava sem clube desde praticamente o início da última temporada, quando saiu dos cipriotas do APOEL, terá como adjunto Bruno Moura e mantém Márcio Santos como treinador de guarda-redes. O treinador já está no Restelo, já começou a trabalhar com o plantel “azul” e deverá ser apresentado hoje. “Domingos representa a ambição e estamos já a preparar a próxima época. A aposta nele foi sobretudo por isso. Já gostávamos dele e foi a nossa primeira aposta”, garantiu ontem Rui Pedro Soares, presidente da SAD.

DESPORTO

Brahimi punido com dois jogos de suspensão

Futebol

Yacine Brahimi vai falhar os dois próximos jogos do calendário do FC Porto, frente ao Feirense e ao Desportivo de Chaves, referentes ao campeonato. O argelino foi castigado pelo Conselho de Disciplina (CD) da Federação Portuguesa de Futebol com duas partidas de suspensão, na sequência da expulsão de que foi alvo no encontro do passado fim-de-semana, com o Sp. Braga.

De acordo com o mapa de castigos da 29.ª jornada da I Liga, citado pelo jornal *A Bola*, o CD entendeu que Brahimi fez “gestos ameaçadores e reveladores de indignidade” e que se dirigiu ao árbitro “a gritar palavras de forma brusca e agressiva, tendo encostado a sua face à face daquele”. O jogador, recorde-se, acabou por ver o cartão vermelho, mostrado por Hugo Miguel, quando já se encontrava no banco suplentes, depois de ter sido substituído.

Com a ausência de Brahimi – que foi também multado em 765 euros –, Nuno Espírito Santo perde um



O Conselho de Disciplina justifica a decisão com os “gestos ameaçadores” que imputa a Yacine Brahimi

dos jogadores mais influentes no processo ofensivo do FC Porto e aquele que mais desequilíbrios tem provocado nas defesas contrárias, através de acções individuais. Perante este cenário, é mais do que provável o regresso de Jesus Corona ao “onze”, ele que foi fundamental na reacção dos “dragões” na segunda parte do embate com o Sp. Braga, no Minho (1-1). Quando os “azuis e brancos” entrarem em campo, no domingo (20h15), para defrontarem o Feirense, já saberão o resultado do *derby* de Alvalade, entre Sporting e Benfica, que se disputa sábado (20h30).

Para além do extremo argelino, também Luís Gonçalves, director-geral da SAD do FC Porto, foi castigado com 30 dias de suspensão e uma multa de 1913 euros, por “injúrias e ofensas à reputação da equipa de arbitragem”.



SEBASTIEN NOGIER/EPA

“Não consegui impor o estilo de jogo de que gosto”, admitiu Sousa

Cuevas foi mais objectivo que Sousa em Monte Carlo

Tênis Pedro Keul

Número um português foi eliminado na segunda ronda, com um duplo 6-3. Djokovic sofreu para eliminar Gilles Simon

João Sousa realizou mais uma boa exibição no Monte-Carlo Rolex Masters, mas não foi o único a fazê-lo naquele Court des Princes. Pablo Cuevas confirmou a boa forma que já o levou a conquistar um título este ano em terra batida e foi um bocadinho superior ao português em praticamente todos os capítulos do jogo, para vencer em dois *sets*: foi mais consistente, mais agressivo e objectivo; uma superioridade mais notória nos pontos mais longos (mais de cinco pancadas), em que venceu 40 e perdeu 17.

“Não foi um bom dia. Ele jogou muito bem, tem vindo a jogar com muita confiança. As condições, um bocadinho mais lentas que na primeira ronda, provavelmente favoreceram-no. Ele esteve muito acutilante, muito agressivo e eu não consegui impor o estilo de jogo de que gosto. No segundo *set*, tive algumas oportunidades de ficar por cima, com alguns *break-points* que caíram para o lado dele, mas não estou triste com a minha exibição”, resumiu Sousa (36.º), após ser eliminado por Cuevas (27.º) com um duplo 6-3, em 1h21m.

Depois de um *set* inicial em que o

uruguaio de 31 anos não cedeu uma oportunidade para perder o serviço, Sousa foi o primeiro a dispor de *break-points* na segunda partida e por duas vezes, sem sucesso.

O vimaranense teve ponto para 4-3, mas duas duplas-faltas (as únicas em todo o encontro) complicaram o objectivo e o experiente uruguaio aproveitou para assinar o único *break* da partida, que confirmou com um jogo em branco, antes de fechar no serviço adversário.

Ontem foi dia de estreia para Novak Djokovic (2.º), que viu o seu adversário, Gilles Simon (32.º), servir a 5-4 no *set* decisivo. Apesar de residir no Mónaco, o sérvio não quis voltar para casa e acabou por impor-se no seu primeiro encontro da época em terra batida ao fim de 2h30m: 6-3, 3-6 e 7-5. Recorde-se que na última vez que estes dois jogadores se defrontaram, no Open da Austrália de 2016, Simon obrigou Djokovic a disputar cinco *sets* em 4h30m. “Já passei a idade das derrotas encorajantes. Há uma sensação de *déjà vu*”, disse Simon, que só ganhou o primeiro dos 12 duelos travados com o ex-número um, em 2008.

Maior recuperação foi a de David Goffin (13.º) que reagiu a 1-5 para derrotar Nicolás Almagro (57.º), por 7-5, 6-1. Destaque igualmente para Tommy Haas que, aos 39 anos, voltou a ganhar um encontro em Monte Carlo depois de 13 anos de jejum, ao bater Benoît Paire (40.º): 6-2, 6-3.

Andy Murray, Stan Wawrinka e Rafael Nadal estreiam-se hoje.

pkeul@publico.pt



O NOSSO SITE DE ESTIMAÇÃO

O Pet é um projecto editorial do P3 dedicado à temática animal. É um site informativo que assume a missão de inspirar a sociedade a cuidar melhor dos animais.

p3.publico.pt/pet



ILUSTRAÇÃO: MARIANA, A MISERÁVEL



Este site tem o patrocínio de



ESPAÇO PÚBLICO



Cristiano Ronaldo



Marcar cinco golos ao Bayern de Munique numa eliminatória da Liga dos Campeões está ao alcance de poucos e Ronaldo conseguiu-o. Depois dos dois que marcou na Alemanha, Ronaldo marcou ontem mais três numa segunda mão com um resultado final que esconde o que se passou em Madrid. A verdade é que o Real passou por um grande susto e foi obrigado ao prolongamento. A jogar com dez, o Bayern já não teve forças para resistir à remontada. **J.J.M.**



Fernando Gomes



Fernando Gomes já tem uma mão-cheia de trunfos que atestam que o mandato que cumpre à frente da Federação Portuguesa de Futebol ficará para a história. Ontem, juntou mais um ao currículo, provando que consegue ver para lá da espuma dos dias, ao apontar a formação pessoal e profissional como a rota para um futuro sustentado. Num só dia, lançou um projecto de capacitação dos agentes do futebol e premiou o trabalho de Rui Jorge nos sub-21 com um contrato ambicioso. **N.S.**

May e o problema no banco de trás



David Dinis
Editorial

o Reino Unido chamaram-lhe uma “U-Turn”, uma inversão de 180 graus. Pode parecer uma volta grande, mas Theresa May fê-la em seis minutos e 51 segundos, o tempo de uma declaração em Downing Street. Da mensagem, anote estas duas passagens: “As divisões em Westminster vão pôr em risco a nossa capacidade de fazer do ‘Brexit’ um sucesso (...). Se não convocarmos eleições agora, o jogo político continuará.”

O Reino Unido parte agora para eleições antecipadas, um ano depois do referendo da saída, de May ser nomeada primeira-ministra e de esta

ter dito, e repetido, que não iria a votos antes de 2020. O imprevisível “U-Turn” tem, neste caso, uma justificação simples: as sondagens que dão aos conservadores 20 pontos de diferença face aos trabalhistas. Mas também tem justificações mais complexas, que têm menos que ver com Jeremy Corbyn e que nos dizem mais sobre o momento difícil que o Reino Unido atravessa.

Isto porque o que se tem passado em Londres nos últimos meses não é um simples jogo político. É a consequência de um referendo que resultou no “Brexit” sem que alguém, seriamente, tenha preparado terreno, argumentário ou previsto as consequências. Resultado: a primeira-ministra tem uma maioria no Parlamento britânico, sim, mas apoia-se num grupo de deputados que não é o seu. E que, como a sociedade, tem 1001 respostas diferentes para o que aí pode vir.

Hoje, a maioria conservadora é curta

e facilmente suplantada pelo chamado “banco de trás”, onde se sentaram os mais eurocéticos, aqueles que, entre os conservadores, mais empurrariam o Governo para um “hard Brexit” – uma negociação mais dura, uma solução ainda mais distante da dos caminhos da Europa. Tem sido, portanto, difícil a Theresa May governar. E seria, é bom reconhecê-lo, bastante difícil fazer assim as negociações de saída.

Do ponto de vista tático, Theresa May aproveitou a oportunidade e abriu a primeira porta para sair deste labirinto: procura a sua legitimação, tentando afastar os que se sentaram no banco de trás, tentando também tirar força aos deputados escoceses que há meses pressionam um segundo referendo.

A estratégia, porém, tem riscos para a recomposição do Reino Unido como nação. Sim, é legítimo que May queira liderar o processo do “Brexit” sem mais obstáculos. Mas, num país dividido

como nunca, esta versão “my way” (de Theresa May) arrisca-se a deitar fora a última oportunidade de reunir os britânicos em torno de um projecto comum – e não provocar a implosão de uma sociedade perdida.

Esse risco começa agora, na campanha eleitoral (e nós sabemos quão imprevisíveis os britânicos têm sido em eleições). Mas terá, depois, mais dois duros anos de obstáculos pela frente. Num percurso onde, por uma última vez, os britânicos não terão a palavra final sozinhos – terão de a dividir com os outros 27 da UE.

“Estas eleições serão todas sobre a liderança”, disse a primeira-ministra ontem. Para eles, britânicos, e para nós, europeus, era bom que May a conseguisse mostrar, para além dos jogos políticos e da dispensa do banco de trás.

david.dinis@publico.pt



As cartas destinadas a esta secção devem indicar o nome e a morada do autor, bem como um número telefónico de contacto. O PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e eventualmente reduzir os textos não solicitados e não prestará informação postal sobre eles.

Email: cartasdirector@publico.pt
Telefone: 210 111 000

CARTAS AO DIRECTOR

Portugal, paraíso turístico

Passei a Páscoa em Altura, no Algarve, onde o afluxo de espanhóis, tradição nesta quadra do ano, foi bastante superior ao habitual. É bom sinal. O nosso país é procurado cada vez mais como destino turístico, designadamente pelos *nuestros hermanos*. Pelo que vi – e não me refiro só a espanhóis –, a galinha dos ovos de ouro, designação que se costuma dar ao turismo, continua bem viva e a pôr cada vez mais ovos. Num país que tem uma indústria fraca (...), o turismo perfila-se como uma grande fonte de riqueza. [...] Portugal pode bem ser um paraíso turístico. Que haja vontade política.

Simões Ilharco, Lisboa

25 de Abril, sempre!

Daqui a oito dias comemora-se mais um 25 de Abril. De certeza absoluta que será, mais uma vez, comemorado pelo nosso povo, de norte a sul, e não só como o Dia da Liberdade. Os portugueses nunca esquecerão esta data, nunca, pois ela garantiu a alegria de viver e, sobretudo, uma maior esperança no nosso futuro (...). Mesmo com um Governo completamente diferente dos anteriores, apoiado pela chamada “esquerda”, e com o apoio de um Presidente da República também ele completamente diferente dos seus antecessores, Portugal tem muito trabalho por fazer. É que o desemprego não pára, reformados com pensões de miséria, salários baixíssimos e, sobretudo, a criminalidade que tem vindo a

aumentar. De qualquer maneira, não deixarei de dizer: viva o 25 de Abril, eternamente!
Tomaz Cardoso Albuquerque, Lisboa

O problema estará no voto popular?

O voto popular escolheu Trump. O voto popular escolheu Erdogan (51,4%). O voto popular escolherá, com muita probabilidade, Marine Le Pen. Votaram em Trump e, não obstante, é o Presidente dos EUA “mais impopular de sempre”. Trump, o homem e pai das bombas. Trump, eleito pela maioria dos americanos, “bombardeou a Síria sem consultar a ONU”. Não nos devemos preocupar? (...) Erdogan saiu reforçado. O seu povo quer ser liderado por ele. E ponto final. Não votaram numa democracia,

antes numa “autocracia”. Os turcos vão deixar Erdogan “nomear juizes sozinho, abolir o cargo de primeiro-ministro e até a candidatar-se a mandatos suplementares”? Os turcos esqueceram-se, no momento do seu voto livre, de que o homem prendeu jornalistas, intelectuais e líderes da oposição. Não devemos ficar preocupados? (...) Para terminar: a que tem levado o poder do voto popular?
Céu Mota, Santa Maria da Feira

OPÚBLICOERROU

A exposição *Villa Tugendhat* está na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e não na de Engenharia, como erradamente noticiámos na edição de 16 de Abril.

Os artigos publicados nesta secção respeitam a norma ortográfica escolhida pelos autores



Rocha Andrade



As empresas vão ter de reforçar os meios de controlo quando os negócios envolvem um cliente que tenha desempenhado cargos políticos e altos cargos públicos nos últimos 12 meses. A proposta é do Governo e transpõe uma directiva europeia. A única coisa inacreditável é terem sido precisos 43 anos de democracia para que tal acontecesse e que nenhum Governo o tenha feito antes. Provavelmente, não falaríamos tanto de corrupção. Mas mais vale tarde que nunca. **J.J.M.**



Mário Centeno



Primeira boa notícia: o FMI, normalmente pessimista, diz agora que a economia nacional vai crescer 1,7% em 2017. Um valor muito próximo dos 1,8% previstos pelas Finanças. Segunda boa notícia: o Conselho de Finanças Públicas diz que é “provável” que o Governo cumpra a sua previsão. Mas não há bela sem senão e o FMI também vem dizer que a aceleração da economia é apenas passageira. Falta o mais difícil: conseguir crescimento sustentável. **V.C.**



ESCRITO NA PEDRA

Cada pessoa deve trabalhar para o seu aperfeiçoamento e, ao mesmo tempo, participar da responsabilidade colectiva por toda a humanidade *Marie Curie (1867-1934), cientista e Nobel da Física*

Breenter the dragon



Miguel Esteves Cardoso Ainda ontem

Aposto que o Reino Unido vai outra vez surpreender o mundo. Os ingleses, escoceses, galeses e irlandeses do Norte são muito diferentes uns dos outros mas têm uma coisa em comum: não gostam de ser *taken for granted*. Nisso, são como todos os seres humanos.

Theresa May quer transformar as sondagens em eleições. Ele ganha as sondagens todas mas nunca ganhou uma eleição. Ela ganha as sondagens porque Jeremy Corbyn, pobre diabo, perde-as. Mas Jeremy Corbyn já surpreendeu toda a gente várias vezes. Poderá surpreender mais uma? Poderá ser o próximo primeiro-ministro? Claro que sim.

Theresa May teve a lata de dizer que convocava as eleições para salvaguardar o “Brexit”. Isto é, está a contar com os 52% que votaram pelo “Brexit”. Mas os 48% que votaram contra o “Brexit” só foram 48% porque muitas pessoas que eram anti-“Brexit” não foram votar porque pensavam que o “Brexit” não tinha hipótese de ganhar.

Esta eleição será uma segunda volta do referendo do “Brexit”, sobretudo na Inglaterra, na Escócia e nas grandes cidades (Londres, Manchester, Liverpool, Newcastle). Os abstencionistas anti-“Brexit” foram os mais jovens, os mais educados e mais cosmopolitas. Às pessoas de esquerda e aos liberais juntam-se, contra o “Brexit”, muitos conservadores europeístas que não suportam o provincianismo reaccionário de Theresa May.

Basta uma aliança eleitoral entre Labour, o SDP, os Lib Dems e os Greens para haver só um adversário principal contra o candidato Tory em cada *constituency*. By George, vamos a isso!

SEM COMENTÁRIOS PRIMEIRO ICEBERG DO ANO AVISTADO AO LARGO DO CANADÁ



EMPUBLICO.PT

Melania Trump: um enigma de saltos altíssimos

As opiniões sobre a primeira dama dos Estados Unidos divergem entre elogios e desprezo, mas a verdade é que pouco se sabe sobre as intenções de Melania Trump.

lifestyle.publico.pt

Portugal lidera consumo de vinho por habitante

Portugal é o país com maior consumo *per capita* de vinho do mundo, com 54 litros anuais por habitante. Em termos absolutos, os Estados Unidos são o verdadeiro motor do consumo mundial de vinho e têm a liderança do ranking.

Fugas.publico.pt

Dez estrelas do fitness para seguir no Instagram

A revista *Forbes* lançou a lista das personalidades mais influentes do *fitness* nas redes sociais. Em conjunto somam 106 milhões de seguidores.

lifestyle.publico.pt

ESPAÇO PÚBLICO

A caminho do “pós-geringonça”

Manuel Carvalho
Memória futura

Erdoğan e o referendo, televisões com banheiras de Torremolinos, cânticos negros das claques de futebol, Donald Trump e as bombas, o regresso dos negócios em areia e betão com a chancela de Paulo Portas, a redenção de Dias Loureiro, a ida do Presidente-Rei a Tires.

Alguém deu conta do pomposo Plano Nacional de Reformas e do crucial Programa de Estabilidade, a chave-mestra da política fiscal até 2021? Sim, mas pouco. E porquê? Porque o PSD critica a eito, mesmo quando diz que o objectivo da redução do défice é “excelente”; porque o CDS é hoje o Bloco de outrora, a disparar sobre tudo o que mexe; e, principalmente, porque o Bloco e o PCP estão tão mansos que até são capazes de engolir um programa político a médio prazo sustentado numa ortodoxia financeira que faz as delícias do FMI, acalma Frankfurt e santifica o Governo aos olhos dos mercados.

Definitivamente, António Costa mudou a política em Portugal. O clima de paz aparente que hoje reina é tão evidente que até parece que o primeiro-ministro governa em maioria. A oposição de direita continua cansada e sem imaginação e a posição da esquerda continua conformada e sem solução para a teia com que o PS a enredou. Para reforçar a sensação de tédio, nesta maioria não ouvimos os protestos ameaçadores dos sindicatos nem as tiradas espectaculares dos deputados do Bloco de Esquerda e do PCP. Ou melhor, ouvimos, mas não lhes damos valor. Fazem lembrar a anedota do “agarrem-me senão eu bato-lhe”. Vejam-se as verbas que o Governo anunciou para reduzir o “brutal aumento de impostos” da era de Vítor Gaspar – uns parques 200 milhões. Pois o Bloco diz que é pouco, mas deixou de pedir a mais uma décima no défice para financiar uma mais generosa devolução de rendimentos. E porquê? Porque o Governo não quer, nem deixa, e, diz a prudência, não se deve travar uma guerra que não pode vencer.

Costa criou assim a minoria mais maioritária da história recente do regime. Uma minoria sustentada por um programa onde as palavras são da esquerda e as práticas do centro ou da direita. Nesse albergue espanhol cabe tudo: a opinião moderada, a direita centrista ou a esquerda radical. Quer disciplina fiscal, respeito pelos compromissos europeus e défices estruturais que tanto regozijam os mercados? O Governo tem. Quer mais dinheiro para a função pública, por pouco



que seja, para que os sindicatos e o PCP possam ter algo em que se agarrar? O Governo providencia. Quer verbas para baixar o IRS? O Governo trata. São Bento é uma loja chinesa, onde há tudo o que não ponha em causa a responsabilidade fiscal e nem aborreça a vigilância de Bruxelas. Com jeitinho, haverá sempre uns trocos para alimentar a propaganda e manter firme a empreitada que tornou o Governo o campeão nacional do défice em muitas temporadas. O seu eleitorado, moderado e europeísta, aplaude. Os outros eleitorados resmungam, mas acabam também por anuir.



O Governo começa a agir como um senhor feudal: só tem de distribuir protecção e amendoins aos seus vassallos para garantir a sua fidelidade



A “geringonça” deu muitos sinais de que estava a mudar e agora mudou mesmo. A “geringonça” deu os seus primeiros passos sempre à espreita dos humores dos parceiros e dos rumos das “posições conjuntas”; depois, conheceu a sua versão 2.0, quando o PS toma as rédeas da situação e acaba com todas as suspeitas de que a ortodoxia da zona euro podia ser posta em causa; agora, com a aprovação do Pacto de Estabilidade, entramos definitivamente na era “pós-geringonça”. Porque aquilo que António Costa e Mário Centeno aí propõem é uma opção política que faz tábua rasa dos compromissos originais de 2015: a “obsessão” do défice exprime claramente um desejo programático muito mais próximo do que faria o CDS do que caberia num programa do Bloco ou do PCP. Os que sempre falaram numa aliança contranatura têm aqui um certificado da sua razão. Mas os que diziam que os três partidos que sustentam o Governo seriam incapazes de gerir essas diferenças enganaram-se rotundamente (é o caso de quem assina estas linhas).

Se o que colava o Bloco e o PCP ao PS era um milagre criado sobre égide da rejeição a Passos Coelho, a unidade após o Pacto de Estabilidade é um mistério criado pelo medo de saltar de um banco que tem

andado benzinho. Até agora, cumprir as metas do défice era uma obrigação. Mas, o Governo já as cumpriu e em vez de relaxar (como meia Europa faz), acelera. Ora estar abaixo do limiar imposto pelas regras europeias é uma coisa; estar muito abaixo desses limiares é algo muito diferente. Porque extinguiu-se a causa do compromisso europeu, a necessidade ou o dever de finanças sãs, a honra ou a credibilidade do país no exterior. Com o défice mais baixo da democracia na mão, o Governo reforça a dose de austeridade para ir ainda mais além e ao seguir esse caminho faz uma provocação à esquerda. Uma provocação deliberada e escandalosa, que amarra o Bloco e o PCP a uma ortodoxia que ambos execram e contra a qual sempre combateram. Em 2021, veja-se só o escândalo, Portugal vai ter um *superavit*.

A placidez que assinala o debate do défice é o sintoma de que o Bloco e o PCP se ajustaram ao mundo que criaram. Aprenderam que não há compromissos sem cedências, nem negociações sem contrapartidas. Esforçam-se por combinar os versos que dizem com a música que o Governo compõe. No final, é tudo música. O PCP afirma que o pacto é “uma sujeição às imposições da União Europeia” que “limita a capacidade de dar resposta aos problemas do país”, mas não admite levá-lo à votação; o Bloco, mais brando, fala em “omissões”, mas acredita que em 2019 haverá lugar para a continuação da reposição de rendimentos. Fora a obsessão do défice? Morte à austeridade? O grande capital financeiro que pague a crise? O Governo que trate de aumentar os “salários de miséria” ou de reforçar a protecção social? Os *slogans* do passado fazem pouco sentido.

Sem margem de manobra para a actualização das posições conjuntas onde se inscrevesse uma nova geração de políticas mais próximas do Bloco e do PCP, estes partidos reagiram ao défice de 2016 e às ambições do Pacto de Estabilidade com uma passividade subalterna e uma dependência medrosa. Mário Centeno pode fazer pelos jornais de que quem manda é ele e as regras do Pacto de Estabilidade que nada lhe acontece. O Governo começa a agir como um senhor feudal: só tem de distribuir protecção e uns amendoins aos seus vassallos para garantir a sua fidelidade e reinar como quiser. A “geringonça”, uma máquina em equilíbrio instável, está em crise. Tem agora um motor forte para a arrastar sem que ninguém ouça as peças mais fracas a pedir uma velocidade mais baixa e ainda menos mudanças de direcção.

Jornalista. Escreve à quarta-feira
mcarvalho@publico.pt

Tirando a casca ao discurso do Governo

Santana Castilho

Os normativos que regulam a carreira docente estão inertes em matéria de direitos

1 Quando se inquirirem os portugueses relativamente à confiança que depositam nos diferentes grupos profissionais, os professores figuram nos lugares cimeiros. Em sentido inverso funciona a confiança dos professores nos políticos que os tutelam. Ontem, isso mesmo ficou patente no seu protesto público. Tirando a casca ao discurso do Governo, resulta o vazio do que já devia ter sido feito.

Os normativos que regulam a carreira docente estão inertes em matéria de direitos. Urge regular as ilegalidades que foram acumuladas ao longo dos tempos e assegurar a contagem de todo o tempo de serviço prestado pelos docentes. Urge assumir que o congelamento da progressão na carreira cessa a partir do início do próximo ano. Urge deixar de classificar como trabalho não lectivo o trabalho que é efectivamente lectivo e estripar do dia-a-dia da docência a inutilidade de milhares de tarefas burocráticas estúpidas, que apenas funcionam como elementos de subjugação a favor de chefias inaptas. Por outro lado, cerca de metade das situações de contratação precária por parte do Estado diz respeito a docentes. Neste contexto, é imperioso que o Governo cumpra, sem truques, a Directiva 1999/70 da Comissão Europeia.

No quadro mais restrito da gestão das escolas, três vertentes são incontornáveis: reversão da enormidade dos agrupamentos, alteração do modelo de gestão e garantia de que a chamada “descentralização de competências” passa pelo aumento da sua autonomia, que não pela entrega às autarquias de responsabilidades que pertencem às escolas.

2. Os recentes acontecimentos de Torremolinos evidenciaram confusões de apreciação que merecem rejeição preocupada. Entendamo-nos: a frequência dos incidentes com estudantes nunca lhes pode conferir normalidade; há limites que têm de ser estabelecidos e em circunstância alguma podem ser ultrapassados; é inaceitável que se desvalorize o problema com atenuantes que fomentam a irresponsabilidade; o Ministério da Educação não pode continuar alheio a um fenómeno que se tornou recorrente e

também lhe diz respeito.

A escola não será directamente responsável por problemas de comportamento que devem ser tratados pelos pais. Mas não pode ficar alheia a eles e deve aceitar que tem aí responsabilidades indirectas, via indisciplina escolar. Com efeito, o laxismo face a insultos e agressões entre alunos, a permissividade relativa à linguagem obscena que se tornou normal nos corredores e recreios, a tolerância com os telemóveis que tocam durante as aulas e todo um cortejo de comportamentos disruptivos que se banalizaram são obstáculos de monta à qualidade cívica do relacionamento interpares e estão na génese da evolução para situações de pré-delinquência. Fenómenos sociais complexos removeram os traços de autoridade inerentes à condição de ser professor e modificaram a representação que a sociedade tem da profissão. Esta circunstância tornou central a necessidade de que a sociedade, toda a sociedade, crie novas formas de apoiar os professores na tarefa gigante de ensinar e educar os filhos de todos os portugueses. É, assim, essencial reforçar e ampliar o trabalho das poucas estruturas de mediação entre a escola e a família e passar da simples retórica discursiva, inconsequente, para

Tirando a casca ao discurso do Governo, resulta o vazio do que já devia ter sido feito



políticas eficazes de valorização social e profissional dos professores.

3. O estudo da generalização do uso de manuais digitais foi aceite pelo Parlamento, após proposta do PEV. É preocupante a tendência para substituir livros por recursos digitais, sem estarem apuradas as consequências que daí podem advir para os alunos, em sede de desenvolvimento cognitivo. Com efeito, o avanço recente do conhecimento nesta área põe reservas fortíssimas à ideia segundo a qual é desejável a imersão total dos jovens na tecnologia digital. Outrossim, o que a psicologia cognitiva nos vai dizendo é que não chega fornecer ferramentas digitais para que o conhecimento se adquira, já que essa aquisição segue processos cerebrais que pouco distinguem o “nativo digital” do adolescente das cavernas.

Professor do ensino superior

A França, nossa vizinha

Francisco Louçã

O reio que não há ninguém à esquerda que responda simultaneamente a duas condições: primeira, aceitar a União Europeia como instituição capaz de cumprir a sua promessa; e, segunda, acreditar que é realizável um plano concreto de reforma democrática que corrija as suas contradições. Entendamo-nos antes que me bombardeiem: há por certo quem ache que esta União é o destino celestial, a própria ideia de Europa, que encarna a paz, a prosperidade e até o Estado social, mas, com uma vénia, prefiro não discutir misticismos, tanto mais que até os iluminados se aperceberam, e alguns com quanta amargura, que Merkel e Hollande e Dijsselbloem não são os corifeus angelicais que nos conduzirão ao paraíso. Por isso, a contradição é esta: os que têm fé na União que nos pintaram sabem que não há forma de cumprir tal promessa e que nos afastamos inexoravelmente desse encantamento. Depois do ignóbil acordo com a Turquia sobre os refugiados, depois da austeridade curativa imposta a Portugal e outros países, depois da falência da Grécia, o tempo para a inocência acabou.

É precisamente isso que nos lembra a França na última semana da sua campanha eleitoral. A crise francesa é filha do vazio europeu ou, mais ainda, é o preço de uma política que destroça os regimes a que foi retirada a legitimidade e a capacidade de criar expectativas para a vida das pessoas. No que é porventura o país mais politizado da Europa, onde começaram todas as grandes esperanças e tragédias dos séculos XIX e XX, a disputa resume-se então a isto: o único candidato obediente-europeísta é o homem do centro político, um aventureiro financeiro, Macron; os dois partidos que têm sucessivamente governado parecem estar afastados da disputa, com Hamon, do PS, abaixo dos 10%, e os Republicanos, a direita gaullista tradicional, remando contra a dissolução pelo escândalo; na direita, a candidata forte é Le Pen, dando corpo a um discurso nacionalista de extrema-direita; e o único candidato viável à esquerda, o que mais tem subido nos últimos dias,

Mélenchon, é porta-voz da ruptura com os tratados europeus e o seu directório.

Claro que, sendo as sondagens o que são, ninguém pode excluir qualquer cenário e isso é a mais grave expressão da crise de regime. A segunda volta pode bem vir a ser Macron-Mélenchon, ou Le Pen-Mélenchon, ou Macron-Le Pen. O que também quer dizer que qualquer dos três pode ser presidente dentro de semanas, tendo aliás uma característica em comum, não sabem como formariam maioria de governo após as eleições legislativas.

Mas note a diferença face ao que se antevia há meses: dizia-se que Juppé iria ganhar com a maioria republicana, mesmo que a desdemonizada Le Pen fosse a mais votada na primeira volta. Perante o colapso do centro, a direita solene venceria a extrema-direita arrivista e tudo voltaria ao normal.

Todo esse plano, se era um plano, desabou. De facto, foi a emergência de um candidato à esquerda que mudou a paisagem eleitoral, dado que Mélenchon respondeu ao colapso do centro e da direita tradicionais, mobilizando energias das lutas populares e da identidade nacional em resposta à perseguição que a União move contra as políticas sociais. Ele constitui o único antídoto que enfrenta Le Pen. Creio que é por isso que a sua candidatura cresce tanto nos últimos dias: passou a ser a voz da esquerda social contra o sono da razão. Ora, se as eleições são a única válvula de escape contra a mais opressiva das opressões, o discurso da inevitabilidade do empobrecimento em benefício da plutocracia e da cizânia entre comunidades, temos pela primeira vez uma resposta ao risco da extrema-direita: perdido o centro, é do surgimento de uma nova esquerda que busque ser maioritária que depende a salvação de uma política de bem-estar contra o fanatismo do mal-estar.



**blogues.publico.pt/
tudomenoseconomia/**
Por Ricardo Cabral, Francisco Louçã e António Bagão Félix

Ricardo Cabral escreve à 2.ª e 5.ª, António Bagão Félix à 3.ª e 6.ª e Francisco Louçã à 4.ª e sáb.

ESPAÇO PÚBLICO

A sustentabilidade futura das universidades

António Rendas

A conferência anual da Associação Europeia das Universidades (EUA) reuniu em Bergen, entre 6 e 7 de abril, para discutir o futuro da sustentabilidade universitária. Ao longo de séculos, com inúmeros avanços e recuos, as universidades conseguiram que a sociedade, através dos governos, lhes fosse outorgando mais autonomia para ensinar e investigar, com base numa confiança mútua na importância do conhecimento.

No fim do século XX essa confiança foi sujeita a um escrutínio por dois motivos: o conhecimento deixou de ser maioritariamente pertença das universidades – toda a sociedade pretende ser “do conhecimento”; e a responsabilidade social tornou-se parte integrante do funcionamento universitário, diretamente ligada com o financiamento. As universidades passaram a mostrar, publicamente, como utilizam os recursos colocados ao seu dispor pela sociedade.

As universidades do século XXI são organizações muito complexas e, mesmo no espaço europeu e norte-americano, ainda bastante frágeis quando o poder político, económico ou religioso interfere no seu funcionamento. Esse risco, que é real, exige uma atenção constante e uma denúncia intransigente. Por isso esta defesa deve também ser feita através da demonstração das vantagens da autonomia para o funcionamento das próprias universidades.

Na conferência mostrou-se, de uma forma quantitativa, decompondo a autonomia universitária em quatro componentes – organizacional, financeiro, de recursos humanos e académico –, que era possível definir perfis da autonomia universitária em 25 países europeus. Utilizando um número significativo de indicadores, esta análise, inicialmente publicada em 2011 e agora atualizada em 2017, mostra a heterogeneidade dos sistemas universitários nacionais e ilustra a importância das intervenções políticas, ou das suas ausências, no funcionamento das universidades.

O elevado nível de autonomia do Reino Unido e dos países escandinavos, que é semelhante para os quatro componentes, reflete esse balanço a favor das universidades. Níveis elevados de autonomia também se encontram na Holanda, na Irlanda e nalguns países bálticos, embora com um perfil mais heterogéneo. Em contraste, existem níveis homogeneamente reduzidos de autonomia na França e nos países do centro-leste e do sul da Europa,



MARTIN HENRIK

traduzindo os efeitos de intervenções políticas centralizadoras sobre muitos sistemas universitários.

Portugal foi considerado como um estudo de caso ao nível da autonomia universitária porque nenhum outro país europeu realizou, em tão pouco tempo, entre 2005 e 2011, uma reforma global do ensino superior como a que foi concebida e executada

por José Mariano Gago. Esta reforma colocou Portugal no grupo dos países europeus com um nível medianamente elevado de autonomia e, consequentemente, com maior independência e sustentabilidade. Sem esse grau de autonomia, as universidades portuguesas não teriam resistido aos efeitos da crise económica e financeira que se seguiu às reformas. O Presidente da EUA, Rolf Tarrach, físico tal como



Mariano Gago e seu contemporâneo, prestou-lhe, por tudo isso, pública e espontânea homenagem.

A estabilidade orçamental que se vive na presente legislatura, decorrente do contrato assinado entre as universidades e o Governo, bem com as medidas de estímulo ao emprego científico e de combate à precariedade, promovidas pelo ministro Manuel Heitor, permitem às universidades portuguesas, num contexto de maior autonomia, encarar o futuro com moderado otimismo.

Reitor da Universidade Nova de Lisboa

A Turquia de Erdogan: sim, mas...

André Barrinha

Há em toda esta estratégia de consolidação de poder um fator cujo controlo não está totalmente assegurado: o povo turco

Foi há praticamente nove anos que o Tribunal Constitucional turco decidiu pela diferença de um voto não encerrar o Partido da Justiça e do Desenvolvimento (AKP) e não irradiar os seus líderes da vida política. A acusação, a mesma que levou ao fim do Governo de Necmettin Erbakan em 1997 e ao encerramento dos dois partidos “antecessores” do AKP – o Partido do Bem Estar (Refah Partisi) e o Partido da Virtude (Fazilet Partisi) –, era que o AKP tinha posto em causa os princípios fundamentais – leia-se seculares – da República turca.

Um ano antes, o AKP tinha decidido nomear o ministro dos Negócios Estrangeiros, Abdullah Gül, para Presidente, o que levou a enormes manifestações um pouco por toda a Turquia e à publicação online de uma ameaça de intervenção por parte das Forças Armadas (conhecido como o *e-memorando*), caso o secularismo da República não fosse garantido. A solução encontrada pelo então primeiro-ministro Recep Tayyip Erdogan e pelo seu partido foi a convocação de eleições antecipadas, eleições que ganharia pela segunda vez consecutiva com maioria absoluta. Um mês depois, o Parlamento nomearia (pela última vez) Abdullah Gül como Presidente da Turquia.

A cada obstáculo de percurso – e têm sido muitos –, a principal arma de Erdogan tem sido o recurso ao apoio popular. Desde Novembro de 2002 que o AKP venceu todas as eleições em que participou – legislativas, locais e presidenciais –, assim como os três referendos que organizou. Este último, realizado no passado domingo, foi porventura o mais ambicioso no sentido de dar ao AKP a estrutura institucional necessária para se consolidar no poder pelo menos durante a próxima década. As 18 emendas à Constituição aprovadas pelo referendo oferecem o domínio da política turca à figura do Presidente. Ao poder efetivo que este já detinha sobre a vida política turca, Erdogan consegue agora adicionar o poder institucional que lhe permite governar o país sem necessitar do recurso a medidas de exceção (o estado de emergência decretado em Julho passado

após o falhado golpe militar mantém-se em vigor).

Consegue também completar um processo de afirmação de poder estrutural do AKP que inclui agora o domínio sobre todas as esferas de atividade da sociedade turca: desde os meios de comunicação social às universidades. E este é um aspeto fundamental para se perceber o trajeto político de Erdogan e do AKP nos últimos 15 anos. Com a vitória neste referendo, Erdogan garante que aquilo que aconteceu em Julho de 2007 não volta a acontecer.

Há, no entanto, em toda esta estratégia de consolidação de poder, um fator cujo controlo não está totalmente assegurado: o povo turco. Apesar dos repetidos sucessos eleitorais, Erdogan tem visto as margens de vitória decrescer e as acusações de interferência nos resultados a aumentar. Erdogan, que esperava obter 55% dos votos neste referendo, não foi além dos 51,4%. Isto numa campanha em que os meios de comunicação social estiveram

O cenário era favorável ao “sim” mas referendo revela eleitorado mais dividido do que o AKP previa



completamente dominados pelos apoiantes do “sim”, em que importantes figuras políticas da oposição se encontram presas (como é o caso do líder do HDP, Selahattin Demirtas) e em que um clima de medo faz com que muitos tenham preferido o silêncio a fazer campanha pelo “não”. É preciso ter em consideração que desde o fracassado golpe militar do verão passado, mais de 130 mil pessoas perderam o seu emprego e quase 50 mil estão na prisão.

Uma diferença tão pequena nos resultados (todas as principais cidades turcas votaram maioritariamente “não”) perante um cenário tão favorável ao “sim” revela um eleitorado turco mais dividido que aquilo que o próprio AKP previa. Se a isto juntarmos um crescimento económico modesto, uma taxa de desemprego elevada e um contexto geopolítico muito tenso, parece evidente que Erdogan não tem assim tantas razões para sorrir.

Professor de Relações Internacionais na Universidade Canterbury Christ Church (Reino Unido) e investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

A reforma da floresta

Ascenso Simões

A reforma da floresta valiosa será aquela que volte a dar rendabilidade aos proprietários

A vida política não comporta, habitualmente, os conceitos de justiça. Com essa circunstância nos demos sempre mal. É exatamente por isso que cumpre agradecer ao ministro da Agricultura e ao secretário de Estado das Florestas as propostas recentes sobre a reforma da floresta.

Olhamos Ortega y Gasset para consagramos a circunstância, para verificarmos o tempo político, o tempo mediático e o tempo económico e constataremos a dificuldade em ir mais longe. Porém, o hoje não limita o amanhã e a reforma da floresta voltará, não tarda, ao acerto entre partidos.

Uma reforma, que não o somatório de leis porque estas não têm pernas, deveria ter leituras assentes em visões de curto, médio e longo prazo, assumir uma estratégia que perdurasse. Se há política de longo prazo que ainda se avoca, é mesmo a da floresta. Porque o investimento só se revela em dezenas de anos, porque a questão fundiária só se altera em gerações, porque a recuperação do simbolismo do agroflorestal, em tempo de normalização, só se assume numa visão da educação desde o berço.

O curto prazo é o que se prende com o impacto dos incêndios florestais e como se articulam os eixos do sistema. Se na prevenção operacional e no combate o país teve avanços significativos, a prevenção estrutural ainda não verá o ganho de dimensão e qualidade que importa. Ou seja, as 20 novas equipas de sapadores e os meios para a “operação do fogo prévio” ficam aquém do que já em tempos se iniciou, um verdadeiro dispositivo integrado, com autoridade e com objetivos. Também no curto prazo importa perceber a incorporação da tecnologia na prevenção, o benefício/penalização fiscal das operações de gestão e a recuperação das áreas ardidas. Importaria não passar por cima das obrigações de cada dia que competem aos proprietários e ao Estado. Para além disso, a visão moderna da valorização da floresta não se pode fazer sem a colocação amigável da sua importância para cada cidadão. A guerra comunicacional massificada pela defesa da floresta é uma obsessão que o



ministério respetivo deve assumir entre outubro e maio, para dar lugar à proteção civil nos restantes tempos.

O médio prazo é a ponderação do valor económico. Nenhum proprietário olhará para o seu território se não tiver um resultado que seja entendível, mensurável. Ora, uma reforma global deve comportar o papel dos montados, o papel do pinho e o papel do eucalipto, incluindo a leitura interprofissional. Mas também deve comportar os produtos e recursos da

“O país precisa de reponderar as linhas de investimento que os quadros europeus concedem



floresta, cada vez mais importantes e cada vez mais significativos nas economias locais. Poucos assumem esta vertente como relevante, como também tem acontecido com a valorização energética que deve observar cuidados máximos perante a ambição da “renda garantida” dos promotores.

A fileira que mais atacada está, a do pinho, não encontrou qualquer caminho visível

e optou-se por imolar a do eucalipto. É, aliás, por isso que o avanço clandestino do eucalipto, negando a certificação, se fará sentir e o preço corrente pago pelas celuloses será ainda mais baixo. A fileira do pinho, outrora tão relevante pelo seu ecletismo, vive tempos difíceis, resultado da crise na construção, dos sucedâneos na logística, da ausência de regulação dos mercados e intervenção nos preços, da sua pulverização e arcaísmo nos modelos de negócio e ainda das questões fitossanitárias. Os 35 euros/ton, que as *pellets* pagam, são uma exploração “mineira” nefasta a prazo. Ou seja, a reforma da floresta valiosa será aquela que venha a conseguir voltar a dar rendabilidade aos proprietários e isso é difícil de encontrar por agora.

Nesse sentido, o nosso país precisa de reponderar as linhas de investimento que os quadros europeus concedem. Ao olhar para o Programa de Desenvolvimento Rural poderemos dizer que a floresta é um parente pobre, que a consignação de recursos financeiros se afirma numa espécie de papel químico perante cada folha escrita no passado. Há interesse e coragem para ter uma leitura que não seja “arcaizante” dos fundos?

Por último, nesta verificação rápida, a visão de longo prazo. O problema do cadastro não é o alfa e o ómega de qualquer política. Sim, o nosso país não conhece muitos dos seus prédios e desconhece

quem são os seus atuais proprietários. Mas não é verdadeira a ideia de que haja mais de um milhão de parcelas sem dono. O Estado conhece a propriedade através dos registos prediais, das inscrições fiscais, do parcelário, do inventário das zonas de caça, do levantamento das Zonas de Intervenção Florestal (ZIF), dos censos das Organizações de Produtores Florestais. Tudo somado, em base tecnológica segura e com equipa mínima de geógrafos, silvicultores, agrónomos e agentes tributários, poderia fazer poupar muitos anos e muito dinheiro. Mas não foi este o caminho.

Por outro lado, as inovações relativas à administração das ZIF e às entidades de gestão florestal podem não conceder, só por si, novas dinâmicas. Claro, se se tornam mais amigáveis os critérios para a formalização dessas administrações e dessas entidades haverá um primeiro impacto positivo como já aconteceu em 2009. Acontece que o grande problema destes entes é a inexistência de uma leitura de mercado por parte das entidades públicas e uma excessiva preponderância da subsidiodependência. Faltou, por agora, uma inovadora reforma do arrendamento florestal que, aí sim, permitisse encontrar as dimensões certas para a valorização económica do território e um National Trust que abrisse os novos mundos da economia florestal.

No final, concluindo a visão de longo prazo, importa assumir uma estratégia para os terrenos públicos e para os terrenos comunitários. O país tem sido permanentemente assaltado na gestão das propriedades públicas e tem sido um mau cogestor das propriedades comunitárias. Ora, o programa público de gestão florestal dos pinhais e dos parques não podia ficar de fora deste tempo. Mas ficou!

Este é o quarto tempo de reinvenção das obrigações que se parqueiam no Ministério da Agricultura. O primeiro ficou marcado com a “lei de bases”; o segundo, com a reforma pós-incêndios de 2003; e o terceiro, com a reforma pós-incêndios de 2005. Mas o que é incrível é que o país ainda tem, em vigor, leis estruturantes da floresta que são dos primeiros cinco anos do século XX. Sim, dos primeiros anos do século XX. As tentativas, em 2009, de promover a atualização do património jurídico da floresta pararam na ausência de ambição. E essa ambição é tão necessária hoje como sempre foi. Faltou por isso e por agora um novo Código Florestal. Mas o enquadramento parlamentar atual, principalmente a demissão programática do PSD, nunca permitiria a consagração total e absoluta da modernidade.

Ex-secretário de Estado do Desenvolvimento Rural e das Florestas

Quarta-feira, 19 de Abril de 2017

BARTOON LUÍS AFONSO

O FMI DIZ QUE A ECONOMIA PORTUGUESA VAI ACELERAR EM 2017 E ABRANDAR EM 2018. QUE ACHA DISTO?



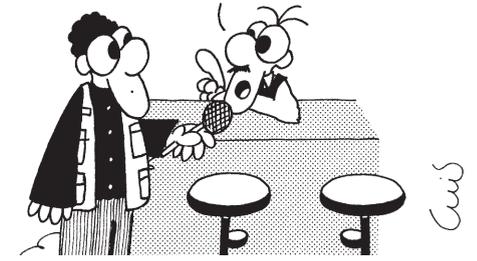
EU PREFERIA IR POR PARTES.



POR PARTES?



AGORA FICO SATISFEITO COM A ACELERAÇÃO. DEPOIS LOGO PENSO NO ABRANDAMENTO.

**CONSOANTEMUDA****TINA contra TINA a Europa não atina****Rui Tavares**

Os leitores desta coluna devem estar lembrados de uma polémica em torno da saída do euro que motivou um pingue-pongue a três entre Carlos Carvalhas, José Gusmão e eu. Pois bem, a crónica de hoje é o reverso da moeda, mas com Vital Moreira, ex-eurodeputado, e António Cabral, ex-funcionário da Comissão Europeia, em discordância comigo. O ponto de vista de ambos é diametralmente oposto ao dos meus anteriores interlocutores, mas – é a minha opinião – ambas as perspetivas, por opostas que sejam, acabam por reforçar a frustração que tanta gente sente com o projeto europeu hoje.

Vamos ao pormenor.

Em resposta a uma crónica minha sobre o Eurogrupo, Vital Moreira defende (no seu blogue Causa Nossa) que teria sido impossível gerir a crise de 2008 como União e não como mera coleção de países, escrevendo

que “não havia instrumentos nos tratados para esse efeito”. Escreve também, a propósito da ideia que defendi de substituir Dijsselbloem por Moscovici (que por ser membro da Comissão estaria obrigado a responder perante o Parlamento Europeu e a respeitar a jurisdição da Carta Europeia dos Direitos Fundamentais) que “um membro da Comissão nunca poderia ser presidente do Eurogrupo, que é uma formação informal do Conselho”. Ora, tentando não ser demasiado técnico, os tratados já previam antes da crise que a União se pode “dotar dos meios necessários para atingir os seus objetivos” – entre outros, coesão, solidariedade e pleno emprego – através de um processo legislativo especial, por unanimidade, para criar instrumentos orçamentais novos para a UE (artigo 311 TFUE). Mesmo sem unanimidade, um conjunto de países pode sempre iniciar uma “cooperação reforçada” para atingir os mesmos objetivos. As “impossibilidades” de que fala Vital não são obstáculos jurídicos, mas políticos. E é enquanto obstáculos políticos que algumas supostas impossibilidades dos últimos anos têm vindo a ser superadas. O mesmo vale para a



Felizmente, a democracia é mais do que ter de escolher entre a TINA (‘não há alternativa’) da saída do euro e a TINA da austeridade

substituição de Dijsselbloem. Num relatório recente sobre reformas para a UE no âmbito do Tratado de Lisboa, o Parlamento Europeu diz claramente “que é possível fundir o cargo de presidente do Eurogrupo e de comissário dos Assuntos Económicos e Financeiros” e aconselha a tomar-se essa opção (Relatório Bresso/Brok). Em suma: não é por uma opinião ser convencional, mesmo que Vital Moreira partilhe dela, que se torna num facto.

Passando a outro interlocutor: António Cabral contesta numa extensa crónica em duas partes (aqui no PÚBLICO) uma breve referência minha ao facto de a “saída limpa” portuguesa ter deixado de fora as enormes debilidades da banca nacional. Sublinha ele que o pedido de resgate do Governo português fazia apenas referência a problemas de liquidez e não de solvência da banca portuguesa e apela aos discordantes “que se queixem a Sócrates, primeiro-ministro de então, não a Passos-Portas”. Ora, podemos certamente queixar-nos de ambos, não? Eu, pelo menos, queixo-me. E queixei-me também, desde então, da atitude das instituições europeias e de

grande parte do comentariado nacional e internacional da época. Durante anos toda esta gente agiu como se o problema de Portugal estivesse nos Custos Unitários do Trabalho enquanto descurava, até ao fim do programa, o perigo do nosso sistema financeiro. António Cabral acha que “o programa foi ‘concentrado no Estado’ e bem”. Certamente tem razão numa coisa: grande parte dos nossos políticos e eurocratas concordaram com isso. Pois essa é precisamente a nossa divergência – de políticas e não de factos.

Felizmente, a democracia é mais do que ter de escolher entre a TINA (“there is no alternative” ou “não há alternativa”) da saída do euro e a TINA da austeridade. A alternativa para Portugal é uma grande revalorização interna das pessoas, do conhecimento e do território. E a alternativa para a Europa é uma profunda democratização deste projeto civilizacional único que está em riscos de se perder. Demora mais e dá mais trabalho. Mas com uma grande vantagem: estas são as alternativas que mais podem mobilizar uma maioria de portugueses e europeus.

Historiador, fundador do Livre

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Euromilhões 17 22 31 38 45 5 12 **1.º Prémio 25.000.000€**

P Contribuinte n.º 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410 | (E9C4E111-40E3-4F97-B777-305DB1FF2211): Ângelo Paupério Vogais: Cláudia Azevedo, Cristina Soares E-mail publico@publico.pt Estatuto Editorial publico.pt/nos/estatuto-editorial Lisboa Edifício Diogo Cão, Doca de Alcântara Norte, 1350-352 Lisboa; Telef.: 210111000 (PPCA); Fax: Dir. Empresa 210111015; Dir. Editorial 210111006; Redação 210111008; Publicidade 210111013/210111014 Porto Praça do Coronel Pacheco, nº 2, 4050-453 Porto; Telef.: 226151000 (PPCA) / 226103214; Fax: Redação 226151099 / 226102213; Publicidade, Distribuição 226151011 Madeira Telef.: 963388260 e/ou 291639102 Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA. Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia. Capital Social €50.000,00. Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. Impressão Unipress, Travessa de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Telef.: 227537030; Lisgráfica - Impressão e Artes Gráficas, SA, Estrada Consiglieri Pedroso, 90, Queluz de Baixo, 2730-053 Barcarena. Telef.: 214345400 Distribuição VASP - Distribuidora de Publicações, SA, Quinta do Grajal - Venda Seca, 2739-511 Aqualva Cacém, Telef.: 214 337 000 Fax : 214 337 009 e-mail: geral@vasp.pt Assinaturas 808200095 Tiragem média total de Março 32.507 exemplares Membro da APCT



VISAPRESS
Direitos de Autor Protegidos

PUBLICIDADE

Um jogo de
espionagem
e traição



**DVD A IDADE
DAS SOMBRAS**

+9,99€
SEGUNDA, 24 ABR
COM O PÚBLICO

Limitado ao stock existente